

KRIKOR AUGUSTO HOVSEPIAN

O HOMEM E A GUERRA: O MUNDO DO EX-COMBATENTE

Pontifícia Universidade Católica

Faculdade de Psicologia

São Paulo

2007

KRIKOR AUGUSTO HOVSEPIAN

O HOMEM E A GUERRA: O MUNDO DO EX-COMBATENTE

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof. Carlos Eduardo
Carvalho Freire

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2007

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família, sem a qual meu caminho até aqui não teria sido possível.

À minha namorada Paula Mascellani Higa, pelo amor, apoio nos momentos fáceis e difíceis, e ajuda na transcrição das entrevistas e revisão geral.

Aos meus grandes amigos (especialmente os do clube do Bolinha) que me acompanharam no percurso da graduação, tornando-a mais rica e completa.

Ao meu professor e orientador Carlos Eduardo Carvalho Freire por trilhar comigo a árdua estrada que é transformar uma questão em uma obra.

À Sheila Eun Jung Park e César Campiani Maximiano por me ajudarem a encontrar participantes para esta pesquisa, mostrando que ela não era impossível.

Aos participantes desta pesquisa, pela disposição, disponibilidade e paciência inestimáveis para que ela pudesse ter sucesso.

À Associação dos Ex-combatentes do Brasil, Secção de São Paulo, e seus membros, pelo acolhimento e portas abertas.

Área do conhecimento CNPq: 7.07.00.00-1

Krikor Augusto Hovsepian: O Homem e a Guerra: o Mundo do Ex-combatente, 2007

Orientador: Prof. Carlos Eduardo Carvalho Freire

Palavras chave: ser-no-mundo; guerra; fenomenologia

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar o impacto que combater em guerra teve no mundo dos participantes; em outras palavras, o trabalho pergunta se, mesmo após participarem de um confronto bélico, seu mundo se mostra capaz de silenciar a angústia existencial. Para isto, foram realizadas entrevistas reflexivas com três octogenários, ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial que atuaram na Força Expedicionária Brasileira. No capítulo I é apresentado o método fenomenológico, que serve de base para esta investigação, e as questões empregadas para a realização das entrevistas. No capítulo II são discutidos os termos heideggerianos ser-no-mundo, ser-com-os-outros, queda e angústia, que são utilizados como referências centrais para compreender o material conseguido nos encontros com os participantes. O capítulo III inclui os resultados obtidos, já trabalhados com o olhar voltado para o mundo destes ex-combatentes, que de forma geral se mostrou cheio de referências de familiaridade, sendo tranquilizador da angústia. Também são apresentados os sentidos principais da vivência de guerra para estas pessoas, que são basicamente de heroísmo, patriotismo e orgulho. Na última seção os resultados que foram expostos anteriormente de maneira separada são articulados em suas aproximações e distanciamentos. Em seguida é discutida a questão da posição prévia do autor, que esperava inicialmente encontrar nos participantes uma perda de familiaridade e de sentido, e no entanto se deparou com o oposto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – FENOMENOLOGIA E A QUESTÃO DO MÉTODO.....	7
CAPÍTULO II - SER-NO-MUNDO, SER-COM-OS-OUTROS, QUEDA, E ANGÚSTIA.....	11
Ser-no-mundo.....	11
Ser-com-os-outros, mundo compartilhado.....	14
Impessoal e queda.....	16
Angústia existencial.....	19
CAPÍTULO III – RESULTADOS.....	22
Em direção ao mundo do sr. César.....	22
Em direção ao mundo do sr. Antônio.....	32
Em direção ao mundo do sr. Jorge.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
Um adendo pessoal: compreensão e a posição prévia do autor.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....	62
ANEXOS.....	63
Termo de consentimento livre e esclarecido.....	64
1ª entrevista (sr. César).....	65
2ª entrevista (sr. Antônio).....	77
3ª entrevista (sr. Jorge).....	89

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como meta investigar a experiência de brasileiros que combateram na Segunda Guerra Mundial. Busca compreender o significado dessas experiências que foram vividas e são recordadas por tais pessoas. Em outras palavras, é uma compreensão do mundo de ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, o que se fez através de entrevistas com enfoque nas lembranças destas pessoas.

A compreensão de *mundo* a ser utilizada está baseada na perspectiva da fenomenologia de Martin Heidegger; neste sentido, este estudo está afinado com o método da Fenomenologia existencial.

Assim sendo, a noção de *mundo* a ser aprofundada em um capítulo posterior é entendida a partir do pensamento de Heidegger em *Ser e Tempo* (2005). Nesta visão o mundo não é separado do homem, e sim uma determinação existencial de seu ser. A sua idéia é de que as coisas chegam até nós não como meros objetos, mas já compreendidas como significativas. Em nosso dia-a-dia não encontramos entes simplesmente dados, mas caneta, papel, cadernos, livros, ou seja, instrumentos para escrita e para o estudo. O filósofo, com isto, procura nos mostrar que ao encontrarmos algo, este ente será sempre compreendido à luz de um todo de significados prévios. É nesta direção que ele irá afirmar que encontramos inicialmente instrumentos: martelo, pregos, parafusos, chave de fenda, madeira. Se encontramos instrumentos, isto quer dizer que já compreendemos previamente um todo instrumental ao qual estão remetidos. Este todo instrumental não deve ser compreendido como somatória de objetos, pois é a sua descoberta prévia que possibilita o encontro com os instrumentos. Esta totalidade instrumental, originária, para Heidegger é uma totalidade significativa que, sempre, está presente e constitui o ser das coisas com que lidamos cotidianamente. Ele nos dirá que nessa totalidade de significados anuncia-se o mundo.

A aproximação do autor com este tema de guerra vem de um interesse, presente desde a infância, por assuntos bélicos: armamentos, táticas e

estratégias, batalhas históricas, artes marciais, jogos de guerra e xadrez; interesse esse que, contraditoriamente, nunca existiu descolado da sensação de horror e medo, que sempre pode estar presente em uma experiência real de combate. É justamente esta ambigüidade de sentimentos que fascina o pesquisador.

O objetivo desta pesquisa é investigar se a vivência de combate em guerras vem a ser marcante e inesquecível, tendo grande impacto no modo de ser da pessoa que passou por ela.

Mesmo tendo sido uma constante na história mundial, há pouca bibliografia em psicologia tratando de conflitos armados, algo sempre atual, e menos ainda estudos que abordem este assunto enfocando a população brasileira.

A importância em se fazer este estudo está justamente na escassez de material acerca do assunto em áreas da psicologia que não estejam diretamente ligadas à psiquiatria, sendo que tais pesquisas indicam, conforme será explicitado a seguir, um grande peso da vivência de combates na vida (ao menos de uma parcela considerável) das pessoas.

Um exemplo do que se encontra na literatura é o artigo "Factores psicosociales y estrés en el medio militar" (Puebla, Lopez e Marmol, 2001), que fala da primeira descrição, realizada por psiquiatras russos, da "neurose traumática de guerra", que acometia os soldados russos da guerra Russo-Japonesa entre 1904 e 1906. Tais distúrbios se constituíam de excitação e instabilidade emocional relacionados à batalha. Este artigo também fala, entre outros exemplos, de soldados da primeira guerra mundial que depois de expostos a fogo de artilharia demonstravam instabilidade emocional e sintomas psicóticos, quadro que foi denominado "choque por bomba".

Outro exemplo de correlação entre guerra e distúrbios psicológicos é o encontrado no artigo "Combat duty in Iraq and Afghanistan, mental health problems, and barriers to care." (Hoge. et al. 2004), que indica uma alta taxa de estresse pós-traumático e depressão, entre outras patologias, em veteranos americanos das guerras do Iraque e do Afeganistão. Esses quadros mostraram-se presentes em uma porcentagem maior de soldados que combateram no Iraque, onde houve maior número de confrontos armados diretos.

Também há uma referência feita à experiência de guerra que se aproxima do método fenomenológico, que ocorre quando o autor Rollo May (1980), em seu livro "O Homem à procura de si mesmo", discute a ansiedade. Ela é entendida por ele como uma "reação básica do ser humano a um perigo que ameaça sua existência, ou um valor que ele identifica como sua existência" (p. 34). Essa reação seria um sinal de conflito entre forças opostas que paralisam a pessoa, ao contrário do medo, que direcionaria para uma ação defensiva contra o perigo. Coloca que a ansiedade afasta temporariamente o homem de si mesmo, e reduz a autoconsciência. Em seguida afirma que instabilidade e insegurança são grandes geradores de ansiedade e que a guerra seria uma experiência dessa natureza levada ao extremo.

Acerca dos fundamentos e causas das guerras que sempre aconteceram, e de uma reflexão sobre a possibilidade destas cessarem definitivamente, Einstein e Freud corresponderam-se brevemente. Em sua carta, Freud (1932) afirma que, desde o princípio da humanidade, os conflitos entre pessoas, inevitavelmente existentes quando ocorre a vida em sociedade, são resolvidos através do uso da violência. Em seu momento mais primitivo, o homem fazia prevalecer sua vontade através da força muscular, mas com o surgimento de armas (de diversos tipos e qualidades) a dominação de um sobre o outro já passava a depender também da técnica e do intelecto.

Além disso, os homens perceberam que um grupo de indivíduos mais fracos podia subjugar um indivíduo mais forte; contudo, logo após esta vitória a mesma situação de um forte dominando outro(s) fraco(s) voltaria a se instaurar, já que o grupo formado para derrubar o tirano se dissolveria ao ter completado seu objetivo, e o novo homem mais forte tomaria para si esta posição de poder. Para que este ciclo se quebrasse, as comunidades humanas instituíram leis, que são um meio para que esta força grupal seja exercida de forma estável e duradoura, sem sumir após ter agido, deixando espaço para outro dominador; estas leis se manteriam através do surgimento de vínculos emocionais entre os membros do grupo. No entanto, o desequilíbrio de poder nunca pode ser completamente sanado, apesar das leis (que não seriam nada mais do que a violência exercida

por grupos ao invés da exercida por indivíduos, e que desta forma também seriam grupos desequilibrados), e sempre haverá um mais forte que outro, ou grupos mais fortes que outros, fazendo com que os conflitos estejam sempre presentes, de forma mais ou menos intensa.

Portanto, a idéia defendida por Freud é a de que, mesmo dentro de uma comunidade, a violência está presente, mas que esta muitas vezes é amenizada pelos vínculos emocionais que surgem entre seus membros. No entanto, muitas vezes apenas o confronto resolve (temporariamente) o conflito. As guerras não seriam nada mais do que este mesmo funcionamento, pensando-se nos conflitos como disputas entre comunidades e não entre indivíduos, e que por isso são tão constantes ao longo da história humana, sendo que possivelmente nunca deixariam de fato de acontecer. Seus efeitos seriam tão mais destrutivos e geradores de horror do que os que ocorrem entre indivíduos de um mesmo grupo social justamente porque os vínculos emocionais entre diferentes comunidades seriam pequenos, ou inexistentes.

Tendo por base estas obras que tratam sobre a guerra e seus combatentes, a expectativa do pesquisador era a de que iria encontrar nos sujeitos de pesquisa mundos com muita presença de violência, de conflito e necessidade de lutar para sobreviver, devido a experiência marcante e hostil de combater em guerra, que pode acabar por exigir uma tomada de postura agressiva para que se possa sobreviver, postura esta que talvez perdure mesmo após o fim dos combates. Também pensava na possibilidade de que o mundo fora do momento de guerra poderia tornar-se estranho e pouco acolhedor aos que passaram pela experiência, com dificuldades destas pessoas em se adaptarem novamente a este tipo de vida.

Levando-se em conta tudo o que foi apresentado até então, esta pesquisa foi conduzida como uma descrição fenomenológica do mundo dos participantes, em que se buscou uma aproximação do sentido que a experiência de combater em guerra teve e tem para estas pessoas, de forma similar ao trabalho realizado por Gebattel (1938), no capítulo “El mundo de los compulsivos”. Este descreve detalhadamente o caso de um jovem rapaz compulsivo, sua história e seus sintomas, e através desta descrição busca o sentido velado presente nesse

mundo, chegando à conclusão de que ele é repleto de hostilidade, de elementos agressivos e não acolhedores para estas pessoas. Por esta razão elas desenvolveriam seus rituais, aparentemente sem lógica para quem não estivesse mergulhado neste contexto, como forma encontrada para se protegerem desta violência.

Por fim, sendo os fenômenos observados nesta pesquisa relatos de veteranos brasileiros da Segunda Guerra Mundial, faz-se necessário tratar brevemente das condições em que estes soldados foram para o combate e efetivamente combateram. O intuito disto não é indicar as possíveis causas para o conteúdo dos relatos, para a forma como a guerra foi vivida por tais pessoas, ou para o impacto que ela teve em suas vidas, mas sim de situar o leitor no contexto geral em que as vivências relatadas ocorreram, de forma a possibilitar uma compreensão mais aprofundada e fundamentada.

De acordo com Salun (2004) a Segunda Guerra Mundial teve início em 1939 com a invasão alemã da Polônia, e chegou ao seu fim com o rendimento do Japão em 1945. No entanto, o Brasil se manteve neutro até o princípio de 1943, quando declarou guerra aos países do eixo e apoio aos países aliados. Isso ocorreu por diversas razões políticas e econômicas, e como forma de represália contra ataques feitos a navios mercantes na costa brasileira. Neste mesmo ano a Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi criada, e começou o recrutamento e treinamento de seus soldados. Em 1944 os primeiros combatentes brasileiros desembarcaram na Itália, único país em que realizaram sua campanha, em apoio a outros países aliados, especialmente os EUA. Esta campanha durou até 1945, ano da rendição italiana.

É válido ressaltar que o presidente brasileiro na época era Getúlio Vargas, e que, apesar da guerra dos aliados contra o eixo ser ideologicamente uma guerra da liberdade contra o fascismo e o nazismo, o Brasil passava por um momento de ditadura.

Em termos táticos, a parte mais significativa dos combates se realizou em terreno acidentado, conforme ilustrado em uma passagem de Maximiano (1995): “A sua frente (da FEB) agora encontrava-se o Monte Prano (elevação que

caracterizava praticamente todos os terrenos nos quais se combateu) que oferecia vantagens táticas aos defensores.” (p. 36). Este tipo de terreno favorece confrontos com menor mobilidade, devido às fortes posições defensivas, e portanto menor contato direto entre as forças opostas e maior uso de armas de combate indireto, especialmente o fogo de artilharia. Uma outra passagem deste mesmo autor aponta para quanto o combate indireto ocorreu mais que o direto na campanha brasileira na Itália:

A maioria dos 1577 feridos que a FEB teve em ação (número oficial) se deu por efeito de estilhaços de granada de artilharia (os curiosos podem gostar de saber que 156 foram feridos à bala, um à baioneta, um por “Panzerfaust”, uma arma antitanque individual alemã, e alguns por granada de mão, minas, “booby traps”, ou concussão.) (Maximiano, 1995, p.27-28).

Para completar este quadro geral dos aspectos táticos da campanha da FEB soma-se um relato: “Batalha aberta mesmo ocorreu somente em Monte Castelo. Os brasileiros fizeram uma manobra falsa e morreu muita gente.” (Celso Furtado, *apud* Salun, 2004, p.67).

Conforme já tratado nesta introdução, alguns autores enxergam correlação entre quantidade de confrontos diretos e distúrbios psicológicos, e também entre fogo de artilharia e psicopatologia. Portanto, poderá ser enriquecedor para a compreensão dos resultados obtidos levar em conta estas características dos combates em que a FEB esteve envolvida.

CAPÍTULO I

FENOMENOLOGIA E A QUESTÃO DO MÉTODO

Conforme já citado na introdução, o método de investigação utilizado nesta pesquisa é o método da Fenomenologia existencial. Nas palavras de Moreira (2002):

O termo fenomenologia deriva de duas outras palavras de raiz grega: phainomenon (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e logos (ciência ou estudo). Portanto, etimologicamente, Fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, sendo que por fenômeno, em seu sentido mais genérico, entende-se tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo. (Moreira, 2002, p.63)

Desse modo, o objeto de estudo da Fenomenologia não é o fato, e sim o fenômeno, o que se desvela, se mostra, aparece.

Complementarmente, Critelli (2006) coloca que o método fenomenológico compreende a realidade como mutável, inconstante, e provisória, sempre em um movimento de mostrar-se e ocultar-se dos entes, o que garante a singularidade absoluta de cada fenômeno que, portanto, não pode ser enquadrado em categorias estáticas e neutras.

Logo, para a Fenomenologia não há sentido em comparar um grande número de fenômenos para poder compreender a fundo a verdade deles, pelo contrário, é fundamental que cada qual possa ser visto e compreendido em seu modo peculiar de mostrar-se, nunca sendo igual a forma de outros fenômenos apresentarem-se. Tendo isto em vista, esta pesquisa busca uma compreensão aprofundada sobre um pequeno número de vivências de combate, sem o intuito de realizar generalizações conceituais que possam ser estendidas para populações maiores, o que acarretaria no risco de que, neste processo, se perdessem as nuances que fazem cada uma destas vivências singulares.

As pessoas que participaram da pesquisa foram homens, ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, todos brasileiros, que integraram a Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a invasão à Itália. Tinham entre oitenta e

cinco e oitenta e oito anos de idade quando foram contatados pelo pesquisador, sendo esta a faixa etária média dos ex-integrantes da FEB.

Um total de três entrevistados foi utilizado, devido ao caráter de aprofundamento qualitativo, e não quantitativo da pesquisa, e também à pouca disponibilidade de pessoas que se encaixassem nos requisitos necessários, que estivessem em condições de participar.

Estes participantes foram escolhidos por que o diálogo com pessoas que tenham passado pela experiência de combate é a única forma de aproximação com o fenômeno estudado, já que somente estas podem relatar fielmente suas experiências. O Brasil é um país com uma história de poucas participações em guerras, de modo que apenas veteranos da Segunda Guerra Mundial (a mais recente em que o Brasil esteve envolvido diretamente) puderam ser contatados.

O contato com estas pessoas se deu através de indicação de um pesquisador, que realizou mestrado em história acerca da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Para poder estudar o mundo dos participantes, foram realizadas sessões individuais de entrevistas reflexivas, baseadas no método proposto em "*A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*" (Szymanski, 2002). Este consiste basicamente em entrevistas semi-dirigidas em que se busca desvelamentos para alguma questão central (neste caso, o mundo destes ex-combatentes), o que é feito através de um constante movimento de questionamento e escuta do entrevistador, que "(...) compartilha continuamente sua compreensão dos dados com o participante" (p. 7) para que este último possa confirmá-la, ampliá-la, modificá-la ou corrigi-la.

Foi feito uso de um gravador para captar os encontros integralmente, que foram transcritos de modo a, posteriormente, possibilitar a reflexão sobre o discurso do sujeito como um todo. Estas transcrições constam em ANEXOS.

O primeiro contato com os participantes se realizou por telefone, onde o pesquisador se apresentou e fez o convite inicial para que fizessem parte do estudo. Em seguida, antes do início da entrevista, foi feita uma explicação sobre o trabalho, seus objetivos, e todo procedimento em si, com suas condições descritas

no termo de consentimento livre e esclarecido (vide ANEXOS), formalizando o convite para a participação. Após a aprovação deste, a conversa começava a ser gravada.

Como guia para a realização destas entrevistas, foi utilizado o seguinte roteiro de questões, com o intuito de ser abrangente e aberto para temas não esperados pelo pesquisador:

1. Dados de apresentação (idade, profissão).
2. Qual foi a sua participação nesta guerra? Há quanto tempo isso ocorreu? (Estas primeiras questões serviram também como aquecimento para a entrevista)
3. Como reagiu ao saber que iria participar da guerra? Como se sentiu em relação a ir para a guerra?
4. Quanto tempo se passou entre a convocação e a participação na guerra? Como foi sua preparação/treinamento para a guerra? Como se sentiu neste período?
5. Que momentos foram mais marcantes, mais significativos, mais inesquecíveis nesta participação? A guerra foi muito violenta?
6. Você criou amizades ou vínculos? Manteve contato com as pessoas que conheceu durante a guerra? Sentiu falta de alguém após a guerra?
7. Como foi a experiência do fim da guerra? Sentia falta de algo durante a guerra? E depois?
8. Como foi a volta da guerra? Perguntavam sobre a experiência? Gostava ou não de falar sobre isso? Falava sobre algumas coisas e outras não?
9. De que modo você deu prosseguimento à sua vida após a guerra? Houve mudanças em sua vida após esta experiência?
10. Você gostaria de destacar alguma situação marcante vivida em combate?
11. Você gostaria de acrescentar algo?

Estas questões, no decorrer da entrevista, podiam ter sua ordem alterada, podendo ser ampliadas ou reduzidas conforme o andamento desta, com o objetivo de aprofundamento em pontos que se mostrassem centrais.

Os encontros se realizaram em uma associação de veteranos da FEB em São Paulo, onde, após o contato inicial, o pesquisador foi informado que estas pessoas encontravam-se esporadicamente. O local apresentou condições necessárias para a realização e gravação das entrevistas sem interferências externas.

CAPÍTULO II

SER-NO-MUNDO, SER-COM-OS-OUTROS, QUEDA, E ANGÚSTIA

Ser-no-mundo

Para que o problema de pesquisa possa se tornar claro, é necessário que nos debrucemos com maior empenho sobre seu aspecto mais central, a noção de *mundo*. *Mundo* é entendido neste estudo, como posto na introdução, a partir do pensamento de Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (2005).

Nesta obra encontra-se uma compreensão de ser humano como o ente que existe como um ser-aí, um ser-no-mundo, diferentemente de todos os outros entes. Nisto está implicado que não existiria um sujeito com uma essência que o caracterize e define, ou, em outras palavras, um ente simplesmente dado, como todos os outros, apenas com a diferença de ser possuidor de algumas propriedades únicas, como por exemplo a razão. O que existiria seria um ser-aí, “(...) um ente que, na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta (...) é o ente que sempre eu mesmo sou” (§ 12). Este ente seria diferente de todos os outros por que seu ser sempre está em jogo, por ser afetado pelos e abarcar os outros.

Segundo Vattimo (1988), nesta compreensão, *mundo* não é oposto ao ser-aí, todas as coisas menos o ser-aí em si, um plano separado que pode ser acessado por ele. É, sim, uma característica dele, um existencial, presente sempre e desde o princípio, fundamental para sua abertura às possibilidades do ser. Sem *mundo* não se pode falar em ser.

É este sentido de abertura que a partícula *aí* de ser-aí traz. Ela aponta para um estar fora, lançado no mundo a todo o momento, de forma indissociável.

É possível que o leitor, após estas observações iniciais, formule a seguinte questão: se não há separação entre *ser* e *mundo*, então por que compreender o homem como ser-no-mundo, e não como apenas *ser*, ou como apenas *mundo*?

A resposta para esta questão pode ser encontrada na própria formulação *ser-no-mundo*, que contém *ser-em*. Esta formulação, segundo Heidegger (2005),

aponta para um fenômeno de unidade, que não pode ser dissolvido em elementos, mas que, contudo, não se trata de uma completa fusão indiscriminada.

Ser-em não deve ser entendido como um “dentro de”, como um objeto dentro de outro, sendo contido por outro, do mesmo modo que uma cama está contida em um quarto, que está contido em uma casa, dentro de uma cidade, etc., numa relação meramente espacial. Como Heidegger (2005) coloca:

O ser-em não pode indicar que uma coisa simplesmente dada está, espacialmente, “dentro de outra” porque, em sua origem, o “em” não significa de forma alguma uma relação espacial desta espécie; “em” deriva de *innan-*, morar, habitar, deter-se; “an” significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa; possui o significado de *colo*, no sentido de *habito* e *diligo*. (Heidegger, 2005. § 12).

Ou seja, ser-no-mundo não é equivalente a um corpo, um indivíduo, dentro de um contexto maior, um planeta, um ambiente. É, sim, uma afirmação de que *mundo* é o que possibilita *ser*, de modo que ambos são indissociáveis.

Sendo assim, conforme pensado por Pöggeler (1986), *mundo* não se limita a ser mundo em torno (ambiente), mesmo que essa mundaneidade possa ser uma primeira indicação da estrutura do *mundo*. Há outras indicações que podem indicar sua estrutura.

Mundo é constituído por coisas que se mostram como úteis e possuidoras de sentido, que estão sempre em um movimento de desvelar-se e ocultar-se. No entanto, este “ser constituído por coisas” não significa que é apenas uma somatória de elementos que são simplesmente dados, que são em si, independentemente das outras coisas. Pelo contrário, ele é constituído por entes que estão sempre remetidos a outros conforme sua utilidade, sua função. São entes à mão, conhecidos através do manuseio e da ação, e que através deste contato próximo são compreendidos dentro de um determinado horizonte de significados em que outros entes também estão relacionados, e sem o qual as coisas não poderiam ser.

Vattimo (1988) afirma que as coisas do mundo, os entes intramundanos, se constituem pela sua utilidade para nós, ou pelo significado que têm para nossas

vidas, ou seja, por sua instrumentalidade, que seria seu sentido mais originário, anterior a qualquer reflexão prévia. Isto quer dizer que qualquer um destes entes se mostra e pode ser descoberto em seu manuseio, em seu uso, muito antes que uma reflexão para lhe atribuir significado, para defini-lo e explicá-lo, ocorra. Logo, antes de classificar um banco, por exemplo, como um objeto manufaturado, com hastes servindo de base para um plano horizontal, já descobri o banco como aquilo em que me sento, coisa que serve para descansar minha pernas. Só em um segundo momento é possível esta reflexão distanciada.

Em continuação, Vattimo coloca que, sendo os entes intramundanos, instrumentos, é preciso lembrar que estes são sempre instrumentos *para* algo, afinal um instrumento nunca pode ser isolado de sua função. Logo, este *para* é o que dá sentido ao instrumento. Também, um instrumento sempre remete a outro em sua utilidade (um martelo remete a um prego, que remete a uma tábua, que remete a uma mesa, e assim indefinidamente), criando um todo referencial. Com isto em vista, é possível pensar o mundo não como mera soma de coisas, e sim como redes de significações de instrumentos interdependentes, o que é condição para que as coisas sejam e tenham seu sentido.

O termo *sentido* foi empregado algumas vezes até o dado momento, e necessita de maior esclarecimento para entender-se o que expressa seu uso. Segundo Heidegger (2005) “(...) sentido é o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreensão de alguma coisa” (§ 65). Toda compreensão só pode dar-se em uma direção e à luz de algo a que se refere; nunca é isolada, neutra ou estática. Ou seja, o compreender é possível pois está vinculado a um *sentido* que o fundamenta.

É válido destacar que a noção de instrumentalidade supracitada não é sinônimo de uso de instrumentos para fins produtivos, embora esta seja uma de suas possíveis facetas. Ela apenas nos diz que os entes estão sempre imersos em um sentido, remetidos a um fim, a um *para que*, que é o cuidado do ser-aí consigo mesmo. Ou seja, é possível pensar, por exemplo, que em determinado momento o sol é para queimar nossa pele, ou para nos secar após um banho de mar, ou mesmo para nos comover enquanto se põe. Estes são possíveis aspectos

instrumentais do sol, possíveis *sentidos* aos quais se remete.

Em adição, Pöggeler (1986) afirma que o todo de conexão referencial e de significação é o mundo. O mundo pode ser compreendido como acontecer do sentido, como a estrutura do ser-ai em que a ação, o uso, o manuseio ocorrem.

Logo, descrever o mundo do ex-combatente é procurar esclarecer a partir de que horizonte de compreensão cotidianamente esta pessoa vive. Em outras palavras, trata-se de buscar descobrir o quanto este horizonte é marcado por suas experiências prévias de combate.

Esta compreensão da estrutura existencial *mundo* trata de como os entes intramundanos vêm ao encontro do ser-aí, em seu ser-no-mundo. Porém, nem todos os entes que vêm ao encontro do ser-aí têm este aspecto instrumental; também ocorrem entes com o modo de ser do ser-aí, que também habitam o mundo, e que não são como, por exemplo, uma casa é. Portanto, para que ser-no-mundo fique suficientemente esclarecido para esta pesquisa, é necessário tratar de um outro fenômeno, relativo a estes outros “ser-aí”: o fenômeno do ser-com-os-outros.

Ser-com-os-outros, mundo compartilhado

Uma forma de começar a trabalhar este tema é colocando a questão “como esses outros chegam até nós?”, que pergunta sobre o fundamento desta estrutura. Pode-se responder que é através da rede de significação, que é o próprio mundo, que os outros chegam. Assim como os instrumentos estão sempre referidos entre si, também estão sempre referidos aos outros, invariavelmente. Uma passagem de Heidegger (2005) demonstra isto:

O campo, por exemplo, onde passeamos “lá fora” mostra-se como o campo que pertence a alguém, que é por ele mantido em ordem; o livro usado foi comprado em tal livreiro, foi presenteado por... e assim por diante (...) o barco ancorado na praia refere-se a um conhecido que nele viaja ou então um “barco desconhecido” mostra outros. (Heidegger, 2005. § 26).

Desse modo, fica evidenciado que é através de redes de referência, através do mundo, que temos acesso aos outros. Esta compreensão também diz que “outros” não é uma constatação de entes simplesmente dados, uma percepção de um sujeito isolado que soma fora de si sujeitos isolados, com características similares às suas, que por fim são agregados num grupo. Ou seja, o ser-aí não se percebe sozinho no mundo, e depois acrescenta os outros. Ele sempre, e antes de tudo, é ser-com-os-outros, mesmo quando se vê desacompanhado. De fato, a simples possibilidade de ocorrer a solidão é um indicativo de que ser-aí é sempre ser-com-os-outros, e não do contrário. Como alguém poderia estar só, se para isso não tomasse como referência a existência de outros? Nas palavras de Heidegger (2005): “Somente *num* ser-com e *para* um ser-com é que o outro pode *faltar*” (§ 26).

Portanto, ser-com não é algo que acontece porque pessoas estão juntas, e que poderia eventualmente não acontecer. Ser-com é uma estrutura existencial do ser-aí, fundamental em seu ser, e o estar só, a indiferença, o evitar os outros, são modos, dentre tantos possíveis, deste ser-com-os-outros.

Foi dito que é através do mundo que os outros chegam a nós, e que ser-no-mundo e ser-com são estruturas fundamentais do ser-aí. Estas estruturas são indissociáveis, pois estão referidas uma a outra. Cabe agora colocar maior foco em como se referem entre si, e em como se diferenciam.

O mundo abre para nós a possibilidade dos entes serem, mas alguns entes também são no mundo, também vivem nesta abertura que ele traz. Com estes o ser-aí não tem o mesmo modo de ser que tem com os entes intramundanos, caracterizados por sua instrumentalidade, seu manuseio. Estes que também são ser-aí chegam a nós antes de tudo, e muitas vezes de forma exclusiva, através do manuseio instrumental, que é realizado em comum. Pode-se dizer que chegam como ser-aí em comum, que também habitam o mundo, e dele fazem uso. Este também habitar significa que os entes intramundanos são sempre de alguém, para alguém, por alguém, e mesmo de desconhecidos, de ninguém, para ninguém. Mundo está sempre, de algum modo, referido aos outros. Ser-no-mundo é sempre ser-com-os-outros, e portanto mundo é sempre mundo compartilhado.

É neste co-habitar que reside a diferença entre instrumentos e outros:

O mundo da pre-sença¹ libera, portanto, entes que não apenas se distinguem dos instrumentos e das coisas mas que, de acordo com seu modo de ser de pre-sença, são e estão “no” mundo em que vêm ao encontro segundo o modo de ser-no-mundo. Não são algo simplesmente dado e nem algo à mão. São como a própria pre-sença liberadora – *são também co-pre-senças*. (Heidegger, 2005. § 26).

Para que este fenômeno do ser-com-os-outros possa ficar mais explícito em sua constituição, é necessário refletir acerca de quem estes outros são e do modo que se manifestam.

Impessoal e queda

A compreensão heideggeriana de “outros” é bastante distinta da que usualmente é encontrada, tanto no pensamento de cientistas e filósofos, quanto nas falas do dia-a-dia. Muito comumente, o que é dito é que os outros são todos aqueles que se diferenciam de mim, todos que eu não sou. No entanto, em *Ser e Tempo* (2005) o termo é abordado a partir de uma perspectiva diferente:

Os “outros” não significa todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, *ninguém* se diferencia propriamente, entre os quais também se está. (Heidegger, 2005. § 26).

O sentido ao qual está passagem aponta é o de que quando falamos de outros não falamos destas ou daquelas pessoas; falamos das pessoas em geral, que não são especificamente ninguém, que podem ser qualquer um, e que de

¹ O termo “pre-sença” é equivalente a “ser-aí”; ambos são traduções da palavra alemã *dasein*. O autor desta pesquisa preferiu empregar a segunda forma, conforme usualmente é feito nas línguas neolatinas (*être-là*, *esser-ci*, etc.), ao invés da forma utilizada na tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback devido a questões conceituais não pertinentes a esta investigação.

uma forma ou de outra todos são.

Assim sendo, é no âmbito dos “outros” (do qual também se faz parte, do qual ninguém se diferencia propriamente) que o estar em jogo do ser-aí fica, em seu modo cotidiano. Quem responde por seu ser não mais é seu ser em si, mas sim os outros. A responsabilidade de ser, no cotidiano, aparentemente não é mais própria do ser-aí; é *impessoal*, sempre referida aos outros. De acordo com Heidegger (2005):

Na utilização dos meios de transporte público, no emprego dos meios de comunicação e notícia (jornal), cada um é como o outro. Este conviver dissolve inteiramente a própria pre-sença no modo de ser dos “outros” e isso de tal maneira que os outros desaparecem ainda mais em sua possibilidade de constatação. Assim nos divertimos e entretemos como *impessoalmente* se faz; lemos, vemos e julgamos sobre a literatura e a arte como *impessoalmente* se vê e julga; também nos retiramos das “grandes multidões” como *impessoalmente* se retira; achamos “revoltante” o que *impessoalmente* se considera revoltante. O impessoal, que não é nada determinado mas que todos são, embora não como soma, prescreve o modo de ser da cotidianidade. (Heidegger, 2005. § 27).

Vale lembrar que dizer *impessoal* não é o equivalente a dizer nada. O impessoal também não é alguém, um sujeito inflado de quem todas as pessoas são derivadas. O impessoal é um quem neutro, chamado de “outros” de forma a encobrir que se pertence a ele.

É este impessoal que, cotidianamente, julga o que e como se de vê fazer, ou não fazer, observando as exceções para que não se sobressaiam. “Toda primazia é silenciosamente esmagada. Tudo que é originário se vê, da noite para o dia, nivelado como algo de há muito conhecido” (Heidegger, 2005, § 27). Este movimento de tomar parcialmente para si o encargo de ser do ser-aí torna tudo mais superficial e fácil de se lidar, produzindo respostas prontas para todas as questões, e ilusoriamente retirando o ter que ser envolvido em cada momento.

No entanto, o impessoal é um aspecto existencial do ser-aí, indissociável deste. Não há sentido em buscar uma superação desta condição, pois ela é fundamental, e na maior parte das vezes é nela que vivemos e convivemos. O ser

próprio, que é a apropriação do mundo pelo ser-aí, que é a abertura e tomada para si do ser, é uma forma posterior do ser-aí, mas que, contudo, não deixa o impessoal para trás; cotidianamente, é de modo impessoal que habitamos o mundo.

Este modo cotidiano do ser-aí, que se deixa envolver no fazer dos entes intramundanos e acessa o ser como impessoalmente se faz, é denominado de queda. O ser-aí cai de seu ser próprio, cai no mundo e nos outros. É absorvido pelo mundo e pela impropriedade impessoal. Esta compreensão não propõe uma perda do ser, e nem do estar no mundo, pois isto seria uma contradição com os princípios defendidos até aqui. A proposta colocada é a de que a queda é um modo, mais constante e em determinados aspectos exclusivo, de ser-no-mundo e de ser-com-os-outros. É uma fuga cotidiana de si mesmo.

Não se entende, de jeito algum, esta queda com uma conotação negativa, num julgamento de valor que diz ser ela uma falha que os homens devem buscar evitar; isto nem sequer é possível. Não se cai de uma pureza superior em uma inferioridade falha. A queda é um fenômeno constitutivo do ser-aí, e é apenas assim que é compreendida no pensamento heideggeriano.

Este fenômeno é ao mesmo tempo tentador e tranquilizante para o ser-aí, pois, conforme já foi dito anteriormente, retira (ilusoriamente) a responsabilidade de ser, com uma promessa de dar conta de todas as questões e possibilidades, de resolver o ser que está em jogo. Esta tranquilidade não é uma paz alcançada através do repouso. De fato, ela surge do estar ininterruptamente ocupado com algo no mundo, o que encobre o poder-ser mais próprio do ser-aí.

Apesar de ter sido feita uma breve descrição dos fenômenos do impessoal e da queda, ainda cabe colocar as questões: qual o sentido destes fenômenos? Por que, cotidianamente, o ser impróprio é o que predomina sobre o ser próprio? É preciso tratar de um outro fundamento do ser-aí para que se possa encontrar uma possível resposta para estas questões.

Angústia existencial

O caráter existencial a ser descrito neste tópico é a angústia. Como a palavra “existencial” já pressupõe, será trabalhado um aspecto fundamental, constitutivo do ser-aí. Isto posto, fica descartada a possibilidade de descrever aqui a angústia como um sentimento ou sintoma, da maneira que costumeiramente é compreendida nas diversas teorias psicológicas. Fazê-lo seria procurar compreender um fenômeno diferente.

A angústia que aqui buscamos desvelar é uma disposição fundamental do ser-aí, é o que possibilita sua abertura para o mundo, para o aí. É uma disposição como tantas outras (tristeza, alegria, medo), porém privilegiada, no sentido de possibilitar que o ser-aí se coloque diante de si mesmo. Para que isto possa se tornar claro, é preciso descrever este fenômeno mais profundamente, o que começara a ser feito através da comparação com o fenômeno do temor.

Há um parentesco entre a angústia e o temor, uma outra disposição mais comumente vivenciada cotidianamente. Segundo Heidegger (2005)

O indício de parentesco é o fato de ambos os fenômenos permanecerem, na maior parte das vezes, inseparáveis um do outro e isso a tal ponto que se chama de angústia o que é temor e se fala de temor quando o fenômeno possui o caráter de angústia. (Heidegger, 2005. § 40).

No entanto, são fenômenos diferentes. O temor é caracterizado pelo movimento do ser-aí de evitar um ente intramundano que o ameaça e se aproxima. Fugir desta ameaça significa aproximar-se do mundo e dos entes intramundanos, e não se afastar destes, já que a ameaça é justamente oriunda do mundo. Por exemplo, um soldado combatendo teme seus inimigos (que são entes do mundo), teme a ameaça que estes representam para si. Para evitar esta ameaça, o soldado se vale de rochas e buracos (entes intramundanos) para se refugiar, e de suas armas (também entes intramundanos) para contra-atacar e afastar esta ameaça. Ou seja, o temor faz com que o ser-aí se empenhe no mundo para afastar a ameaça que nele se anunciou.

Na angústia, o ser-aí também está ameaçado. No entanto esta ameaça não é identificável como um ente intramundano, que pode ser evitado através de ações no mundo. A angústia se angustia com a condição finita do ser-aí, com sua morte, que é inevitável, intransferível, é sua possibilidade mais própria, da qual não se pode fugir. Desse modo, o “com que” a angústia se angustia não é um ente que vem ao encontro no mundo, o “com que” é o nada, coisa alguma, que não está à vista, mas sempre está presente. Nas palavras de Heidegger (2005): “O mundo possui o caráter de total insignificância. Na angústia, não se dá o encontro disso ou daquilo com o qual se pudesse estabelecer uma conjuntura ameaçadora.” (§ 40).

Este caráter de insignificância é a perda da familiaridade cotidiana, é a estranheza advinda de uma rede de entes intramundanos provisoriamente desfeita. No entanto, isso não quer dizer que a angústia é um modo deficiente de ser-no-mundo:

O ser-no-mundo tranqüilizado e familiarizado é um modo da estranheza da pre-sença e não o contrário. *O não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário.* (Heidegger, 2005. § 40).

De acordo com esta compreensão, a condição humana mais originária é a de estranheza, o que equivale dizer que nosso ser-no-mundo na queda acalma e pacifica esta estranheza, tornando nossa condição mais suportável. Logo, a angústia abre o mundo como possibilidade, e o ser-aí nele cai cotidianamente, buscando a familiaridade.

Devido a estes aspectos podemos dizer que a angústia é uma disposição privilegiada. Ela é originária, anterior às outras, pois antevê o fim do ser-aí, colocando seu ser próprio diante de si e abrindo a possibilidade da queda no mundo. Assim, encerrando a comparação entre a angústia e o temor, podemos dizer que este último é a angústia “caída” no mundo, impropriamente. A fragilidade e finitude do ser-aí são vividas como contornáveis e adiáveis pelo uso de entes intramundanos, e o ser próprio sai de questão, foge para o mundo.

O sentido de *mundo* é ampliado através da compreensão do existencial

angústia, e deste modo a questão central desta pesquisa também é. Cabe então levantar as perguntas: o existir cotidianamente dos ex-combatentes entrevistados permite a pacificação, a tranquilização dessa angústia originária? Será que alguém que foi a guerra consegue silenciar a angústia da morte?

É em busca de respostas para estas perguntas que a investigação se desenvolve.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados das entrevistas realizadas com os três participantes através das palavras e da compreensão do autor, que tem seu olhar dirigido para o que de revelador do mundo destas pessoas tenha surgido nestes encontros.

Isto é feito de forma separada para cada um dos ex-combatentes, com o intuito de aprofundamento na singularidade de cada relato; na seção posterior estes são considerados conjuntamente com foco nos pontos de aproximação e de distanciamento entre eles.

A apresentação é feita seguindo a ordem cronológica em que as entrevistas ocorreram, e as passagens entre aspas são citações literais de falas dos entrevistados.

Para garantir o anonimato dos participantes, são utilizados nomes fictícios: César, Antônio e Jorge.

Em direção ao mundo do sr. César

Senhor César, na época das entrevistas, tinha oitenta e cinco anos de idade; apresenta-se como engenheiro civil e militar, reformado do Exército, e fala que comandou uma sessão de morteiros (arma de combate indireto) na Segunda Guerra Mundial, praticamente desde o começo da atuação do Exército Brasileiro.

Conta que, na ocasião em que a FEB começou a ser formada, já era militar, e que se voluntariou para compô-la. Quando perguntado sobre como se sentiu em relação a ir para a guerra, respondeu:

“Normal, eu achei que estava cumprindo a minha obrigação. Eu era muito jovem, os ensinamentos estavam ainda muito frescos na cabeça, então senti até um certo entusiasmo por ter esta oportunidade de compor a Força Expedicionária Brasileira.”

Está resposta indica o sentido, que se tornará mais claro posteriormente, que combater na Segunda Guerra Mundial teve e tem na vida deste veterano. A guerra de algum modo foi um chamado ao sr. César, vivido como um dever que este assume com entusiasmo.

Em seguida diz como foi o embarque e viagem para a Itália, colocando que para ele a guerra já havia começado neste momento. Isto porque estava sendo transportado, conjuntamente com outros 700 homens, em um navio muito pequeno e frágil, que poderia facilmente ser destruído pelos submarinos alemães que na época estavam atacando a costa brasileira, o que deixava todos a bordo muito receosos. Apesar disto, logo perceberam que seu transporte fazia parte de um comboio de guerra americano, com navios grandes e adequados para defesa. No entanto, ao amanhecer do segundo dia de viagem não viam mais estes navios; viam apenas na linha do horizonte uma “fumaçinha” que indicava o comboio já muito distante, se afastando. Perguntaram ao comandante o motivo de tal acontecimento, e este respondeu que o barco em que estavam estava atrasando a missão que o comboio tinha que cumprir. Sr. César, neste momento da entrevista, fala: “(...) nós ficamos lá sozinhos, à disposição dos submarinos. Era um navio tão fraco, tão frágil, que qualquer canhão poderia colocá-lo a fundo”. Viajaram deste modo por um dia, e então viram que um navio caça-minas da marinha brasileira se aproximou para acompanhá-los. Diz: “Não é um navio apropriado para comboiar navios, mas acho que é o que dispunham na ocasião”. Conta com bom humor que a viagem então seguiu não muito bem, devido ao balanço do frágil navio que causava enjôos em todos.

O que se mostra neste trecho é um primeiro contato com a guerra, que é um contato tenso, com receio frente a uma situação de grande fragilidade. O ex-combatente se vê, apesar de junto a seus companheiros, sozinho em alto mar, desamparado e a mercê de seus inimigos. Podemos falar que neste momento sr. César se defronta com a possibilidade do inesperado e do imprevisível, com uma ameaça presente mas não totalmente clara, em que suas referências se perdem, a familiaridade do mundo posta em xeque. Esta é uma faceta da guerra que aparece, diferente do entusiasmo e do dever que surgiram anteriormente.

Continuando, o veterano conta que em menos de um mês desde que se voluntariou foi à Itália, praticamente sem treinamento, e que lá fizeram alguns exercícios de combate, mas “(...) não o suficiente para treinar um soldado para a guerra”. Lá também fez um treinamento para desarme de minas terrestres, e chegou a aplicar este conhecimento em ação. Relata que “Foi um ensinamento muito bom e difícil, perigoso, e um dos companheiros morreu durante este treinamento, pisando em uma mina”. Ao ser inquirido sobre como se sentiu ao saber que iria participar deste treino, respondeu que achou ser uma boa oportunidade para aumentar seus conhecimentos, e que, como um oficial jovem, estava ansioso para demonstrá-los.

Novamente o entusiasmo e vontade de participação aparecem na fala do entrevistado, e não são ofuscados pela sensação de perigo que também se apresenta. Esse perigo é caído no mundo, e a morte do companheiro não escancara a condição mortal de sr. César, é uma morte impessoal.

Sua maior participação direta em combates foi na pequena cidade de Collecchio. Nesta ocasião, uma grande divisão alemã com cerca de 20.000 homens estava se retirando para se reagrupar com outras tropas na Alemanha. O batalhão do qual sr. César fazia parte estava perseguindo esta divisão, que oferecia uma vanguarda nesta cidade, e então ambas as tropas se defrontaram. Havia muita chuva. O veterano descreve o cenário do confronto: “A igreja ficava em uma praça. Do outro lado da praça ficava um cemitério; os alemães estavam alojados no cemitério, e nós na igreja. Estávamos separados por uma praça.” Conta que a troca de tiros entre as infantarias estava muito intensa, e que recebeu a missão de atirar no cemitério, com a posição do morteiro oculta por um jardim em frente à casa paroquial em que estavam. Após muitos disparos, os alemães descobriram a posição e se infiltraram no jardim, atirando contra ele e seus colegas, quase atingindo um General que estava à porta.

Depois desta infiltração, a turma que sr. César integrava subiu no campanário da igreja, buscando maior visibilidade para disparar contra os soldados alemães, que estavam bem protegidos contra a infantaria brasileira por um muro alto e pelos próprios túmulos. Já os disparos de morteiro, em ângulo,

superavam estas barreiras, surtindo efeito nos oponentes. No entanto, esta ação não apenas afetava o inimigo, mas também tinha um efeito colateral. Nas palavras do ex-combatente: “Infelizmente, cada granada que caia dentro do cemitério era osso para todos os lados, uma pena isto”.

Ele conta que no alto deste campanário era possível enxergar bem o terreno, mas que, contudo, também era uma posição muito visível aos alemães, que reagiam aos ataques atirando e acertando o sino da igreja. “Quando os tiros atingiam o sino, ele repercutia, vibrava, e nós sentíamos efeito daquela vibração. Não quero dizer que eu use aparelho (auditivo) até hoje só por causa daquilo, mas... (risos)”. Esta situação fez com que a vanguarda alemã se retirasse.

Mais uma vez o perigo e a ameaça caídos no mundo ocorrem. Todo o cenário da pequena cidade foi compreendido à luz do mundo bélico e teve suas possibilidades abertas por este. O local que anteriormente servia aos cidadãos para sepultar os mortos se tornou proteção contra os ataques inimigos, assim como a igreja que servia para realizar cultos ao sagrado e reunir a comunidade; o sino do campanário que servia para anunciar os cultos e agrupar os moradores se tornou uma arma para ensurdecer soldados. Essa queda no mundo parece ocupar amplamente o ser do veterano, encobrindo assim qualquer possibilidade da angústia e da questão da morte se mostrarem.

Sr. César durante o combate estava completamente imerso neste mundo bélico. No entanto, é curioso que esta rede de significações em que estava imerso não seja apenas voltada para sua sobrevivência e para a superação dos inimigos, já que ele foi tocado pela destruição das sepulturas e das ossadas. Ele foi para a guerra por acreditar que dela deveria participar, e deste modo a guerra tem um sentido (até este ponto não esclarecido para nós) que não inclui o desrespeito pelos mortos.

Na continuação da entrevista fala do combate de Montese, em sua visão o mais difícil que participou, já que a cidade tinha uma posição estratégica para a retirada do Exército Alemão, fazendo com que estes resistissem com todas as suas forças o máximo de tempo possível. Conta que ficou envolvido na batalha durante um dia inteiro, e ao ser questionado sobre como foi para ele este dia

afirmou ter se sentido bem, pois combatia através do morteiro, à longa distância, ficando um pouco recuado da primeira linha de confronto. Diz ter disparado muito através das linhas inimigas nesta ocasião.

Esta fala indica que o ex-combatente podia sentir-se bem mesmo durante o confronto mais difícil, desde que não estivesse diretamente ameaçado. Entendemos com isto que para ele a guerra não necessariamente era perda de familiaridade com o mundo, e nem mesmo apenas familiaridade através do temor.

Sr. César diz mais a respeito de bons momentos em sua participação na guerra quando conta sobre a relação que ele e seus colegas tinham com os civis italianos. Fala que eram bem vistos pelos nativos devido à similaridade entre as línguas e à solidariedade dos soldados brasileiros, que ao ocuparem e se estabelecerem por algum tempo nas casas do povo dividiam a comida, já que os suprimentos eram restritos nesta época. Esta atitude era diferente da que os soldados americanos apresentavam (eles guardavam a comida que sobrava e não se envolviam tanto com os civis), e dessa forma sr. César e seus companheiros cultivaram amizades dentro da população. A impressão que esta passagem da entrevista causa ao pesquisador é a de que o veterano participou de uma comunidade de soldados e civis, e que esta comunidade foi uma forte referência de familiaridade.

Ele relata que em algumas ocasiões, após a guerra, voltou à Itália e visitou novamente os locais em que havia combatido e passado. Nestas ocasiões, diz ter presenciado honrarias aos soldados brasileiros que lá combateram e ter tido reconhecimento por sua participação na guerra. Segundo ele, os italianos viam os combatentes brasileiros como libertadores:

(...) Porque a idéia do Hitler era dominar o mundo, juntamente com o fascismo e o japonês, e o Brasil participou da libertação do mundo destas três potências. Nós participamos pela liberdade, em prol da democracia.

Podemos compreender que esta fala é reveladora do sentido da participação de sr. César na Segunda Guerra Mundial. Ele se voluntariou para combater por um senso de dever, vinculado a idéia de que iria lutar pela liberdade

e democracia no mundo. Esta justificativa para a guerra se mantém e é compartilhada pelo povo que foi libertado, se não por seus colegas e conterrâneos. Cabe enxergar este sentido como referência para o mundo do veterano no que diz respeito a sua participação no conflito.

Também chama a atenção o fato de que sr. César visitou algumas vezes os lugares em que esteve durante sua atuação na FEB. Acreditamos que isto indique uma importância grande da experiência em sua vida, uma marca em seu mundo que não tem o caráter de trauma ou dificuldade encontrado na bibliografia exposta na introdução desta pesquisa.

Apesar do relato do ex-combatente conter momentos de familiaridade tranqüila reencontrada em meio aos outros soldados e civis, também contém ameaça a esta familiaridade. Ele conta de uma ocasião em que teve que se comunicar com um comandante que estava em um acampamento distante, mas não possuía em seu mapa informações suficientes sobre a rota que deveria tomar. Então ele e mais um soldado se valeram dos conhecimentos de um italiano que morava no local para guia-los.

Tínhamos que atravessar um rio com água até a cintura; eu já achei que o italiano estava... Querendo me levar para o caminho errado, mas eu estava sempre com a minha pistola na mão, pensando: "se este italiano me levar para o caminho errado ele vai ver!". Mas não era nada disto, era apenas preocupação.

O italiano de fato os guiou pelo caminho correto, até uma cidade que sr. César conta: "Depois eu vim a conhecer este lugar. Mas durante a guerra, naquele momento, parecia uma cidade fantasma, porque você entrava e não via nada. Tudo escuro". Enquanto discutiam sobre como prosseguir dentro da cidade foram surpreendidos por vultos armados, que os cutucaram com as baionetas e os conduziram até uma entrada no subsolo. Dentro deste local, mais iluminado, viram que os vultos eram soldados americanos, que haviam os confundido com tropas alemãs. O oficial americano responsável reconheceu o distintivo da FEB em seus uniformes e compreendeu a situação, permitindo que partissem em segurança. Sr. César reconhece o perigo ao qual esteve exposto: "Sabe como é,

o soldado não vendo nada, com medo, achando que éramos alemães, com o dedo no gatilho, qualquer coisa atira”.

Este caso mostra como, na vivência de guerra do veterano, o que é conhecido logo pode se tornar ameaçador. No cotidiano da guerra não se pode confiar no que é familiar do mesmo modo que se confia no cotidiano ordinário. O civil amistoso pode ser um traidor, os vultos podem ser amigos ou inimigos, a cidade é fantasma, não se sabe o que ela guarda. Está familiaridade fugaz em princípio pode parecer um afastamento do mundo, em que os entes intramundanos perdem suas referências conhecidas e “abandonam” sr. César. No entanto, esta inconstância acaba por ser um chamado para que ele se envolva completamente em seu mundo, pois tem de buscar incessantemente restabelecer as referências que se perdem para poder se proteger das ameaças; não há tempo para qualquer outra coisa.

O veterano conta que não presenciou muitas cenas de violência em sua participação na guerra, pois normalmente não ficava nos postos mais avançados durante os conflitos, onde os embates mais intensos ocorriam. Comenta que chegou a ver soldados e italianos feridos, já que muitas vezes estes últimos moravam entre as posições ocupadas pelas tropas, quando não trabalhavam como espiões e passavam pelos campos de batalha disfarçados. Eles freqüentemente eram atingidos acidentalmente ou pisavam em minas terrestres. Diz: “(...) eu cheguei a ver, na primeira linha, um italiano, que estava caído, todo sangrando, ele não deve ter sobrevivido”. Neste momento, ele parece tocado pela lembrança, o que indica a possibilidade da violência ser um fator de esfacelamento da rede de significações do mundo. No entanto, poucos momentos da guerra foram violentos e abriram esta possibilidade.

Em muitos momentos da entrevista o ex-combatente fala da campanha da FEB como um grupo, e não diretamente de suas experiências. Por exemplo: “(...) mas felizmente a nossa tropa com o planejamento feito pelos nossos soldados, com o planejamento feito pelos nossos chefes, conseguiu a vitória.” e, falando de um combate que não participou “E este foi o último combate (...) esta foi a última ação da Força Expedicionária Brasileira”. Aparece uma compreensão impessoal

de sua participação, em que ele fala da guerra mais como um ex-integrante da FEB e menos como ele próprio.

Esta impessoalidade se mostra de uma maneira específica, conforme visto na seguinte parte da entrevista em que o veterano responde a constatação do entrevistador sobre a falta de treinamento das tropas brasileiras:

Realmente foi (pouco treinamento). Eu queria observar neste ponto que o Exército, que os brasileiros foram até uma surpresa, porque em pouco tempo eles se adaptaram ao terreno, e se adaptaram ao inimigo. (...) E em pouco tempo o soldado brasileiro se tornou guerreiro, e elogiado por tropas, oficiais, generais americanos, que inicialmente chegaram a criticar nossos soldados, mas depois passaram a elogiar.

Entendemos que a forma da impessoalidade neste trecho é a de amenizar críticas mais severas ao Exército Brasileiro através do enaltecimento de aspectos positivos deste, defendendo o grupo ao qual se pertence. Essa defesa parece estar vinculada ao sentido de ir a guerra que encontramos anteriormente, e pode ser vista como orgulho por ser um ex-membro da FEB. Em direção a isso vai outra passagem:

Inicialmente a nossa tropa era pequena, mas com um golpe de ousadia e ação rápida de nossos oficiais, nosso comandante deu um ultimato à tropa alemã, para que se rendesse. (...) O pessoal brinca, depois do ocorrido, e talvez tenha um pouco de verdade nisto, que eles não sabiam naquele momento que nós éramos tão poucos, porque realmente o pessoal que estava mais engajado diretamente era apenas um batalhão do 6º Regimento de Infantaria. O resto da tropa estava se aproximando. Eles não sabiam que nós éramos tão poucos e nós não sabíamos que eles eram tantos. Mas isso é apenas como piada, porque o pessoal sabia que era uma divisão alemã que estava ali, e então a tropa alemã se rendeu.

O veterano indicou aqui ousadia e força de seu Exército, e descartou possíveis críticas acerca de sucesso em decorrência da falta de conhecimento de ambas as tropas.

Sr. César relata que, após a guerra, manteve contato com vários colegas

da FEB, mas as pessoas mais próximas que compunham seu regimento se espalharam pelo Brasil. “O meu grupo tinha quase vinte homens, e tinha paulista, tinha gaúcho, catarinense, paranaense, baiano, cearense, mineiro; e assim eram todos”. Então ele perdeu contato com muitos devido à distância, mas criou novas amizades com pessoas que não conheceu bem durante a guerra. Ele fala que, ao regressar para o Brasil sentiu falta dos companheiros que não via mais, embora até hoje se comunique com alguns deles.

Encontramos nesta parte da entrevista um grande valor dado pelo ex-combatente ao companheirismo de seus colegas, já que este se manteve após a época da guerra. O trecho a seguir é esclarecedor a respeito disso:

Eu sentia falta da família, da família mais (enquanto estava na Itália). Mas acontece que a gente dentro da guerra, naquele ambiente, cria uma nova família. Cada um do Exército que se reunia ali, sentia-se familiarizado com os outros companheiros. Eu me sentia bem com o meu pessoal lá. Aquela amizade, solidariedade que eu falei. E o fato de estar também sempre um pouco preocupado, isto desvia um pouco a atenção desta saudade.

Fica evidente o quanto a guerra teve seu lado acolhedor, capaz de repor uma familiaridade perdida junto com as referências cotidianas anteriores, como a família. Também fica claro que havia uma preocupação constante, que desviava o entrevistado de outras questões para que caísse no mundo e na impessoalidade.

Ele conta que gostou de voltar ao Brasil pois era noivo antes de ir combater, e logo que chegou providenciou o casamento. Seguiu a carreira militar até se aposentar, embora tenha sentido um regresso em sua profissão, já que teve muito contato com métodos de guerra mais avançados do que os empregados em seu país. Diz que a experiência dos soldados da FEB, que foi prontamente desmanchada ao retornar da Itália, não foi incorporada pelo Exército. Além destas questões, não houve muitas mudanças em sua vida após sua participação na Segunda Guerra Mundial.

Ao longo do encontro o veterano se manteve bem humorado, contando casos engraçados e divertidos em meio às suas experiências de soldado. Este

clima aponta para o modo que ele habita seu mundo, e para o impacto que a guerra teve em sua vida.

O que se mostrou para nós na entrevista com o sr. César foi uma pessoa que foi à Segunda Guerra Mundial como voluntário, com a motivação de um dever a ser cumprido, o que foi vivido com entusiasmo, mesmo quando situações de perigo surgiam. Este dever era lutar por um mundo livre e democrático sem o domínio de nações sobre nações. Esta foi a justificativa de sua participação, que não significou estar na guerra por estar, sem um motivo claro.

Vimos que alguns momentos de combate traziam fragilidade e perda de familiaridade, e que o contato direto com a violência que pouco ocorreu também retirava brevemente a tranquilidade do ser-no-mundo. No entanto, o combate não apareceu principalmente como perda de sentido e referências, e sim o contrário: os momentos de confronto solicitavam uma aproximação do mundo e de seus entes, para que a familiaridade pudesse ser constantemente reposta; as redes de significação volúveis exigiam um ser-aí caído no mundo para nele afastar as ameaças. Esta queda não era apenas preocupação e temor (embora estes pareçam normalmente estar presentes), era também companheirismo e cumprimento de dever.

A familiaridade apareceu apoiada nos outros e na impessoalidade. Sr. César sentia falta de sua antiga família, mas a “encontrou” novamente em seus colegas de armas e nos civis italianos, na comunidade que formaram. Esta familiaridade se mostrou como orgulho por ter integrado a FEB e por ter sido reconhecido junto a este grupo como um libertador pelo povo da Itália.

Podemos dizer que a guerra deixou uma marca na vida e no mundo deste veterano, pois ele viajou algumas vezes para os locais em que combateu e manteve contato com os amigos que fez no Exército, além de criar novas amizades com soldados que não havia conhecido na ocasião. Nem tudo da guerra acabou quando a FEB foi dissolvida; o companheirismo e o orgulho de algum modo se mantiveram. A marca foi de uma nova forma de familiaridade com o mundo.

O bom humor durante a entrevista vai ao encontro destes fenômenos, pois

conjuntamente indicam que a guerra não foi uma vivência de mundo que se desfaz, e sim de um mundo que foi tranquilizador. Esta forma de estar no mundo continuou sendo mesmo após o regresso da Itália.

Em direção ao mundo do sr. Antônio

Senhor Antônio se apresenta como aposentado, viúvo, com oitenta e sete anos. Diz ter um filho, uma neta e uma bisneta. Foi padioleiro (carregador de padiola, uma maca para transportar feridos) na Segunda Guerra Mundial, compondo o Batalhão de Saúde no 1º Escalão que foi à Itália. Coloca: “Eu sou sincero com você, não conheço nenhuma arma do Exército”.

Ele começa a entrevista falando que não conhece mais nenhum dos padioleiros que foram para a Itália, pois eles sumiram pelo Brasil. Está é uma primeira amostra da referência que ele tem sobre a guerra: os outros que o acompanharam.

O veterano conta de sua trajetória militar até saber que iria para a guerra. Primeiramente foi chamado para servir ao Exército em 1939. Na época, o padrão era que o ingressante mudasse de cidade para ser treinado. No entanto, isto não aconteceu em seu caso, pois sua mãe havia sido operada e precisava de cuidados pelos quais ele era responsável. Ao apresentar atestado do caso para seu comandante recebeu ordens de ficar no quartel todo o tempo, já que não seria transferido. O entrevistado não participava dos exercícios que os outros praças faziam, e assim sendo ficava ocioso. Observando esta situação, o Sargento enfermeiro do local chamou-o para ser ajudante na enfermaria, por mais que o entrevistado não tivesse conhecimento na área. Sr. Antônio achou isto bom, porque não tinha de ficar realizando tarefas. No entanto, este Sargento enfermeiro tinha o hábito de ir embora para embriagar-se, deixando seu ajudante responsável pela enfermaria. Dessa maneira ele serviu ao longo de um ano, e quando foi licenciado constava em seu prontuário do Exército a função de enfermeiro, por mais que não o fosse realmente.

Em 1942 foi convocado para servir ao hospital militar, devido à indicação

de seu prontuário, e teve que sair da firma em que trabalhava. Conta sobre como reagiu ao saber que iria para a guerra: “Ah, normalmente, viu?! Normalmente! A gente já tinha mais ou menos... Você estava mais ou menos a par da situação, né?”

Podemos ver que o ex-combatente foi à Itália levado pelas circunstâncias do acaso, sem questionar ou reagir contrariamente a estes acontecimentos. Aceitou seu destino, mesmo sem ter buscado por ele, acatando as coisas do jeito que costumeiramente são, deixando seu ser que sempre está em jogo ser guiado impessoalmente pelos outros. Posteriormente, esta forma de ser guiado impessoalmente terá sua demonstração ampliada.

Sr. Antônio fala que foi para guerra sem treinamento adequado para exercer sua função. “Então fomos para a guerra com poucas instruções, mas muito pouco mesmo, viu? As instruções eram as mínimas possíveis. Tudo aquilo que nós aprendemos durante a campanha na Itália foi por conta própria”. Afirma que ele e seus colegas não sabiam nem mesmo como pegar um ferido e colocá-lo na padiola, e tiveram que desenvolver uma forma particular de fazê-lo. Eles simplesmente receberam uma padiola para quatro carregadores e foram mandados para a frente de batalha.

Este tema que surgiu na entrevista é um primeiro apontamento para o quanto as referências cotidianas do veterano foram desfeitas e tiveram que ser novamente construídas por ele e seus colegas. Isso o levou a cair no mundo e nos outros para criar uma forma de exercer a função que a ele foi dada. A este respeito fala que “O brasileiro é muito... Ele praticamente resolve as coisas. E lá na Itália ou você resolvia ou morria”. Esta passagem trata do temor como modo de ser-no-mundo, nesta busca de repor referências perdidas e afastar as ameaças oriundas do mundo.

Quando inquirido acerca de como se sentiu ao saber que iria para guerra, respondeu:

Olha, eu vou te falar uma coisa, viu? Nós nunca pensamos na guerra. Nunca! Pelo menos a turma que convivia comigo no Batalhão de Saúde. Era como se nós fôssemos para um lugar

qualquer.

Em seguida relata que ele e seus companheiros não sabiam nem sequer para onde estavam indo quando embarcaram para o front, e que um colega mais instruído, que possuía um mapa, explicou por onde estavam sendo transportados e qual era o destino do navio.

Só quando nós chegamos na Itália, em Nápoles, é que nós soubemos que tínhamos chegado lá. Para você ver como o Exército era naquela época, houve companheiros que chegaram perto de mim e falaram: "Antônio, o que é isso aqui?". Nós desembarcamos no porto de Nápoles, a banda americana tocando música brasileira e ele perguntou para mim: "O que é que é isso aqui?" No começo eu não entendi o que ele queria saber. Aí entendi que ele queria saber aonde é que nós estávamos. Eu falei para ele: "Aqui é Nápoles, aqui é a Itália." Ele não sabia nem aonde é que ele estava, coitado. Mas ele se acostumou depois. Depois a convivência foi levando ele para frente.

O que se mostra nestas últimas falas é o quanto a guerra, por mais que fosse uma possibilidade concreta e próxima, estava distante do ex-combatente. Ele e sua turma não pensavam para aonde iriam, e se portavam como se fosse uma viagem a um lugar qualquer, um passeio. Não estavam treinados e preparados para participar dos combates, e não sabiam de sua destinação. Sr. Antônio teve suas referências retiradas, mas isto não significou uma apropriação do seu ter que ser. Este vazio que poderia ser (e pode ter sido) angustiante foi preenchido com uma vivência imprópria da situação; ou seja, ir para a guerra era algo esperado, com o que se acostumaria. O modo específico de ser impropriamente em que se considera normal e conhecido autenticamente por todos o que na verdade está obscuro é chamado por Heidegger (2005) de *ambigüidade*: nada aparece como excepcional e novo, tudo já é visto, sabido, e resolvido, retirando aparentemente a abertura do ser através de um fechamento superficial. Encontramos este fenômeno na entrevista com o ex-combatente através da configuração "ir a guerra é como ir a qualquer lugar".

Acerca de sua atuação na Itália, o veterano conta que o Batalhão de Saúde

ficava na retaguarda das tropas, e que os padioleiros se mantinham de prontidão em postos médicos. Quando chegava o recado de que um soldado havia sido ferido na frente de batalha, eles iam procurá-lo, geralmente seguindo indicações como fios telefônicos, para então trazê-lo até o posto do qual partiram. Ali ele recebia os primeiros socorros, prestados pelo médico responsável, que o encaminhava para um hospital adequado aos seus ferimentos. No entanto, estes locais, mesmo estando na retaguarda, não eram totalmente seguros, sendo muitas vezes atingidos pela artilharia inimiga, já que “Quando a bomba cai, ela não sabe aonde vai cair”. Vemos que o perigo era constante.

Sr. Antônio relata nunca ter se defrontado, após retornar ao Brasil, com alguém que tivesse resgatado, pois eram muitos os feridos atendidos e eles eram encaminhados para os hospitais logo após chegarem aos postos médicos. No entanto, ele sabe que muitos brasileiros puderam voltar para casa devido ao seu serviço, e disto ele se orgulha. Nesta direção comenta:

Antigamente, no Exército, o sujeito que era enfermeiro, era padioleiro, era chamado de pó de arroz. Porque o outro era combatente, pegava no fuzil, e os padioleiros e enfermeiros não. Lá na Itália muitos companheiros estavam no front em uma trincheira e eles falavam: “Não troco meu lugar por nada com você viu? Eu fico aqui escondidinho. Você não, tem que andar para lá e para cá.” Não é verdade? Tinha que pegar o ferido, não tinha perdão. Tinha que ir buscar ele aonde é que ele estivesse. Coisa que nós nunca, nunca deixamos um ferido para trás.

Devido a esta atuação, ele coloca o Batalhão de Saúde como uma arma muito poderosa da FEB. Os padioleiros se esforçavam e arriscavam para resgatar qualquer um que estivesse ferido, em qualquer lugar, sem importar as condições.

Estas afirmações revelam o sentido para o veterano de combater na Segunda Guerra Mundial. Em um primeiro momento, ir para a Itália se mostra como um ir a qualquer lugar. No entanto, quando ele efetivamente é envolvido pelo mundo da guerra, quando neste mundo se ocupa, o que surge é um grande reconhecimento do valor de sua participação nos combates. Sua função é legitimada por ele e pelos companheiros do Exército, e o ex-combatente pode se

reconhecer neste grupo do Batalhão de Saúde, orientado pelo discurso impessoal. O seu esforço como padioleiro é tido como sacrifício em prol de seus colegas, uma boa ação realizada para a FEB. Assim sendo, ele pode falar: “Eu tenho orgulho de dizer que fui padioleiro no Batalhão de Saúde, com muita honra, e nunca desonrei o nome do nosso Brasil”. Encontramos orgulho e patriotismo caminhando lado a lado, ambos como referência para o mundo deste veterano.

O discurso impessoal de boa participação em combate não se limita ao Batalhão de Saúde, mas se estende a todo o soldado brasileiro, que é visto como alguém que se superou por ter aprendido durante a guerra, sem instruções adequadas, a vencer um inimigo experiente e preparado. O motivo disto seria a força de vontade excepcional do brasileiro, que o colocaria entre os melhores do mundo.

Na continuação da entrevista, sr. Antônio se detém em um caso marcante, que normalmente não gosta muito de falar. Ele e seus colegas foram socorrer um rapaz em uma noite fria e escura. Quando o encontraram, na hora de colocar o tal rapaz na padiola, um dos carregadores disse que não era possível fazê-lo. Sr. Antônio, querendo ir embora o mais rápido possível, apressou seu companheiro, que insistiu em sua afirmação. Então o entrevistado disse para seu colega que deveriam trocar de lugar. “Imediatamente ele trocou de lugar (comigo), e eu vi como de fato não dava. O ferido não tinha uma perna, e ele não sabia como pegar; mas assim mesmo nós conseguimos por ele na padiola e levamos ele para o médico”. O rapaz chegou vivo ao posto, mas sr. Antônio não sabe qual foi seu destino. Inquirido sobre o instante após a troca de lugares, ele respondeu: “(...) no momento você não pensa, você faz (...) É obrigado a fazer!”. Parece haver incômodo em sua expressão e falas posteriores, o que muda após dizer “Eu fiquei... Não tinha o que pensar. Tinha que pegar!”.

Vemos neste caso que o ex-combatente não gosta de falar de momentos de violência, de entrar em contato com os aspectos do combate que podem gerar horror. A ação no mundo, o resolver problemas concretos, afastam a possibilidade de aprofundamento nas questões que podem surgir quando a violência da guerra é escancarada. Parece ao autor que este tema é tratado rapidamente para que

não possa tomar conta do ser do entrevistado, que busca na queda no mundo não permitir que sua fragilidade venha à tona.

O veterano descreve o confronto na cidade de Montese como o mais duro de toda a campanha, pois as tropas alemãs, já em retirada, resistiram o máximo possível, com o intuito de possibilitar a fuga da maior parte de seu Exército. Sr. Antônio e seus companheiros de padiola foram transportados até a cidade, e lá começaram a procurar o posto médico em que deveriam prestar serviço. Não conseguiram localizá-lo, e ficaram à porta de uma casa, discutindo o que deveriam fazer. Então, alguém passa e recomenda que eles entrem na casa, pois o local era perigoso. Logo após seguirem a recomendação, uma bomba cai onde anteriormente estavam, esmigalhando a padiola que havia ficado recostada no lado externo. “(...) aquela bomba não tinha perdão”. Questionado sobre como se sentiu neste acontecimento, falou: “Se eu disser que não tinha medo estou mentindo. Ninguém diz: ‘eu vou lá porque não tenho medo!’. Não, ele está mentindo. Porque todo mundo tem medo.” Também conta que, com o passar de alguns dias, ele e seus colegas chegaram a conclusão de que não havia sido soldado algum que os havia salvado a vida, e sim Deus, já que eles não viram ninguém passar por ali para avisá-los, e nem para aonde esta eventual pessoa teria ido.

Esta situação indica uma possível vivência da angústia em que, sem aviso algum, a vida do entrevistado quase foi perdida. Ele enxerga sua proximidade com a morte ao ver seu instrumento de serviço esmigalhado, em pedaços. Suas referências mundanas, familiares, de nada adiantaram para que tentasse evitar seu fim, que em um primeiro momento parece não ter ocorrido por mero acaso. O próprio mundo parece ter sido provisoriamente despedaçado junto a seu instrumento de soldado. Apontando nesta direção está o que o veterano chama de medo (se lembrarmos da costumeira proximidade entre este fenômeno e o da angústia) que é um medo frente a constatação de sua fragilidade. Ele não poderia ter previsto o incidente, e desse modo não tinha como buscar evitá-lo mergulhando no mundo. Logo, a familiaridade por alguns instantes esteve perdida, sendo logo repostada pelo pensamento de um soldado salvando suas

vidas, ou de Deus o protegendo destes perigos ocultos. Sem a reposição da familiaridade não seria possível continuar agindo no mundo, na guerra. Mas ele continuou.

Sr. Antônio diz não ter visto muitos momentos violentos, já que, por sorte, a guerra estava no fim e o Exército Alemão mais se preocupava em defender do que em atacar.

Em seguida fala que a amizade que fez com os soldados é muito grande.

Você no Exército não encontra quase inimigos. No meu tempo você encontrava amigos. Quando o sujeito sai do Exército, ele sai chorando. Porque nunca mais ele vai ter a amizade que ele consegue dentro do Exército. Há muito caso de briga, isso sempre existiu e sempre vai existir. Mas em compensação a amizade do soldado é muito grande, muito boa.

Podemos ver aqui um grande valor dado aos amigos conseguidos no Exército, que é superior em sua intensidade às adversidades e dificuldades da guerra. A familiaridade encontrada junto aos outros, na ocupação comum, surge com mais força que a perda de tranqüilidade nas situações de violência e perigo (que não foram muitas).

Enxergamos mais claramente esta estima à amizade com os ex-membros da FEB quando ele coloca que fez centenas de amigos, e que com muitos manteve contato por longos anos, sentindo falta daqueles que foram para longe da cidade em que está radicado; até hoje tem vínculos importantes com pessoas que combateram na Segunda Guerra Mundial. No entanto, atualmente restam poucos veteranos, e muitos destes amigos importantes já morreram. “O que vai fazer? É a vida né?”.

Sr. Antônio relata que o fim da guerra foi ótimo, porque “Como a gente costumava dizer na Itália, nossa vida valia menos que uma ponta de cigarro. Você tá vivo agora e morre logo ali adiante”. Após a rendição alemã eles ficaram livres dos riscos inerentes aos confrontos, e o convívio ficou mais leve, “A turma já estava mais liberada”. O autor compreende, portanto, que a vitória da FEB foi vivida como o fim da insegurança, o término da ameaça da guerra à familiaridade

mundana. O que restou foi apenas o companheirismo, a amizade e o orgulho de pertencer a este grupo.

O ex-combatente compartilha conosco que sentiu falta de muitas coisas durante a campanha na Itália, especialmente de sua família. Sabia que sua mãe o esperava, e se preocupava com como ela iria sentir-se caso ele morresse em combate.

Sua morte, embora tematicamente próxima, surge de forma distante e obscura. Ela não é compreendida por ele como a possibilidade de fechamento do ser-aí, do mundo, e de todas as outras possibilidades, e sim como a tristeza de sua mãe. Ou seja, parece que em sua morte ele ainda poderia ser tocado pelos sentimentos de alguém, estando ainda aberto, no mundo. O morrer propriamente talvez não tenha sido uma questão durante a guerra; ao menos é isso que podemos encontrar neste trecho da entrevista.

Em seguida, o veterano fala que voltou ao Brasil e preferiu a vida civil à carreira militar, pois tinha emprego garantido na firma em que trabalhava antes de sua atuação no conflito, e também queria ficar com sua namorada. Ele diz não ter sentido falta de nada que tinha durante a guerra; com o tempo tudo foi sendo esquecido, diluído. “A vida depois continuou, sempre assim, não é?”. Ele não sentiu muitas mudanças em si após a guerra, tudo correu normalmente, e então se aposentou. Relata não ter se sentido diferente, afetado (negativamente) pela experiência, embora tenha visto alguns poucos companheiros que o foram.

O entrevistado conta que as pessoas perguntavam como foi participar da FEB, e que ele gostava de falar sobre isso, principalmente sobre os aspectos positivos da campanha, do sucesso do Exército Brasileiro.

Ele demonstra que a guerra não rompeu a familiaridade de seu cotidiano como civil. Sua vida continuou de modo similar a como era antes do embarque para a Itália, e ele sentia-se bem falando a respeito da experiência de modo impessoal.

Por fim, sr. Antônio coloca que o Exército serviu para endireitar seus integrantes, para que estes aprendessem a ser homens, e que a experiência da Segunda Guerra Mundial foi de amadurecimento. “Ou ele (soldado) se adaptava

ao que era o Exército, ou então ele caía fora”. Em adição, ele sente que foi reconhecido por sua participação e esforço, pois até hoje ganha uma pensão pelos serviços prestados a seu país.

Vemos mais uma vez como o ser-com-os-outros de modo impessoal está presente no mundo deste ex-combatente. Ele entende que amadureceu e se adaptou à forma exigida pelo Exército Brasileiro, e que isto serviu para mantê-lo direito. Ou seja, ele se reconhece pertencendo ao grupo da FEB, e se sente valorizado por isso.

Enquanto o encontro estava sendo realizado, o veterano apresentou freqüentemente bom humor e animação em falar de suas memórias, o que deu a impressão de ser feito com saudosismo por bons tempos. Está disposição aponta para o sentido de seu mundo como soldado.

Encontramos na entrevista com o sr. Antônio um ex-combatente que não empregava armas, que se tornou padioleiro por acaso. Ele foi à guerra como se soubesse o que encontraria pela frente, como se fosse para qualquer lugar com seus amigos, sendo que no entanto não estava preparado para as adversidades que o aguardavam, que ameaçariam seu mundo e sua vida. Chamamos esta sua forma de ser, que é um modo de buscar repor a familiaridade cotidiana perdida, de ambigüidade. Podemos dizer que o veterano foi à guerra e em muitos momentos nela esteve como alguém que não vai propriamente a guerra, pois a sua morte, como possibilidade própria, estava distante.

Vemos também que o perigo concreto de ser atingido por artilharia era constante, embora o envolvimento com as tarefas mundanas (como desenvolver um método para carregar os feridos) ofuscasse esta ameaça. Apenas quando o ex-combatente foi quase atingido por uma bomba, que destruiu sua padiola, a morte se mostrou como uma possibilidade; a angústia talvez tenha sido vivenciada, mas logo foi substituída por uma familiaridade reposta pela fé no divino.

A ameaça ao familiar pôde aparecer mais uma vez quando o horror da guerra foi escancarado por uma cena violenta, que retirou as referências usuais do mundo. No entanto, o ter que fazer, sem tempo para reflexão, a urgência do

chamado mundano, reaproxima o veterano do todo referencial que se reestrutura. O desconforto que ameaça a estrutura do mundo é logo encoberto.

A vivência de sr. Antônio da guerra se mostrou como patriotismo e orgulho, pois ele teve um papel importante neste evento, e foi reconhecido neste papel juntamente a seus companheiros. Além disto, um clima de grande camaradagem acontecia na Itália, e se manteve após o retorno ao Brasil. Assim sendo, grande parte da experiência de combate é compreendida por ele impessoalmente, diluída nas amizades que marcaram a sua vida (afinal, até hoje elas se mantêm).

Quando a Segunda Guerra Mundial acabou, todos os riscos e adversidades foram deixados para trás, ficando apenas o companheirismo que lá foi criado, que pôde ser continuado em parte juntamente com sua vida cotidiana. Parece que é assim que a guerra atualmente se mostra para sr. Antônio, como um aspecto importante, feliz de sua vida, que é lembrado com saudosismo. A familiaridade trazida por seu mundo não foi efetivamente ameaçada.

Em direção ao mundo do sr. Jorge

Senhor Jorge se apresenta como professor de inglês aposentado do curso secundário (atualmente 1º grau), bacharel em direito, com oitenta e oito anos de idade.

Começa a entrevista dizendo que foi convocado para a Segunda Guerra Mundial, e foi treinado no Rio de Janeiro, conjuntamente a outros 150 universitários de diversas faculdades, para ser Sargento de Comunicação. Foi chamado para repor as baixas da FEB, e durante a guerra atuou em uma bateria de comando da artilharia, sendo chefe de sessões de rádio e telefonia.

Sr. Jorge era estudante quando foi informado de sua convocação. Ao ser inquirido sobre como reagiu ao saber que iria à Itália combater, respondeu:

Olha, foi uma... Eu vou dizer que foi um choque para mim (...) Como eu era do interior, estava morando em pensão, fazendo a Faculdade de Filosofia, e estava no último ano, estava até esperando o registro de professor que vinha lá do Rio de Janeiro. E então tocaram a campainha, e aí veio a dona da

pensão e disse: “olha, tem um soldado aí procurando pelo senhor”. Não! Quando tocou a campainha ela disse: “estão te procurando”. Não falou que era um soldado. Eu falei: “ah, vai ver que é o registro que veio!” (risos). E quando eu cheguei lá, era a cartinha de apresentação, que eu tinha que me apresentar.

Vemos que seu primeiro contato com a guerra foi de surpresa, espanto. Ele esperava que a qualquer momento sua vida fosse tomar um rumo que ele havia escolhido, o de ser professor; no entanto, o rumo que se apresentou foi um abruptamente diferente, o de soldado. Ou seja, seu mundo cotidiano e costumeiro foi de uma hora para outra transformado, suas referências do dia-a-dia desfeitas. A forma encontrada para lidar com isto é ilustrada pelo trecho: “Eu procurei me acomodar à coisa”.

O entrevistado apresenta melhor o impacto que sentiu por ter sido convocado neste momento de sua vida quando fala de seu treinamento militar. Diz que o Exército naquela época não tinha estrutura alguma, e que “a vida dos oficiais era espartana”, condições diferentes das encontradas nos Exércitos Americano e Inglês. A disciplina brasileira era baseada no método francês de guerra, mais antiquado e rígido. Coloca: “O soldado era tratado como bicho” e também “A gente se ressentia muito com isso”. Não havia higiene, os vasos sanitários eram buracos feitos no chão sob um suporte de cimento; a comida era horrível; “Era uma coisa bárbara”. Fala sobre como se sentiu nesta fase: “No começo eu ficava chateado (...) A gente estava terminando a faculdade aqui, e to aqui igual a um bicho do mato”. Assim sendo, sua reação inicial foi de revolta, “(...) logo eu?! Estou terminando agora a faculdade, estou pensando ainda em começar a lecionar. Tinha que estar aqui? (...) não tinha outro jeito”.

Fica claro o quanto seu mundo cotidiano foi violentamente modificado pela convocação, e que isto o deixou muito insatisfeito. Inicialmente, o mundo do soldado tem como referência a revolta pelas possibilidades que lhe foram tomadas. Ele buscou se adaptar a esta situação, pois não encontrou outra solução.

Sr. Jorge relata que treinou para algumas situações que aconteceriam durante a campanha, mas que aprendeu realmente o ofício de combatente com a

experiência na Itália. Ele diz que a tropa não foi psicologicamente preparada para o que iria encontrar. “(...) A gente embarcou sem saber exatamente o que era uma guerra”. A idéia que tinha sobre este assunto era influenciada por filmes assistidos no Brasil, que diferia do que foi encontrado ao desembarcarem em Nápoles:

(...) vimos o porto totalmente arrasado, aqueles aviões, os *Blimps*, que eles chamavam, os dirigíveis pequenos para proteger o porto, a cidade praticamente arrasada, aquela população pedindo comida, pedindo roupa, principalmente crianças; então foi aí que a gente começou realmente a sentir a guerra.

O veterano não antecipava corretamente o que iria achar nas frentes de batalha em que esteve, e tinha como referência apenas uma visão impessoal, que prontamente teve de ser descartada. A familiaridade que o mundo pode proporcionar se desfez, assim como ocorreu no momento de sua convocação. Posteriormente esta familiaridade se mostra reposta de algumas maneiras que serão descritas.

O ex-combatente embarcou para a Itália quando a guerra já estava em andamento. Conta que o transporte por mar efetuado já neste país foi horrível, pois as águas estavam revoltas devido a trombas d'água; os passageiros não conseguiam comer por causa de enjôo. Após algum tempo em que esteve estabelecido em terra firme, dividindo uma pequena barraca com um outro combatente, sob chuva constante, foi designado para um curso de minas e demolições ministrado por oficiais americanos e ingleses. Ele fala que não teve problemas de comunicação referentes a língua porque era fluente em inglês (sendo por isto muitas vezes aproveitado para efetuar traduções de manuais estrangeiros para seus oficiais).

O curso correu normalmente, e foi constituído por uma parte teórica e por uma parte prática, em que os alunos desarmavam minas terrestres sem carga explosiva, ou com uma carga pequena. No último dia foi realizada uma prova final, que consistia em atravessar um campo realmente minado. Ao longo da prova o entrevistado esbarrou e disparou uma mina, de um tipo que era ejetado

do chão até a altura de dois metros, para então explodir no ar. Neste percurso ela o atingiu no maxilar (que ficou deslocado) jogando sr. Jorge para trás e ao chão, e em seguida explodiu no alto. Alguns estilhaços da mina fizeram pequenos ferimentos em seu corpo. Um colega que o acompanhava na prova carregou-o no ombro para fora da área de perigo, guiado por um oficial americano. Foi levado até uma ambulância. “Eu queria falar, mas não... O queixo estava balançando. Eu falei: ‘bom, será que eu vou falar? (risos). Será que eu vou conseguir falar de novo?’. É horrível, é horrível”. Após o incidente, ele foi levado até um hospital nos Estados Unidos da América para tratamento:

Neste hospital, um Tenente-Coronel médico estava me observando, e falou para um enfermeiro do lado: “Puxa, este teve uma sorte danada! Um estilhaço pegou pertinho da carótida; se baixa um pouquinho mais, ele estaria perdido”. Ele falou para mim: “pode ficar sossegado que você vai voltar para o Brasil”. Eu pensei que, se ia voltar para o Brasil, então eu estava bombardeado mesmo, não é? (risos). Mas graças a Deus depois eu fui.

Encontramos nestas falas a fragilidade de uma vida que apenas por sorte não se perdeu. O mundo referido à guerra é perigoso, e de uma hora para outra tudo pode acabar; o acaso parece poder se impor a qualquer momento sobre a tranquilidade cotidiana. Poderíamos, com base nisto, tentar supor se o entrevistado vivenciou a angústia. No entanto só é possível afirmar que ele, ao menos em determinado grau de aprofundamento do relato, esteve voltado para referências intramundanas e não para sua morte própria. Isto porque sua preocupação foi com voltar a falar ou não, e com seu estado geral de saúde devido a colocação do médico. O fechamento de seu ser como possibilidade não se apresentou de nenhuma forma para nós.

O veterano conta que era o único brasileiro neste hospital norte-americano, e que se dava bem com os soldados dos Estados Unidos da América que lá estavam. Conforme anteriormente colocado, a diferença de línguas não foi uma barreira (e enquanto ainda não conseguia falar escrevia em papéis). Diz que, antes desta experiência, fazia uma certa reserva aos americanos, e gostava mais

dos ingleses que havia conhecido; no entanto, este período de recuperação o fez mudar de idéia. O começo desta amizade que surgiu se deu porque todos os internos do hospital recebiam vales para trocar por alimentos, e sr. Jorge não usava os seus, já que nos três primeiros dias de internação não conseguia comer nada por estar constantemente vomitando sangue. Um dos internos perguntou se ele iria utilizar os vales que estavam se acumulando e, caso não o fosse, se poderia cedê-los. Sr. Jorge deu seus vales e começou uma relação de camaradagem com esta pessoa. Logo o clima de companheirismo se disseminou: os americanos perguntavam como ele estava, ajudavam-no quando era necessário, conforme indicação da enfermeira, faziam brincadeiras; quando alguém recebia bolos ou doces de seus familiares, dividia entre todos. Em suma, ele sentiu-se tratado como um igual e diz ter aprendido muito com o comportamento destes outros soldados, que era mais descontraído, “largado”, do que o seu próprio, adquirido com a dura disciplina do Exército Brasileiro.

Vemos que a ameaça anterior advinda do ferimento no campo minado deu lugar a uma familiaridade encontrada junto aos outros, aos amigos feitos no hospital. O envolvimento com seu mundo, através do companheirismo, manteve a tranquilidade de um novo cotidiano, que parece ofuscar a fragilidade evidenciada pelas lesões sofridas.

A estadia do ex-combatente nos Estados Unidos da América durou aproximadamente dois meses, tempo que levou para passar por todas as intervenções necessárias para voltar a poder ingerir alimentos sólidos, e não apenas líquidos. Após ter alta voltou à Itália e reassumiu suas funções anteriores na mesma unidade que havia integrado. Retornou quando as tropas estavam descansando, depois de terem vencido uma batalha longa, e estavam abrigados do fogo inimigo. “Abrigados do fogo inimigo é modo de dizer, também, porque onde nós estávamos fomos bombardeados umas três ou quatro vezes (..)”. Percebemos que voltar à guerra é voltar a insegurança, pois mesmo quando se está bem protegido o perigo ainda está presente.

Ele explica que não houve problema em retornar à Itália, pois isto já era esperado para todos os que eram tratados naquele hospital. Recebeu então novo

fardamento e armamento, sendo que o capacete que a ele foi dado havia sido utilizado por um colega que sofreu um acidente e faleceu, ainda estando manchado com sangue. Enxergamos a morte anunciada, mas sem que isto abale a pacificação trazida pelo que é esperado.

Sr. Jorge voltou a efetuar reparos com seus companheiros nos fios telefônicos danificados por bombardeio, assim como fazia anteriormente. Ele chegou a fazer limpeza de campos minados, mas em pouca quantidade, e tendo de desarmar minas menos perigosas.

Em seguida ele conta que normalmente a sua turma de reparos era pouco visada pelas forças inimigas, e o perigo não costumava ser grande. Apenas no combate de Montese, em que muitos reparos tiveram de ser efetuados, esteve mais exposto a hostilidades, já que o bombardeio alemão à cidade foi de grande intensidade. No entanto, seu grupo mantinha-se nas cercanias de Montese, em locais menos atacados do que o interior da cidade, onde a maior parte da infantaria se localizava. O principal risco ao qual estava exposto era o trazido pelas minas terrestres. O veterano não presenciou muitos momentos de violência, e nem colegas sendo feridos. Ele entende que a guerra na Itália foi diferente do resto da Segunda Guerra Mundial, como, por exemplo, o famoso desembarque na Normandia - principal cenário do sangrento Dia D. Isto porque a topografia italiana irregular dificultava confrontos diretos e favorecia combates travados principalmente através de artilharia e posições defensivas. Por isso, ele só viu alemães prisioneiros, nunca frente a frente durante os combates.

A guerra vivida pelo entrevistado lhe apresentou pouca violência, e, apesar de ter sofrido um ferimento de considerável gravidade, nunca se deparou com um soldado alemão que o ameaçasse, e nem mesmo com algum companheiro que tivesse sido vítima desta ameaça. Isto não significa que sua participação na FEB não tenha sido marcada pelo perigo; apenas indica que o perigo era sutil e indeterminado (uma mina terrestre, uma bomba inesperada), não tão evidente quanto para alguém que se vê frente a frente com o inimigo e com colegas feridos.

O ex-combatente diz ter sentido falta de sua noiva enquanto esteve longe

de sua nação, e mandava cartas para ela. Coloca: “tem hora que a gente ficava parado, pensando um pouco, e aí dava saudades do Brasil, da coisa toda. E preocupação, não é? De, como é que vai ser lá?”. Vemos que estar envolvido nas atividades bélicas, no mundo, afastava as questões mais próprias que surgiam no ócio.

Ele fala, ao lembrar do momento exato da rendição italiana, “Então foi aquela festa” e “Ah, foi uma satisfação muito grande (...) foi um alívio”. Relata que todos estavam muito alegres, em especial os civis italianos, que tinham muitas restrições de recursos básicos durante a guerra. Sr. Jorge conta que ficou ainda por algum tempo na Itália como tropa de ocupação, e que correram boatos de que talvez a FEB fosse combater no Japão. Este tempo de espera, de incerteza quanto ao seu destino próximo, diminuiu a alegria inicial e ele se preocupava em saber quando voltaria para casa. Em suas palavras, “Quando terminou a guerra, aí já foi cansaço, viu? A gente tava enjoado e queria voltar”.

Esta vontade de voltar para casa, na visão do autor, condiz com o sentido inicial de ir para a guerra, que foi de projetos de vida interrompidos violentamente. Ir para a Itália não foi uma decisão pessoal e quando o conflito cessou o que ele mais queria era poder retomar, o mais rápido possível, o que havia sido interrompido.

A entrevista se detém por algum tempo na estadia do veterano em uma vila, quando a guerra já havia terminado. Neste local surgiram vínculos entre ele e os civis, que eram principalmente mulheres e crianças. Ocorriam bailes e os soldados faziam chocolatada: “Cuidava muito de criança. Aquilo que a gente podia fazer por criança, a gente fazia”. Em determinada ocasião os garotos entregaram para cada um dos brasileiros um pedaço de papel, com os escritos “aos orgulhosos heróis brasileiros”.

Após sua vivência de combate, o entrevistado viajou cinco vezes para a Itália, algumas com sua esposa e uma apenas com ex-membros da FEB, reconstituindo o trajeto realizado na campanha de 1944-1945. Ele encontrou pela Itália muitos monumentos aos soldados brasileiros, vistos pelos italianos como heróis libertadores. Nestas viagens em que visitou novamente os locais em que

tinha estado, quis ir até esta vila em que ficou por algum tempo para reencontrar as pessoas que lá conheceu, ver o que tinha se mantido e o que havia mudado. No entanto, devido a algumas circunstâncias, não conseguiu.

Estes trechos da entrevista apontam para uma familiaridade que foi encontrada junto aos outros de uma nova comunidade, longe de casa e das coisas que haviam ficado para trás. É possível identificar saudosismo nas recordações desta etapa final da guerra, que parece ser lembrada como um bom momento da vida. Este bom momento se mostrou relacionado com o reconhecimento de muitos italianos pela validade dos combates que foram travados pela liberdade. Os civis do país que serviu de palco para os confrontos reconhecem sr. Jorge e seus companheiros como heróis, e ele demonstra ter orgulho disto. Encontramos aqui um sentido para sua participação na Segunda Guerra Mundial diferente do que inicialmente surgiu, que é o de orgulho por ter participado de uma guerra legítima para libertar pessoas oprimidas. Podemos dizer que a compreensão impessoal, a forma que os soldados e os civis compreendem, trouxe tranquilidade.

Também vemos esta pacificação quando o tema do companheirismo aparece. Houve muita amizade entre sr. Jorge e o pessoal de seu grupo; até os dias de hoje mantém contato com vários veteranos e é padrinho do filho de um deles. Por bastante tempo após a guerra se reuniram mensalmente e sr. Jorge teve a oportunidade de encontrar vários ex-combatentes que não havia conhecido na Itália. Ele conta uma situação que ilustra esse ambiente:

(...) quando nós estávamos já aguardando o embarque para o Brasil, na véspera do embarque, à noite, nossos sargentos tinham uma barraca só. Então nós estávamos lá, e estávamos reunidos, e alguém apareceu lá com uma garrafa de vinho. Um vinho vagabundo, todo mundo punha aqui (aponta para os lábios) e passava para o outro, ninguém tomava, ninguém engolia o vinho (risos). (...) Mas, então, um falava, outro falava, e eu falei: "bom, está tudo muito bem aqui, nós estamos falando muito bem, conversando, e tal. Mas, será que quando nós chegarmos no Brasil nós vamos manter esta relação que nós temos aqui, agora?". Eu mesmo fiz esta pergunta para eles. Depois, já passado muito tempo, um dos sargentos lá, que já faleceu, e morava em Osasco, teve um dia que ele veio aqui e

falou: “você lembra que você falou isso? É verdade viu, porque cada um, a turma se espalhou”. E é claro não é? Quem era do interior foi para o interior.

A amizade com os ex-membros da FEB é algo prezado pelo entrevistado, que demonstra não querer que este vínculo se perca, por mais que isto tenha ocorrido devido à distância e ao tempo. A familiaridade encontrada junto aos companheiros de guerra é algo que se mantém.

Após retornar ao Brasil o veterano se desligou do Exército e tornou-se civil, apesar de ter sido convidado para seguir carreira militar. Teve bastante dificuldade para conseguir estabelecer-se em um trabalho. “Voltei, e aí foi a minha luta para conseguir emprego de professor”. Mesmo desempregado providenciou rapidamente seu casamento, utilizando para isto o dinheiro do soldo. Ele entende que sua dificuldade para ser contratado foi uma decorrência do preconceito dos empregadores, que elogiavam-no por sua atuação na FEB, mas por outro lado deveriam pensar que quem esteve na guerra volta “meio louco”. Isto aconteceu com quase todos os ex-combatentes, que ficaram abandonados pelo governo até 1986, quando começaram a receber uma pensão. Depois de procurar emprego por aproximadamente sete meses, sr. Jorge conseguiu uma indicação de um amigo para ser efetivado em um colégio particular. Deste momento em diante não teve mais problemas em sua vida profissional, que foi tranqüila até sua aposentadoria aos setenta anos.

Sr. Jorge diz que o preconceito encontrado nos potenciais empregadores não era totalmente infundado, pois muitos ex-membros da FEB tiveram problemas psicológicos, e a maioria demonstrava alguma marca da violência e do medo que foram presenciados:

Conversando com vários companheiros, aqui, a gente sonhava no começo muito; sonhávamos muito com situações em que estivemos lá, ou então em situações hipotéticas que surgiam. A gente estava, por exemplo, andando em um lugar, de repente começava um bombardeio atrás, a gente corria e as bombas iam caindo atrás. Isto era um sonho comum aqui entre nós. Depois isto foi desaparecendo. Mas alguns colegas não conseguiram, não. Ficaram bem atrapalhados. Teve um companheiro nosso lá

que se suicidou, logo que estava aqui. Ele era Terceiro Sargento. Mas ele não agüentou. Lá ele já era meio rebelde.

Tinham alguns companheiros... Nós tínhamos no nosso grupo um soldado que, por exemplo, ele estava no rádio, na escuta do rádio, que era permanente a ligação entre o comando e o comando aéreo. Começava um bombardeio ele largava, ele era tomado de pânico, largava, e se enfiava num lugar.

Fica claro que, apesar de em muitos momentos a familiaridade caída no mundo e nos outros ocorrer durante a guerra, a ameaça e a perda da familiaridade também são vivenciados. A reposição desta tranqüilidade perdida ocorre com o envolvimento no mundo, mas não de forma absoluta. Parece que levou algum tempo até que o entrevistado tenha conseguido refazer completamente as referências cotidianas que puderam ser rompidas durante a guerra. Mas ele indica que conseguiu, como, por exemplo, ao dizer “(...) eu não tive grandes problemas (psicológicos) não”.

Sr. Jorge associa o quanto se é psicologicamente afetado na guerra com a informação e o estudo. Diz que ele e seus colegas mais próximos da turma de comunicação vinham de faculdades, “(...) a gente tinha uma defesa (...) Mas o coitado, que estava lá, o pracinha, na maior parte nem sabia porque tinha ido para lá. Então eles não tinham defesa nenhuma, não tinham proteção nenhuma”. Relata que este grupo de comunicação que integrava era treinado para fazer cálculos de artilharia; quando um bombardeio se iniciava ele brincava com seus companheiros de dizer por quantos metros e para qual direção a bomba havia errado o alvo, ao invés de se esconder aonde era possível, como muitos faziam. Entende que este tipo de conversa, que “ficava controlando” a situação, era uma forma de estar preparado para as dificuldades.

O perigo que, para muitos sem “defesa”, toma conta do ser, talvez como vivência da angústia, é amenizado pela conversa de quem sabe - ou melhor dizendo, supõe saber - o que está acontecendo e o que ocorrerá. No entanto, só é possível falar onde a bomba anterior já caiu, e não aonde a próxima cairá. Isto significa que este saber é tranqüilizador, mas não é completo. Aparece como um saber impessoal, dividido entre os colegas, na forma anteriormente descrita da *ambigüidade*. O perigo anunciado pelo fogo de artilharia é conhecido em seu

funcionamento e desconhecido como ameaça, e deste modo perde seu caráter excepcional, é apenas mais uma coisa, já dominada. A ambigüidade como queda aplaca o risco anteriormente evidenciado.

Ao final da entrevista sr. Jorge coloca que a maior parte das pessoas não perguntava sobre a guerra, apenas alguns o faziam. Ele não falava espontaneamente sobre o assunto e diz que os veteranos em geral não gostam de comentar sobre suas experiências bélicas; ficam na defensiva por causa de “celebres” perguntas sobre matar e ver pessoas mortas assim como o entrevistador havia feito. Alguns inventariam histórias para evitar estes temas. Para ilustrar este fato conta uma situação em que encontrou um conhecido seu, que estava acompanhado. Ao cumprimentar o ex-combatente apresentou-o para sua companhia dizendo: “Este matou muitos alemães!”. O entrevistado diz ter ficado absolutamente espantado com a afirmação, sem saber o que fazer. Este conhecido logo falou que era uma brincadeira, mas o ex-combatente considerou esta uma “brincadeira besta”.

Aparece aqui um incômodo frente à violência presente na guerra. Mesmo que este tema tenha aparecido pouco ao longo da entrevista, podemos perceber neste trecho que de algum modo ele ameaça a pacificação mundana.

Sr. Jorge lembra um outro caso, em que falou por vontade própria sobre algo que viveu na Itália. Ele estava dando uma aula no Dia da Bandeira, e os alunos faziam pouco caso acerca do evento. Então o veterano disse que nunca havia sentido tanta emoção quanto quando viu, em um monumento, as bandeiras dos EUA, Inglaterra e Brasil juntas. Os alunos teriam se silenciado após esta afirmação. Vemos que, em oposição ao tema da violência, o orgulho e o patriotismo relacionados à campanha da FEB são assuntos que não trazem incômodo, pelo contrário, são o sentido da vivência, fazem com que ela não tenha sido mera perda de projetos anteriores.

Freqüentemente ao longo do encontro o ex-combatente fez piadas e riu, mantendo o bom humor em toda a sua duração. Esta forma de relatar sua vivência de guerra está em sintonia com o sentido de orgulho e amizade que foi encontrado, que parece predominar sobre a revolta inicial da convocação.

A entrevista com sr. Jorge revelou alguém que foi convocado para integrar a FEB, e que com isto ficou surpreso ao ser pego desprevenido, pois esperava tornar-se professor e não soldado. Esta surpresa foi vivida como uma violência contra seus projetos pessoais, e em um primeiro momento gerou revolta. A forma que encontrou para lidar com isto foi buscar conformar-se à situação da melhor maneira possível.

Também vimos alguém que não estava preparado para o que encontraria na Itália, que teve de buscar novas referências para poder acomodar-se a mudança brusca em seu mundo. No entanto, logo no início da campanha foi gravemente ferido, levado para um hospital nos Estados Unidos da América e novamente teve de refazer suas referências. É interessante destacar que esta proximidade factual da morte, causada pelo acidente com a mina terrestre, não se mostrou como uma proximidade com o fechamento das possibilidades de seu ser. Ou seja, a morte própria ficou obscurecida por um envolvimento no mundo, em princípio vivido como preocupação pelo seu corpo, e em seguida como amizade e camaradagem encontradas nos feridos americanos que co-habitavam o hospital. O convívio impessoal pôde silenciar a possibilidade da vivência da angústia.

Sr. Jorge, apesar de ser um soldado, não combatia inimigos diretamente, ele principalmente efetuava reparos nas linhas telefônicas e desarmava minas terrestres. De fato, ele nunca encontrou um inimigo cara a cara, e deste modo presenciou pouca violência. Mesmo assim, a insegurança e o perigo eram constantes, devido a bombardeios e armadilhas. A inquietude que poderia surgir graças a estas ameaças não se apresentou, provavelmente devido a uma compreensão impessoal ambígua, que teve a característica de ser tranquilizadora.

A queda de forma impessoal, pacificadora, se mostrou de outras maneiras, especialmente no surgimento de uma pequena comunidade entre soldados e civis, lembrada com saudosismo, que garantiu ao ex-membro da FEB o reconhecimento como herói libertador, algo de que se orgulha. Este sentido para a experiência foi diferente do primeiro que se mostrou, de revolta e violência.

Além disto, vemos que um ambiente de companheirismo surgiu entre os

ex-membros da FEB, algo que se manteve mesmo após a guerra. Sr. Jorge até mesmo fez uma viagem com estes amigos para os locais da campanha na Segunda Guerra Mundial, mostrando o quanto este vínculo foi forte, e o quanto a experiência de combate foi marcante em sua vida, pois permaneceu de algum modo presente em seu cotidiano. Esta marca parece ter sido predominantemente de uma familiaridade encontrada.

Por outro lado, a familiaridade não aparece como a única forma de recordação da guerra. Vimos que durante algum tempo sr. Jorge tinha sonhos com as durezas do combate; além disso não gosta de falar sobre a violência dos campos de batalha, algo que tem indicações de ser ameaçador à paz cotidiana.

O término da guerra foi um alívio para o veterano, pois ele pode retomar seus planos que haviam sido abandonados (com sucesso, após algum tempo). Mas isto não significou uma desvinculação com toda a experiência pela qual passou, já que os elementos de familiaridade encontrados continuaram sendo cultivados. O bom humor do ex-combatente durante a entrevista é um apontamento nesta direção, pois mostra que, apesar das dificuldades e perdas, a guerra é lembrada como um momento bom de sua vida, que merece orgulho.

Podemos dizer que a experiência como um todo foi marcante, muito mais pela tranquilidade do que pelo desencaixamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a apresentação dos resultados das entrevistas, feita anteriormente em busca de descrever o mundo dos participantes, cabe refletir acerca do que foi revelado. Para isto, o autor escolheu o caminho da consideração em conjunto do que foi tratado no capítulo anterior, respeitando as diferenças de cada relato. Esta reflexão levou a um adendo posterior.

Os encontros com os veteranos mostraram pessoas que foram à guerra de formas muito diferentes, e nela tiveram participações diversas. O primeiro era militar e se voluntariou, agindo como comandante de uma sessão de morteiros, combatendo próximo à primeira linha das tropas; o segundo foi por acaso, e devido à forma peculiar que havia servido ao Exército anteriormente se tornou padioleiro, carregando os feridos para segurança; o terceiro foi surpreendentemente convocado, ingressou na FEB a contra gosto, e atuou na sessão de comunicação, reparando linhas telefônicas e desarmando minas terrestres.

Todos eles estiveram expostos ao perigo, principalmente do fogo de artilharia alemão, mas apenas sr. César teve contato próximo com seus inimigos. A forma que utilizaram para afastar de si estas ameaças, oriundas de entes intramundanos, foi o mergulho no mundo, a queda, que os afastava de questões relativas a seu ser mais próprio, pessoal. A ameaça da morte, por ser advinda do mundo, convocou-os a nele se envolverem, e a morte como fechamento de todas as possibilidades não teve espaço.

Os momentos em que a violência esteve escancarada parecem ter perturbado a paz das referências mundanas cotidianas, e mesmo falar sobre estes momentos nas entrevistas teve este efeito. Sr. César se mostrou tocado ao relembrar de uma pessoa gravemente ferida; sr. Antônio disse que normalmente preferia nem falar sobre um caso em que teve de socorrer um rapaz sem perna; sr. Jorge não gosta muito de falar sobre a guerra, pois sempre perguntam sobre matar e ver morrer.

O esfacelamento da rede de significações, ou seja, a vivência da angústia

frente à morte própria, foi algo que talvez sr. Antônio tenha passado, no episódio da destruição de sua padiola. Mas mesmo que assim tenha sido, logo foi obscurecida pela familiaridade trazida pela religião, pela compreensão impessoal do evento. Nos outros entrevistados não vimos indícios suficientemente fortes da vivência da angústia.

A participação na campanha da FEB teve para os três uma predominância da tranquilidade sobre a perda de referências, o que se deve em grande parte à compreensão impessoal da guerra. Para sr. César e sr. Jorge isto apareceu com muita força quando falaram das pequenas comunidades entre soldados e civis em que permaneceram, e das várias viagens que fizeram à Itália após serem desligados da FEB. Vimos uma familiaridade reposta, com o sentido de heroísmo pela libertação de um povo oprimido, que reconhece a validade e justiça das atuações dos entrevistados. Os três participantes demonstraram ter criado muitos vínculos e amigos entre seus companheiros de armas, e ter orgulho ao se identificarem como membros da FEB. Este orgulho, relacionado ao patriotismo, parece ter sido para eles o sentido principal de suas participações na Segunda Guerra Mundial.

Em adição, a ambigüidade como forma de queda no mundo e nos outros foi para sr. Antônio e sr. Jorge uma maneira de pacificação do ser frente às ameaças que não podiam ser evitadas pela mera ocupação com os entes intramundanos.

Apesar das partes mais incômodas das entrevistas, todos mantiveram o bom humor, muitas vezes rindo de coisas que falavam. Isto foi um apontamento para a predominância da familiaridade sobre a perda de referências, do confortável sobre o desagradável.

Os ex-combatentes não identificaram muitas diferenças entre suas vidas antes e depois da guerra, em relação à forma de estarem no mundo. É claro que seus trabalhos e relacionamentos se modificaram, mas não excepcionalmente, apenas como ocorre corriqueiramente. Se for possível identificar alguma marca deixada pela atuação na campanha da FEB, está é da familiaridade que foi encontrada na Itália junto aos companheiros, que se mantêm até hoje, e do

orgulho por ter lutado por um bem.

Sendo assim, se mais uma vez expressarmos tematicamente as perguntas colocadas no capítulo II: “o existir cotidiano dos ex-combatentes entrevistados permite a pacificação, a tranqüilização da angústia originária? Será que alguém que foi a guerra consegue silenciar a angústia da morte?”, deveremos responder que sim; o existir cotidiano dos participantes é capaz de silenciar a angústia existencial, que se depara com a morte própria. Não apenas isto, podemos também colocar que a vivência da guerra foi para eles um envolvimento no mundo e nos outros muito profundo, talvez maior do que o encontrado no cotidiano pacífico.

No pensamento de Rollo May (1992) encontra-se apoio para esta colocação, que a princípio pode parecer estranha. Ele propõe que “(...) a própria guerra, a mais destruidora forma de violência humana, é também um período de êxtase e de autotranscendência” (p.206). A guerra seria um acontecimento de aventura, ocorrendo uma união contra um inimigo comum, um agrupamento que estaria acima do desejo pessoal. Isto possibilitaria a “(...) liberdade (tornar-se livre) da responsabilidade pessoal” (p. 208). Esta obra de May expõe casos de pessoas que sentiram falta do senso de aventura encontrado durante a guerra quando voltaram a vida não belicosa. Segundo ele, “*A paz expôs um vazio nessas pessoas, um vazio que a excitação da guerra lhes tinha permitido manter encoberto*” (p. 207).

Esta forma de pensar a guerra encontrada nos participantes, que é em alguma medida explicitada e compartilhada por Rollo May (1992), é bastante distinta da que foi trazida na bibliografia trabalhada na introdução desta pesquisa. Se recapitularmos as idéias gerais sobre a guerra no início deste trabalho, veremos apenas que ser um beligerante é estar exposto a patologia, sofrimento, perda e horror. Esta distinção enorme entre o que se mostrou nas primeiras obras trabalhadas e o que apareceu nas entrevistas causou perplexidade no autor, e convocou-o a refletir sobre o que esta investigação estava revelando.

Um adendo pessoal: compreensão e a posição prévia do autor

Após a realização da primeira entrevista, o autor ficou surpreso com os resultados que havia obtido. Esta surpresa indicou que havia a expectativa de que algo diferente se mostrasse. Portanto, ficou claro que se esperava encontrar algo, a condução da pesquisa não estava sendo neutra e isenta de pressupostos. Então, a pergunta “o que fazer agora?” se colocou. Para respondê-la, recorremos à noção heideggeriana de *compreensão*.

De acordo com Heidegger (2005), *compreensão* não é sinônimo de apreensão de algum conhecimento por uma pessoa, não é um atributo que pode ou não ser adquirido, conforme seu uso corriqueiro pode indicar. Ou seja, a forma que ele emprega este termo não é a de “agora compreendi algo que não sabia”. Em sua visão, *compreensão* constitui o “aí” do ser-aí, é abertura das possibilidades; de fato, *compreensão* é a projeção do ser-aí para os entes, ela abre as diversas possibilidades de ser dos entes.

Nisto está implicado que ser-aí é sempre uma *compreensão* de si e das coisas. “A pre-sença é de tal maneira que ela sempre compreendeu ou não compreendeu ser dessa ou daquela maneira” (Heidegger, 2005, § 31). Só é possível estar perdido, desconhecer algo, porque o ser-aí é sempre *compreensão*.

Portanto, nunca vemos um fenômeno isolado, sem sentido, que posteriormente é transformado em compreendido. Todo ente sempre é compreendido de algum modo, sempre está à luz de algum sentido (da mesma forma que um ente sempre está remetido a outros, em uma rede de significações, conforme exposto no capítulo II). Isto não é dizer que toda *compreensão* é explícita, temática, pois se assim fosse não haveria razão em investigar e pesquisar. Apenas quer dizer que quem compreende, o faz partindo de algum lugar, de uma posição prévia que nunca é neutra.

A posição prévia não é uma falha do ser humano que se deve buscar superar, já que isto seria um esforço inútil. Apenas é algo a que devemos estar atentos, para que não se sobreponha a novas possibilidades da *compreensão* se

constituir. Em outras palavras, refletir sobre a hipótese inicial (não necessariamente colocada como hipótese) é importante para não cair na armadilha de adequar o fenômeno observado a ela.

Com esta noção heideggeriana de compreensão em mente, o autor se voltou para sua posição prévia, que apareceu de forma temática inicialmente quando se viu surpreso com o resultado da primeira entrevista.

Se consultarmos a introdução deste trabalho, encontraremos a idéia de que provavelmente alguém que passou por uma guerra (um acontecimento associado ao horror) sofre um impacto em sua vida, e que seu mundo possivelmente seria marcado por violência, hostilidade, e posturas agressivas, talvez perdendo o seu caráter de familiaridade tranquilizadora. Mesmo o roteiro de questões formulado aponta nesta direção, embora de forma mais obscura. Vemos perguntas sobre momentos marcantes, sobre sentir falta de algo durante e depois da guerra, e sobre mudanças na vida cotidiana. Ou seja, os participantes foram inquiridos sobre o quanto a guerra causou impacto em seus modos de ser, e a expectativa era de que este provável impacto seria negativo.

Após se dar conta desta hipótese implícita, o autor refletiu acerca do que a fundamentava. Encontrou por base o discurso cultural e impessoal no qual está imerso, de que a guerra é uma destruição sem sentido, que causa horror e desgraça para quem dela participa. Em sintonia com este discurso, lembrou-se de filmes que marcaram seu imaginário desde a infância, como por exemplo *Apocalypse Now* de Francis Ford Coppola (1979), *Nascido Para Matar* de Stanley Kubrick (1987) e *Platoon* de Oliver Stone (1986). Nestas obras, que retratam a época da guerra do Vietnam, acompanhamos histórias de jovens que foram levados para longe de casa para combater, sem vontade de fazê-lo e sem saber bem o motivo de suas convocações. Durante suas campanhas deparavam-se com violência e horror, e suas referências mundanas pareciam ameaçadas, quando não colapsadas. Estas histórias mostram a guerra como selvageria que ameaça o sentido do ser e a paz do dia-a-dia. Isto servia de solo para a compreensão pré-temática do autor sobre o tema.

Os resultados das entrevistas, apesar de indicarem um sentido muito

diferente para a atuação dos participantes na Segunda Guerra Mundial, mostraram em alguns poucos momentos que esta compreensão prévia não era mero devaneio. Podemos de fato encontrar ameaça à tranquilidade cotidiana dos três veteranos quando a violência se mostra em seus relatos; também aparecem sinais de uma possível vivência da angústia, de colapso do sentido, quando sr. Antônio relembra da ocasião de proximidade com a morte quando sua padiola é destruída; sr. Jorge aponta para um impacto na familiaridade de seu mundo após a guerra quando recorda de sonhos que tinha. No entanto, todas estas evidências que poderiam reafirmar a posição prévia do autor são grandemente ofuscadas pelos sentidos maiores e mais presentes de ser um ex-membro da FEB: o heroísmo e o orgulho.

Podemos, apenas a título de ampliar a descrição do mundo dos participantes, considerar as diferenças entre a história que eles contam sobre a guerra, e a história que os filmes supracitados apresentam sobre este assunto. Os entrevistados travaram uma guerra pela liberdade mundial, justificada pelo povo do país que servia de palco para o confronto, em que pouco se entrava em contato com o inimigo e com a violência. Além disso, são octogenários, com seis décadas de vida imersa no cotidiano pacífico após a guerra em que combateram. Os personagens dos filmes mencionados embarcaram em uma guerra sem sentido, em que os nativos os temiam e/ou desprezavam, e com mais embates violentos entre as forças opostas.

Sem dúvida, a posição prévia do autor teve de ser modificada pelo que foi revelado nesta investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREUD, Sigmund (1932). Por que a guerra?. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol XXII. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GEBSATTEL, V. E. (1938). El mundo de los compulsivos. In: MAY, Rollo. *Existência. Nueva dimension en psiquiatria y psicologia*. [s.n.t.] p. 212-231.

HEIDEGGER, Martin (1926). *Ser e Tempo*. Partes I e II. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback, 15 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

HOGUE, C. W. et al. Combat duty in Iraq and Afghanistan: mental health problems, and barriers to care, *New England journal of medicine*, [s.l.], no. 351, p. 13-22, julho. 2004. Disponível em: <<http://www.bireme.br>>. Acesso em: 19 mai. 2006.

MAXIMIANO, César Campiani. *Onde estão nossos heróis*. São Paulo: C. C. Maximiano, 1995.

MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. 8 ed. São Paulo: Editora Vozes, 1980.

_____. *Minha busca da Beleza*. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PÖGGELER, Otto. *Camino del pensar Martin Heidegger*. Madri: Alianza editorial, 1986.

PUEBLA, Reynol A. Moreno; LOPEZ, José R. Menendez; MARMOL, Cruz Turro. Factores psicosociales y estrés en el medio militar. *Revista Cubana de Medicina Militar*, [s.l.], vol. 30, no. 3, p. 183-189, julho-setembro. 2001. Disponível em: <<http://www.bireme.br>>. Acesso em: 19 mai. 2006.

SALUN, Alfredo Oscar. *“Zé Carioca” vai à guerra: histórias e memórias sobre a FEB*. São Paulo: Edições Pulsar, 2004.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C .A R. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano, 2002.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Rio de Janeiro: edições 70, 1988.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS:

COPPOLA, Francis Ford. *Apocalypse Now*, EUA, 1979.

KUBRICK, Stanley. *Nascido Para Matar (Full Metal Jacket)*, EUA, 1987.

STONE, Oliver. *Platoon*, EUA, 1986.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, R.G: _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa de campo referente ao projeto intitulado “O homem e a guerra: o mundo do ex-combatente”, desenvolvido na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pelo Prof. Carlos Eduardo Carvalho Freire, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 3670.8320 ou e-mail psicopuc@pucsp.br

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, é investigar como a vivência de combates em guerra tem impacto sobre o modo de ser das pessoas.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semidirigida a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e seu orientador.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o pesquisador responsável ou seu orientador, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP – PUC/SP), situado na Rua Ministro de Godoy, 969 – Térreo, Perdizes, São Paulo (SP), CEP:05015-000, Telefone: 3670.8466.

O pesquisador principal da pesquisa me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Krikor Augusto Hovsepian

Assinatura do orientador: _____

Prof. Carlos Eduardo Carvalho Freire

1ª ENTREVISTA (sr. César)

Entrevistador: Primeiro eu gostaria que o senhor me falasse a sua idade, e sua profissão.

Veterano: Eu sou reformado do Exército, tenho oitenta e cinco anos, sou engenheiro civil e militar, e participei da Segunda Guerra.

E: Qual foi a sua participação na Segunda Guerra? Aonde o senhor combateu?

V: Na Segunda Guerra eu era 2º Tenente. Comandei uma sessão de morteiros de 81 mm, e participei praticamente de todos os combates, exceto o último que foi em Forno, em que o Brasil dominou a divisão alemã.

E: Então o senhor participou desde o começo da participação do Brasil na guerra?

V: Desde o começo, entretanto, não fui no 1º Escalão. O 1º Escalão foi formado pelo 6º Regimento de Infantaria e mais alguns homens. Nós chegamos dois meses ou três meses depois. Agosto, setembro, outubro (contando em voz alta) dois meses depois só.

E: Outubro de que ano? 1944?

V: 1944. Dois meses depois que o 1º Escalão chegou nós já chegamos, e pouco tempo depois iniciamos combate.

E: Como é que o senhor reagiu ao saber que iria participar da guerra?

V: Quando eu sabia que ia participar da guerra?

E: Quando o senhor descobriu que iria participar, como foi sua reação?

V: Eu não descobri, eu estava servindo no 18º Regimento de Infantaria de Salvador, Bahia, e eu sabia que naquela oportunidade estava sendo organizada a Força Expedicionária Brasileira. Em um determinado dia o Comandante reuniu os oficiais, e disse que precisaria de oficiais para integrar a Força Expedicionária Brasileira. E eu, e mais alguns companheiros, nos apresentamos como voluntários.

E: Então o senhor já era militar na época?

V: Era. Naquela ocasião era 2º Tenente, já era 2º Tenente.

E: E como é que o senhor se sentiu em relação a ir para a guerra?

V: Normal, eu achei que estava cumprindo a minha obrigação. Eu era muito jovem, os ensinamentos estavam ainda muito frescos na cabeça, então senti até um certo entusiasmo por ter esta oportunidade de compor a Força Expedicionária Brasileira.

E: Então o senhor estava realmente com vontade de participar e fazer a sua parte.

V: Isso.

E: E quanto tempo se passou desde que o senhor soube que iria participar da

guerra, que houve esta reunião, até o senhor efetivamente ir para a frente?

V: Isto ocorreu... Não me lembro bem, agora. Nós embarcamos em setembro. Acho que dois meses e meio. Me lembro bem que nós embarcamos, o primeiro grupo de oficiais, embarcamos em Salvador dia 24 de julho. Para mim a guerra já começou naquele dia. Aconteceu um fato durante a viagem que, se houver a oportunidade, eu posso contar.

E: Se o senhor puder contar, por favor, seria ótimo.

V: Para mim a viagem já começou, porque o nosso navio era um navio que chamávamos de (...). Era um navio muito frágil, que levava uns 700 homens a bordo, somente quatro oficiais. Naquela época, os submarinos alemães ainda estavam afundando nossos navios ao longo das costas brasileiras. Então nós estávamos receosos por isso. Mas logo de início nós vimos que fazíamos parte de um comboio de guerra americano que ia para o sul, do norte para o sul. Tinha *destroyers*, vários outros tipos de navios grandes. No primeiro dia ocorreu tudo normal, exceto porque o pessoal enjoava muito porque o navio era pequeno e jogava demais. Mas quando amanheceu no segundo dia o barco estava sozinho em alto mar. Aí olhamos pela linha do horizonte, dava para ver uma fumaçinha do comboio que desaparecia. Então procuramos saber do comandante do navio qual era a razão disto. Ele disse que o nosso navio estava atrasando o comboio; eles tinham uma missão a cumprir e não podiam atrasar, e nós ficamos lá sozinhos, à disposição dos submarinos. Era um navio tão fraco, tão frágil, que qualquer canhão poderia colocá-lo a fundo. Mas no terceiro dia, se não me engano... Aí viajamos mais um dia e nós vimos que surgiu um navio caça-minas da marinha brasileira. Não é um navio apropriado para comboiar navios, mas acho que é o que dispunham na ocasião. Ele nos acompanhou até o Rio de Janeiro. E aí a viagem foi meio ruim, porque o navio era muito frágil, jogava demais, e o pessoal... No primeiro dia, vamos dizer que faltou comida, no último dia sobrou comida (risos). Enjoavam. E a viagem foi essa, o primeiro contato com a guerra foi esse.

E: E, como foi o seu treinamento para a guerra?

V: Bom eu praticamente... Nós não tivemos treinamento para a guerra. Nós apenas chegamos no Rio de Janeiro, e dali dentro de um mês ou menos já embarcamos. Chegando à Itália nós fomos lá para o norte em um vale, que era o campo de caça de um rei, em (...), e ali houve realmente alguns exercícios, não o suficiente para treinar um soldado para a guerra, mas foi alguma coisa. Eu por exemplo participei de um curso de minas, tive a oportunidade de retirar minas num campo minado pelos alemães, na praia chamada marina de Pisa, que impedia o desembarque de tropas aliadas. Foi um

ensinamento muito bom e difícil, perigoso, e um dos companheiros morreu durante este treinamento, pisando em uma mina. E dali a poucos dias já embarcamos para a frente.

E: O senhor foi escolhido para fazer este treinamento ou também foi voluntário?

V: Não, eu fui escalado. Havia várias turmas, e eu fazia parte de uma das turmas que foi designada para este treinamento.

E: Como é que o senhor se sentiu ao saber que iria participar deste treinamento?

V: Achei normal, que até era interessante, pois não tive esta oportunidade antes. E qualquer treinamento para um oficial, novo, que está ansioso para mostrar seus conhecimentos... Assim como em sua profissão, qualquer um quer mostrar o que sabe, então achei que seria interessante participar do curso de minas.

E: De sua participação na guerra: que momentos foram mais marcantes, mais significativos para o senhor?

V: Houve vários momentos, é difícil destacar o mais significativo.

E: O senhor poderia falar de alguns, talvez.

V: Em combate, eu estava em uma frente no Morro Castelo, que se tornou famoso devido ao número de ataques que foram feitos lá, mas não só no Castelo, como... O que mais me marcou foi num local chamado Collecchio, já no Vale do Pó.

E: O senhor poderia contar um pouco como foi?

V: Bom, naquela oportunidade os alemães já estavam se retirando, mas existia uma divisão alemã, em torno de uns 20.000 homens, que estava com a intenção de atravessar o Rio Pó para se dirigir à Alemanha, se reunir com as tropas alemãs.

E: E em quantos a tropa que o senhor compunha era?

V: Eu fazia parte do 11º Regimento de Infantaria, inicialmente só havia um batalhão neste regimento, que eram 3 mil e poucos homens, mas à medida que o combate vai acontecendo as tropas vão se deslocando, se aproximando, se agrupando, mas inicialmente só estava esta tropa. E chegamos lá, Collecchio é uma cidade pequena, e os alemães estavam oferecendo uma vanguarda da tal divisão que tentava fugir. Nós topamos de frente com esta vanguarda, e depois de vários combates... Bom, inicialmente chegamos lá com muita chuva, uma chuva tremenda. O que eu me lembro é que eu fui parar junto de uma igreja, que tinha um campanário e uma casa paroquial lá. Eu estava ali, e recebi a missão de atirar no cemitério.

A igreja ficava em uma praça. Do outro lado da praça ficava um cemitério; os alemães estavam alojados no cemitério, e nós na igreja. Estávamos separados por uma praça. Eles revidavam todos os tiros que se faziam. Nós estávamos ali e eu montei o meu

morteiro frente à casa paroquial e atrás de um jardim para ocultar a posição da arma, e estava ali atirando, e nisso houve a infiltração de uma patrulha alemã que se aproximou muito através do mato, dos jardins, e começou a atirar contra nós. Inclusive houve um General nosso que estava à porta da casa e por pouco não foi atingido. Este foi o primeiro contato direto naquela parte. Como a artilharia não tinha visibilidade, resolvemos subir no campanário, puxar a linha telefônica, e lá, com o morteiro, atirar nos alemães. Acho que esta foi uma ação correta, porque os alemães sentiram o efeito. Naquele cemitério havia um muro grande e eles estavam protegidos, nós não conseguíamos atingi-los, nossas armas automáticas, a infantaria não conseguia atingi-los. Eles estavam ocultos, escondidos dentro dos túmulos. Infelizmente, cada granada que caía dentro do cemitério era osso para todos os lados, uma pena isto.

E: E vocês conseguiam ver isto, certo?

V: É. Do alto deste campanário tinha um sino, no local onde nós nos colocamos. Um ponto em que se enxergava muito bem, mas que também era visível, e eles reagiram; quando os tiros atingiam o sino, ele repercutia, vibrava, e nós sentíamos efeito daquela vibração. Não quero dizer que eu use aparelho (auditivo) até hoje só por causa daquilo, mas...(risos). Mas foi uma ação correta, e os alemães conseguiram fugir de lá.

Depois de Collecchio... Bom, está foi a maior participação direta em um combate. Mas antes disto tivemos que participar em (...), Castelo, Castelo Nuovo, em um outro combate. Castelo Nuovo é interessante, pois existia um maciço de pedra muito grande, e ele tinha um saliente, parecia até um nariz, que penetrava dentro de nossas linhas, e eles podiam enxergar para a esquerda, para a direita, dentro de nossas posições. E eles tinham posições dentro da pedra, então não adiantava atirar com a artilharia porque eles conseguiam revidar, e eles não eram atingidos. Castelo Nuovo era uma posição que ficava um pouco atrás desta elevação, ao lado. O objetivo era tomar Castelo Nuovo e não este maciço, mas nós sabíamos que havia posições deles lá. Então nós atacamos, mas fomos alvejados lateralmente. Foi um ataque difícil, em que morreram muitos elementos nossos, eu fazia parte do 2º Batalhão. Depois, com uma ação combinada com elementos de outros regimentos, passaram por trás deste maciço, e conseguimos tomar Castelo Nuovo.

Outro combate que também me marcou mais foi o combate de Montese. Creio que esta foi a conquista mais importante da Força Expedicionária Brasileira. Mais importante do que Castelo, porque ali os alemães sabiam que se fossem vencidos estaria aberto o caminho para descer ao Vale do Pó, uma região aberta, que dava acesso a todo o

terreno. Então eles resistiram ao máximo, inclusive toda a artilharia alemã participou da defesa de Montese.

E: O senhor diria que esta foi a batalha mais difícil?

V: Eu acho que foi. Porque a cidade de Montese tinha ao lado duas elevações muito altas, e estas elevações dominavam a cidade, então era difícil penetrar lá. Por isso foi um combate muito difícil, mas felizmente a nossa tropa, com o planejamento feito pelos nossos soldados, com o planejamento feito pelos nossos chefes, conseguiu a vitória.

E: E durante este combate, como o senhor se sentiu? Antes disto, quanto tempo ele durou, aproximadamente?

V: Não sei precisar, eu fiquei um dia inteiro lá.

E: E como o senhor se sentiu durante este dia?

V: Hm... Olha, eu me senti bem, porque o morteiro... Você sabe o que é um morteiro?

E: Sei, é um canhão que...

V: Ele é um tubo, ele atira em ângulo morto. A artilharia atira mais ou menos de forma direta, se houver uma elevação na frente, quem estiver atrás da elevação não é atingido, e o morteiro pode alcançar a parte de trás, por cima da elevação. Então, nós com o morteiro não ficamos exatamente na primeira linha, nós ficamos bem próximos à primeira linha; em alguns lugares ficávamos na primeira linha mesmo. Então nós atiramos muito ali, através das posições, aos topos, e conseguimos a vitória. E dali foi direto para o Vale do Pó.

No meio de tudo isto, de vez em quando têm umas piadas, momentos pitorescos. Por exemplo, nós estávamos dirigindo em direção ao Vale do Pó, e estávamos em uma estrada de terra que tinha muita, muita poeira, formou-se uma nuvem de pó em volta dos caminhões que se deslocavam, e um soldado que era pouco versado em geografia disse: “puxa vida, se aqui tem tanta nuvem assim, tanto pó, imagine só quando chegarmos ao Vale do Pó!” (risos)

Agora, um aspecto interessante para ser falado é o combate de Castelo, em que na verdade foram necessários 5 ataques ao longo do Monte Castelo. O primeiro ataque foi feito pelos americanos, com uma pequena participação brasileira, mas apenas a título de treinamento, e o resultado geral foi negativo. A nossa tropa, que estava chegando, naquela ocasião, e não tinha instrução suficiente, foi mandada a frente para lutar com um inimigo já treinado, já pronto, sem haver uma fase intermediária; e também, estes ataques, seguidos do insucesso americano, foram feitos sem o devido apoio americano. Disseram-nos que a aviação ia nos apoiar, mas não apoiou, que os carros americanos de

combate iriam ajudar, mas não nos ajudaram. Além disso, os planos de ataque quase todos eram feitos pelos americanos, e nós tínhamos que apenas adaptá-los. O pessoal reagia contra isto, os nossos chefes, mas como estávamos enquadrados pelo Exército Americano nós tínhamos que obedecer. Até que veio o inverno, e paralizaram-se os combates. O inverno durou mais ou menos um mês e pouco, e nesta época era impossível, porque tinha muita neve. Após o término do inverno foi preparado um ataque combinado com os americanos, pelo seguinte: existia uma elevação muito alta ao lado de Castelo, mais alta que o próprio Castelo. Desta elevação eles observavam tudo o que ocorria, e seria impossível tomar Castelo sem tomar esta outra elevação. O Exército Americano já havia anteriormente tomado este local, mas foi expulso pelos alemães. Nesta ocasião, nesta nova fase, os americanos tomaram novamente esta elevação, e foi possível o ataque ao Monte Castelo, quase que simultaneamente. E neste ataque foi um planejamento feito exclusivamente pelo nosso Estado Maior, logicamente aprovado pelo americano, e foi um sucesso. A partir daí todos os planos de ataque eram feitos pelo próprio Estado Maior brasileiro.

E: Enquanto os planos eram feitos pelos americanos, o que o senhor pensava a respeito disto?

V: Olha, isto foi só no começo, em relação a Castelo, e eu cheguei já numa fase que já havia começado isso tudo. Eu achava difícil porque o americano tinha uma maneira de lutar muito diferente. O nosso Exército, antes, quando estava no Brasil, utilizava o método francês, e isso já era um pouco antiquado. O Exército foi treinado lá por oficiais franceses vindos da primeira guerra mundial. Então quando nós fomos para a guerra o pessoal ainda estava com este espírito de luta baseado no método francês, ainda não tinha se adaptado com o novo método de combate, usado pelos americanos, então houve um desajuste por isso. E também a falta de compreensão devido à língua, porque os americanos davam algumas ordens que eram interpretadas de forma diferente; havia uma certa alteração das ordens.

E: O que acontecia quando estas ordens eram mal interpretadas?

V: (simultaneamente à pergunta) Não, era tudo feito e então se chegava a um acordo. Eles davam as ordens, o pessoal reclamava, e faziam reuniões para chegarem num acordo. E finalmente, a maior vitória, eu não participei desta última, porque o meu batalhão estava mais recuado, em direção a esta elevação. O primeiro encontro foi em Collecchio, com o meu batalhão, que depois foi ultrapassado por outra tropa, o 6º Regimento, que depois encontrou o total da divisão alemã que estava se deslocando, e

houve enfrentamento. Inicialmente a nossa tropa era pequena, mas com um golpe de ousadia e ação rápida de nossos oficiais, nosso comandante deu um ultimato à tropa alemã, para que se rendesse. Deu duas horas para que eles se rendessem, uma coisa que é difícil, conseguir render uma divisão somente em duas horas, mas foi um golpe de ousadia. Interessante que foi um padre que foi levar este ultimato. O pessoal brinca, depois do ocorrido, e talvez tenha um pouco de verdade nisto, que eles não sabiam naquele momento que nós éramos tão poucos, porque realmente o pessoal que estava mais engajado diretamente era apenas um batalhão do 6º Regimento de Infantaria. O resto da tropa estava se aproximando. Eles não sabiam que nós éramos tão poucos e nós não sabíamos que eles eram tantos. Mas isso é apenas como piada, porque o pessoal sabia que era uma divisão alemã que estava ali, e então a tropa alemã se rendeu. E este foi o último combate, porque eles chegaram a iniciar combate; esta foi a última ação da Força Expedicionária Brasileira. Claro que existem dentro disso tudo muitos detalhes.

E: O senhor estava falando sobre a falta de treinamento, que houve muito pouco treinamento...

V: Realmente foi. Eu queria observar neste ponto que o Exército, que os brasileiros foram até uma surpresa, porque em pouco tempo eles se adaptaram ao terreno, e se adaptaram ao inimigo. Um fato interessante é que boa parte de nossa tropa era formada por um pessoal oriundo do interior, e da lavoura, era um pessoal simples. E eu tenho a impressão de que por causa disto o pessoal conseguiu enfrentar com mais desprendimento as adversidades da situação. E em pouco tempo o soldado brasileiro se tornou guerreiro, e elogiado por tropas, oficiais, generais americanos, que inicialmente chegaram a criticar nossos soldados, mas depois passaram a elogiar. Após o combate de Castelo, todos os combates em que nos empenhamos, fomos vitoriosos. Agora, é lógico que durante os combates alguns “cenões” aconteciam, mas isto em todas as tropas, de todos os exércitos, inclusive os próprios alemães tinham estes problemas.

(fim da fita, pequeno trecho da entrevista perdido, veterano falando sobre o motivo da participação dos soldados brasileiros na guerra, que tinham boa relação com os civis italianos, devido à similaridade da língua, a solidariedade dos soldados brasileiros que dividiam sua comida com os nativos, e ficavam na casa destes, diferentemente dos americanos. Também que os italianos os reconheciam como libertadores, e que por vezes ele voltou à Itália e lá revisitou locais que havia passado, por vezes sendo reconhecido ou presenciado honras aos soldados brasileiros).

V:(...) Porque a idéia do Hitler era dominar o mundo, juntamente com o fascismo e o japonês, e o Brasil participou da libertação do mundo destas três potências. Nós participamos pela liberdade, em prol da democracia.

E: O senhor falou que participava dos combates através do uso de morteiros, e que ficava um pouco mais afastado da primeira linha de combate...

V: **Bem, ficava junto da primeira linha, e não afastado, às vezes ao lado mesmo.**

E: E, o senhor chegou a presenciar muitos momentos de violência, mesmo com essa proximidade nem sempre tão grande?

V: Não presenciei muitos, porque a luta tinha postos mais avançados, e estes postos mais avançados tinham combate mais intenso. Eu cheguei a ver soldados feridos, italianos feridos, porque os italianos tentavam cruzar as linhas, e eram camponeses que moravam na terra de ninguém. A terra de ninguém é a faixa de terreno entre as forças. Então às vezes eles se deslocavam; e muitas vezes não eram camponeses, eram espiões mesmo que se faziam passar por camponeses. Bom, e freqüentemente eles pisavam em minas, eram atingidos por tropas da frente de combate, e eu cheguei a ver, na primeira linha, um italiano, que estava caído, todo sangrando, ele não deve ter sobrevivido.

E: **Durante a guerra o senhor criou amizades, vínculos com outras pessoas?**

V: Não, vínculos com o pessoal da nossa tropa mesmo. Do exterior não, porque não tive oportunidade. A não ser aqueles camponeses que moravam ali naquele local, numa casa que a gente ocupava, então acabava estabelecendo uma amizade com eles. Mas fora isto, não.

E: **No grupo do senhor também? Com quem estava combatendo com o senhor também?**

V: É. Porque nós, sempre que possível, quando a frente estava estabilizada, na época do inverno, por exemplo, ocupávamos uma casa. Fiquei em casa, mas também fiquei em buraco. Mas quando ficava em casa estabelecia amizade com os moradores. E os italianos gostavam, porque eles aproveitavam de nossa alimentação, porque eles tinham dificuldades. Por exemplo, tinha uma casa ali, que ao lado tinha um salão, que era o estábulo dos animais, das vacas. Este era o melhor lugar da casa. No inverno, os italianos iam para lá e ficavam ali porque era quente, graças ao calor dos animais. E ali... Vou até contar uma história, que aconteceu comigo, foi verdade (risos). No primeiro dia em que eu cheguei num destes lugares, o pessoal já estava cansadíssimo de subir morro, descer morro com material, armamento, munição, mochila, etc. Nesta casa tinha um salão, o pessoal entrou e cada um se jogou no chão; completamente escuro, não víamos quase

nada. Aí eu também me deitei num canto, apoiei a cabeça numa saliência que tinha. De repente aquela saliência se mexeu, e era uma bunda de uma vaca (risos).

E: O senhor manteve contato com as pessoas que conheceu durante a guerra, de seu batalhão?

V: Se eu mantive amizade? Sim, mantive contato com vários colegas. Do meu regimento nem tanto, porque o regimento era de Minas Gerais, São João Del Rei. Mas tinha pessoal... O Brasil inteiro participou da Força Expedicionária Brasileira. O meu grupo tinha quase vinte homens, e tinha paulista, tinha gaúcho, catarinense, paranaense, baiano, cearense, mineiro; e assim eram todos. Então tinha gente do Brasil inteiro participando da Força Expedicionária Brasileira.

E: E isto dificultou que o senhor tivesse contato com alguns deles, que iam para várias partes do país?

V: É. Eu, como vim para São Paulo, não tinha muito contato com este pessoal, cada um foi para sua terra. Agora, o pessoal aqui de São Paulo que era do grupo de artilharia, cuja sede é aqui em Barueri, os bandeirantes, eu mantive mais contato. Tive mais chance de manter este contato.

E: Mas durante a guerra o senhor não estava tão próximo deles?

V: Eles faziam parte do grupo bandeirante, aqui de São Paulo. Acredito que também, aqueles que eram de Minas Gerais, que moravam para lá, também continuaram a participar desta amizade. E eu, como o meu pessoal era todo de fora, não tive muito contato após a guerra.

E: Certo. E o senhor sentiu falta de alguém, depois da guerra?

V: É, senti falta da amizade dos companheiros. E um deles, que mora próximo da capital do Ceará... Fortaleza, de vez em quando ele me telefona. Já está também como eu, avô.

E: Como foi a volta da guerra?

V: A volta da guerra... (celular interrompe brevemente a entrevista) É, foi bom, porque eu já era noivo quando fui para a guerra. E quando voltei da guerra eu tratei de providenciar o casamento. Meus familiares achavam que eu era muito jovem para casar, mas eu, apaixonado, me casei.

E: Então o senhor gostou de voltar para o Brasil?

V: Lógico, assim como todo brasileiro.

E: Durante a guerra o senhor sentia falta de alguma coisa?

V: Eu sentia falta da família, da família mais. Mas acontece que a gente dentro da guerra, naquele ambiente, cria uma nova família. Cada um do Exército que se reunia ali, sentia-se

familiarizado com os outros companheiros. Eu me sentia bem com o meu pessoal lá. Aquela amizade, solidariedade que eu falei. E o fato de estar também sempre um pouco preocupado, isto desvia um pouco a atenção desta saudade.

E: E depois da guerra? O senhor sentia falta de alguma coisa que tinha na guerra, e depois não tinha mais?

V: Não, a não ser esta amizade. Tem uma coisa que acho que deve ser mencionada. A Força Expedicionária, antes de voltar ao Brasil, por decreto do presidente, já foi dissolvida. Quando chegou no Brasil, cada unidade tomou um destino diferente, e procuraram licenciar o pessoal o mais rápido possível. Inclusive me mandaram logo para outro lugar; me pediram para escolher o lugar, mas mandaram que eu fosse logo. Qual foi o objetivo disto? Um objetivo político que foi prejudicial ao Exército. Político porque naquela época o presidente, que era Getúlio Vargas, sentiu, percebeu, a influência que as tropas dele tiveram junto aos aliados: ingleses, americanos, canadenses e outras tropas. Getúlio aqui estava em uma situação meio difícil, então sentiu o perigo desta tropa, que teve por objetivo lutar pela democracia enquanto havia aqui uma ditadura. Então ele procurou dissolver logo, e com isto o pessoal se separou imediatamente.

E: E como o senhor se sentiu com esta atitude do presidente?

V: Eu acho que foi prejudicial, porque o Exército tinha ainda um tipo de instrução diferente, ultrapassado, que era o método francês. Então poderia ter sido melhor aproveitado este pessoal que foi para a guerra, que teve esta experiência, se tivessem sido reunidos nas diversas regiões brasileiras para formarem centros de instrução... E houve este prejuízo porque o pessoal não foi aproveitado.

Então eu fui servir em um lugar em que o tipo de instrução era o antiquado, usavam carroças, este tipo de coisa, e eu me sentia até fora de minha verdadeira situação. Ao invés de progredir, estava regredindo.

E: Então o senhor sentiu um regresso na sua vida?

V: Na vida profissional. (breve silêncio) Falta muito para terminarmos?

E: Não, estamos quase acabando. De que forma o senhor deu prosseguimento a sua vida após a guerra? O senhor continuou no Exército?

V: Eu era oficial da ativa, quer dizer, formado na Escola Militar de Cadetes, então tinha uma carreira pela frente. E eu, já no fim da guerra, na Itália, havia sido promovido a Primeiro Tenente, então tive minha vida militar, normal.

E: Sua vida não mudou muito, então, após a guerra?

V: Não.

E: O senhor gostaria de destacar mais alguma situação marcante vivida em combate?

V: Esta questão, voltando um pouco. Para mim não mudou, inclusive comecei uma vida nova, uma outra luta (referindo-se ao casamento). Mas uma boa parte dos soldados que lutaram na guerra... Este pessoal foi imediatamente licenciado e se sentiu desamparado. Apesar do governo falar em facilitar emprego, isto não ocorreu 100%. E muitos soldados às vezes eram vistos perambulando pela rua, pedindo até dinheiro. Isto foi triste. Não tiveram o apoio que outros soldados tiveram em outros lugares.

E: Voltando. O senhor gostaria de destacar alguma situação marcante vivida em combate?

V: São muitas passagens que se perdem... Eu me lembrei de uma agora. Na véspera de um ataque, eu acho que foi Castelo, eu recebi ordens de me comunicar com um comandante em um acampamento; eu iria acompanhar com morteiro a ação desta companhia. Mas eu não conhecia o caminho, e as plantas que eu tinha não davam conta de tudo que eu precisava, então eu me vali do conhecimento de um italiano que morava no local. Fui eu, um soldado, e o italiano. Tínhamos que atravessar um rio com água até a cintura; eu já achei que o italiano estava... Querendo me levar para o caminho errado, mas eu estava sempre com minha pistola na mão, pensando: “se este italiano me levar para o caminho errado ele vai ver!”. Mas não era nada disto, era apenas preocupação. Aí saímos num vilarejo chamado (...). Depois eu vim a conhecer este lugar. Mas durante a guerra, naquele momento, parecia uma cidade fantasma, porque você entrava e não via nada. Tudo escuro. Então paramos numa esquina eu, o italiano, e um soldado. Discutimos: “será que vamos por aqui? Será que vamos por ali?”. Então, de repente, saltaram uns vultos atrás de nós, via-se que estavam armados, e começaram a nos cutucar com as baionetas. Aí, olhando mais de perto vi que eram americanos, soldados americanos. Eles nos conduziram a uma entrada para o subsolo, em uma escadaria; aí que eu vi que eram pretos americanos, negros. E eles estavam ali, meio apavorados, achavam que nós éramos alemães, falando uma língua que eles não entendiam. Mas, chegamos lá neste local, o oficial americano viu que tínhamos o distintivo da FEB, ele acabou entendendo e nos liberando para continuarmos nossa missão. Mas estes momentos são perigosos, porque se nós esboçássemos qualquer reação... Sabe como é, o soldado não vendo nada, com medo, achando que éramos alemães, com o dedo no gatilho, qualquer coisa atira.

Bom, existem outros fatos que a gente não se lembra agora...

E: Sim... Mais alguma coisa que o senhor gostaria de dizer para terminar a entrevista, que o senhor ache importante?

V: Eu acho importante que, infelizmente, no Brasil a história não é bem reconhecida. Inclusive, alguns maus brasileiros (fala de um repórter que falou mal da campanha brasileira na Segunda Guerra Mundial).

2ª ENTREVISTA (sr. Antônio)

Entrevistador: Primeiro eu gostaria que o senhor me falasse a sua idade, e sua profissão.

Veterano: A minha idade? Bom, o meu nome é Antônio., tenho oitenta e sete anos. Sou viúvo, tenho um filho, uma neta e uma bisneta.

E: E qual a profissão do senhor?

V: Aposentado.

E: Aposentado?

V: É aposentado. Todos nós somos aposentados.

E: O senhor combateu na Segunda Guerra Mundial, certo?

V: Na Guerra Mundial!

E: E qual foi a sua participação na guerra?

V: Eu fui padioleiro. Hoje em dia, praticamente eu não conheço mais ninguém dos padioleiros. Porque era só um batalhão. Um batalhão são 300, 300 e poucos homens. Pelo Brasil todo 300 homens que sumiram. Quando nós voltamos para o Brasil, eu voltei como padioleiro e me aposentei do Exército.

E: Como se escreve essa palavra?

V: Padioleiro?

E: Padioleiro: e o que quer dizer isso?

V: É aquele que transporta os feridos. Para você ter mais ou menos uma idéia, é o seguinte: o Batalhão de Saúde foi instituído só para a guerra. Eu servia no hospital militar aqui. Depois nós fomos transferidos para Marquês de Valença, que hoje é só Valença, no estado do Rio de Janeiro. Então se formou o 1º Batalhão de Saúde. O 1º Batalhão de Saúde era composto por médicos, enfermeiros, padioleiros e oficiais, oficiais médicos. Eu sou sincero com você, não conheço nenhuma arma do Exército. Porque sempre fui padioleiro e como no Batalhão de Saúde não usamos armas... Então fomos para a guerra com poucas instruções, mas muito pouco mesmo, viu? As instruções eram as mínimas possíveis. Tudo aquilo que nós aprendemos durante a campanha na Itália foi por conta própria.

E: Conta própria?

V: O brasileiro é muito... Ele praticamente resolve as coisas. E lá na Itália ou você resolvia ou você morria. Nós não tínhamos instrução, não sabíamos nem como transportar o ferido. Nunca houve uma instrução de como transportar um ferido. Então você vê que é

uma coisa (risos). Lá então deram uma padiola, quatro homens para uma, e mandaram a gente para a frente, entendeu? Era assim, o Batalhão de Saúde ficava mais na retaguarda. Quando tinha um ataque, os brasileiros iam atacar, eles convocavam quatro padioleiros ou oito, conforme era a companhia. Então a gente acompanhava os infantes até onde houvesse a nossa parada. Dali para adiante era terra de ninguém. Então nós ficávamos sempre onde montavam um posto médico. Aquele posto médico era comandado por um oficial médico, Tenente ou Primeiro Tenente. Então quando havia chamado de um ferido que estivesse lá nós éramos obrigados a descobrir aonde que ele estava. A maioria das vezes falava: “Olha, você segue essa linha do telefone.” Não era telefone como hoje, era por linha. Então você seguia a linha até chegar por lá. A gente pegava o ferido e transportávamos ele para o primeiro posto onde estava o médico. Aquele posto ficava bem próximo também aos inimigos, não vou dizer que ficava longe. Eram atingidos quase sempre. Quando a bomba cai, ela não sabe aonde é que vai cair. Aí nós entregávamos o ferido para esse médico. Ele fazia o primeiro curativo, o primeiro atendimento e depois ele era posto em um jipe e levado até a estrada. E na estrada então vinha a ambulância e levava ele para o Batalhão de Saúde. Lá é que ele era atendido. O Batalhão de Saúde era comandado por um Tenente muito bom, Doutor Paulo Canton, era um excelente profissional, e ele é quem determinava qual hospital que ele ia. Não era para um hospital só. O ferimento podia ser muito grave ia para um hospital. Se era um menor ia para outro hospital.

Depois que o ferido sarasse ia para, para o, esqueci o nome. A cabeça da gente é fogo. Então ele ficava a disposição. Quando faltasse um lá na frente, ele era enviado para lá. A maioria dos que foram feridos, foram para os Estados Unidos. Quando, por exemplo, ele não sarasse, ou então se ele perdesse uma perna ou um braço, enquanto ele não tivesse uma prótese ele não era enviado para o Brasil. Ele era cuidado lá. Nós temos aqui, que chegou agora, o Capitão. Ele ficou dois anos e meio nos Estados Unidos depois da guerra. Foi ferido no peito e ficou dois anos e meio em tratamento nos Estados Unidos. Então você vê que o americano cuidava mesmo, todos! Os que foram para os Estados Unidos, nenhum deles trouxe uma queixa se quer.

E: Como é que o senhor reagiu ao saber que iria participar da guerra?

V: Ah, normalmente, viu?! Normalmente! A gente já tinha mais ou menos... Você estava mais ou menos a par da situação, né?

E: O senhor foi voluntário ou convocado?

V: Não, não, não! Eu fui convocado. Eu vou explicar para você porque que fui para o Batalhão de Saúde. Em 1939, já faz tempo, eu servi no 3º (Batalhão) do 4º RI (Regimento de Infantaria), ali no Parque Dom Pedro. Porque naquele tempo todo paulista ia para o Mato Grosso. E do Mato Grosso vinha para São Paulo. Fazia essa troca. Eu estava pronto para ir para o Mato Grosso, mas minha mãe foi operada e extraiu um rim na Beneficência Portuguesa, aí na Florença de Abreu, na Brigadeiro Tobias. Então eu não podia ir, minha mãe tinha sido operada e então falei com o Comandante, o Capitão, né? O Comandante pediu para eu levar um atestado médico. Eu levei e ele chamou o subalterno e falou para ele: “Olha esse praça aqui, ele vai tirar o tempo todo no quartel, ele não vai sair daqui.”

Então eu fiquei no 3º do 4º RI, Parque Dom Pedro. Como só eu andava para lá e para cá, não tinha nada o que fazer, o Sargento que era enfermeiro, era um “bebum” de marca maior. Ele fedia que nem um desgraçado. Então ele disse para mim: “Você vem para cá. Você não faz nada, então vai ficar aqui como meu ajudante.” E eu fiquei lá na enfermaria. Para mim foi até bom, porque eu não fazia nada no quartel, só ficava na enfermaria. Então ele falava assim para mim: “O Antônio, eu vou ali e volto já, já, viu?” Mas ele não voltava mais. Ele enchia a cara e eu fiquei ali. Quer dizer, eu tive essa vida quase um ano lá naquele quartel. Depois que eu saí o meu prontuário tava como enfermeiro, né? Por isso eu fui para o hospital militar.

Eles viram lá que era enfermeiro e me mandaram para o hospital militar. Dali então que surgiu o Batalhão de Saúde. Eu também nunca mexi numa arma. Até hoje eu não conheço arma. Se derem um tiro ali eu só penso que tiro será. Eu era padoleiro, fazia curativo, muito curativo. Hoje, quer dizer, hoje não, logo depois da Segunda Guerra e por muito tempo depois, muitos brasileiros voltaram. Nós é que fomos buscar ele lá no front e levamos para o hospital, disso nós nos orgulhamos. Eu nunca me defrontei com um colega que eu atendi. Nunca! Porque sabe como é que é? Eram cinco mil homens, era difícil, você atendia um ferido e acabou, aí vinha outro.

E: Então o senhor era militar na época em que o Brasil entrou na guerra?

V: Não, não! Em 1939 eu saí do Exército.

E: O senhor saiu do Exército?

V: É, fui licenciado e voltei em 1942. Neste ano eu trabalhava em uma firma, e daquela firma eu fui convocado novamente. No meu prontuário estava enfermeiro e por isso que eu fui para o hospital.

E: Como é que o senhor se sentia em relação a ir para a guerra?

V: Olha, eu vou te falar uma coisa, viu? Nós nunca pensamos na guerra. Nunca! Pelo menos a turma que convivia comigo no Batalhão de Saúde. Era como se nós fossemos para um lugar qualquer.

E: É mesmo?

V: É. Depois nós fomos levados para a vila militar lá no Rio de Janeiro. De lá então o trem nos levava para o cais, o navio já esperava ali. Nós embarcamos normalmente, como se fossemos para um passeio. Eu penso assim. Quando nós chegamos na Itália... Antes de chegar na Itália, um companheiro nosso tinha um mapa. Ele me chamou e disse: “Olha, está vendo isso? Onde é que nós estamos? Nós estamos aqui, aqui chama-se...” Como é que chamava lá? Onde passa o Estreito de Gibraltar? Passa ali. Ele falou assim: “Nós estamos aqui! O nosso destino é a Itália! Porque Portugal já fica para cá e a Espanha também. Então nós estamos indo em direção à Itália.” Ele era um rapaz muito inteligente, mas era soldado como eu e era padioleiro também.

E: Quanto tempo se passou desde que o senhor soube que ia para guerra, e que o senhor foi efetivamente para guerra?

V: Mais ou menos que nós fomos? Eu fui convocado em 1942. Depois 1943 eu servi no Rio de Janeiro e nós embarcamos para a Itália em 1944. Quer dizer, de 42 a 44 eu permaneci no Exército; eu saí só em 1945 quando terminou a guerra e fui licenciado.

E: O senhor lembra exatamente o momento em que você soube que ia para a Itália?

V: Não! Nós nunca soubemos para onde é que nós íamos, só soubemos quando chegamos lá. Nunca ninguém falou para nós: “Vocês vão para tal lugar.”

E: Só falaram que o senhor ia para a guerra?

V: Só quando nós chegamos na Itália, em Nápoles, é que nós soubemos que tínhamos chegado lá. Para você ver como o Exército era naquela época, houve companheiros que chegaram perto de mim e falaram: “Antônio, o que é que é isso aqui?”. Nós desembarcamos no porto de Nápoles, a banda americana tocando música brasileira e ele perguntou para mim: “O que é que é isso aqui?” No começo eu não entendi o que ele queria saber. Aí entendi que ele queria saber aonde é que nós estávamos. Eu falei para ele: “Aqui é Nápoles, aqui é a Itália.” Ele não sabia nem aonde é que ele estava, coitado. Mas ele se acostumou depois. Depois a convivência foi levando ele para frente.

E: Mas o senhor foi avisado de que iria para a guerra?

V: Aí nós já sabíamos que tínhamos que ir. Aí nós já sabíamos! Tínhamos certeza de que nós íamos combater.

E: Quando o senhor soube que ia para a guerra: quanto tempo levou até o senhor ir

para embarcar?

V: Um ano mais ou menos.

E: Um ano?

V: É exatamente. Em 1992, quer dizer, 1942, 1943. Porque em 1944, metade de 1944 nós já fomos para a Itália e voltamos na outra metade de 1945. Quando a guerra terminou.

E: Então o senhor não teve nenhuma espécie de treinamento para ir para a guerra?

V: Muito pouco! Pouquíssimo mesmo! Não só nós, como qualquer brasileiro que foi para a Itália. Tem companheiro que aprendeu na Itália como é que se maneja um canhão. Ele era artilheiro. E eu a mesma coisa. Eu não sabia, como é que você vai saber? Você precisa ter um treinamento para pegar um ferido do chão para por em uma padiola. Nós nunca pusemos um sujeito que bancasse o ferido para a gente por na padiola. Nós é que aprendemos a lidar com o ferido. Nós é que aprendemos! Éramos em quatro padioleiros, um de lá, um de cá. E o outro pegava na perna. Então o que a gente fazia? Metia o braço aqui por baixo, deitado no chão. Que nem hoje, os bombeiros têm mais prática, não é? Você já reparou que ele pega fácil?

Mas nós não tínhamos instrução. Os bombeiros têm instrução para mexer com ferido, não é verdade? A gente metia o braço assim e segurava pelo cinturão, porque todo soldado tem um cinturão. Então a gente levantava e já punha na padiola. Isso nós aprendemos por aprender, não como se tivessem vindo ensinar como é que a gente tinha que fazer. E muito companheiro foi socorrido. Antigamente, no Exército, o sujeito que era enfermeiro, era padioleiro, era chamado de pó de arroz. Porque o outro era combatente, pegava no fuzil, e os padioleiros e enfermeiros não. Lá na Itália muitos companheiros estavam no front em uma trincheira e eles falavam: “Não troco meu lugar por nada com você viu? Eu fico aqui escondidinho. Você não, tem que andar para lá e para cá.” Não é verdade? Tinha que pegar o ferido, não tinha perdão. Tinha que ir buscar ele aonde é que ele estivesse. Coisa que nós nunca, nunca deixamos um ferido para trás. Pena que o Batalhão de Saúde foi extinto logo que chegou no Brasil. Em 1945 destituíram. Você vê que em lugar nenhum tem qualquer coisa como Batalhão de Saúde, não é verdade? No entanto, o Batalhão de Saúde foi uma das armas, uma muito poderosa na guerra. Isso eu falo com sinceridade. Eu via o sacrifício dos companheiros. Companheiro que dirigia jipe com dois feridos, às vezes até três. Chegamos a por até três padiolas em um jipe e aí levamos para a ambulância. Nunca, nunca de todo o tempo que nós estivemos lá, eu escutei um companheiro se queixar. Onde estivesse um companheiro nós íamos buscar.

Isso, eles podem ter esse orgulho que nós temos. Que eu saiba nunca nós deixamos um companheiro para trás. Na minha companhia de padioleiros nós nunca deixamos ninguém. Seja ele quem for, seja o ferimento que tivesse.

E: O senhor sente orgulho da sua participação no Exército?

V: Sem dúvida! Sem dúvida! Eu tenho orgulho de dizer que eu fui padioleiro no Batalhão de Saúde, com muita honra e nunca desonrei o nome do nosso Brasil. Brasileiro é um povo, viu? Você precisava estar lá para ver o que o brasileiro é capaz de fazer. É incrível! No entanto, o que nós tivemos de instrução? Nós fomos combater um inimigo preparado para a guerra. O alemão se preparou para a guerra. E nós estávamos preparados para que? Não havia instrução, no entanto nós conquistamos cidades, mais cidades, mais cidades. Fomos expulsando os alemães, fomos entrando. Isso tudo porque? Pela força de vontade do brasileiro. Na minha opinião, viu?

E: Claro.

V: Não é dizer que eu seja a realidade, mas, na minha opinião, é um dos melhores do mundo! Isso você pode escrever aí, viu?!

E: Pode deixar que está gravando.

V: Ah, você pode marcar aqui, gravar que o soldado brasileiro foi um dos melhores do mundo! Porque ele nunca teve instrução e aprendeu na guerra. Ele aprendeu combatendo! Ele não foi ensinado, ele aprendeu combatendo. É uma boa diferença, não é?

E: Claro! Com certeza. O senhor poderia falar dos momentos que foram mais marcantes, mais inesquecíveis em sua participação na guerra?

V: Sobre atendimento de ferido, assim?

E: É, o que o senhor quiser destacar. De quando o senhor estava lá na Itália, os momentos mais marcantes para o senhor.

V: Eu tive dois casos muito importantes. Um até eu nem gosto muito de falar, viu? Esse até está no livro do Exército. Nós fomos socorrer um rapaz; era de noite, um frio que danado. Uma noite escura que só. Você sabe que quando faz frio na Europa é fogo, não é? E quando nós chegamos e encontramos o ferido... Nós estávamos em quatro padioleiros, né? Estava eu e um companheiro de um lado e aqui na frente tava um outro e um mulatinho. Nós é que chegamos lá para por ele na padiola. E o mulatinho falava para mim: “não dá! Não dá!”. Eu: “como não dá? Depressa!” Queria era fugir dali. Aí eu falei para ele: “Então vem cá, troca de lugar”. Imediatamente ele trocou de lugar, e eu vi como de fato não dava. O ferido não tinha uma perna, e ele não sabia como pegar; mas assim

mesmo nós conseguimos por ele na padiola e levamos ele para o médico. Quando ele chegou lá, chegou vivo, agora, dali pra diante não sei. Este foi um dos casos que eu conto sempre que aconteceu comigo. Por isso que eu conto.

E o outro caso, também, que foi muito importante durante a Segunda Guerra, para mim e para os companheiros, foi o seguinte: foi em Montese. Montese foi a coisa pior que teve. Era bomba de tudo quanto era lado, viu? Porque ali, o alemão, ao meu ver, agüentou bem em Montese, que era para o Exército fugir, mas não conseguiram. Eles acabaram sendo prisioneiros. Então eles resistiram ali, e não deixavam nós passarmos. Então nós chegamos em Montese levados por uma ambulância, quatro padioleiros. Estávamos em uma rua, uma rua principal, a procura do posto médico, que era ali que a gente ia. Mas não tinha nada de posto médico, não víamos nada ali. Então nós paramos numa porta; sabe aquelas casas que tem a porta na frente?

E: Sei.

V: Na Itália tinha muito disso. Casas antigas. Então nós paramos numa daquelas portas até que a gente soubesse pra onde que a gente ia. Aí, aconteceu um caso muito interessante, que até hoje eu penso que é. Passou alguém que falou para nós: “Entrem, porque aqui é perigoso!” E nós entramos. Nós chegamos lá, e uma bomba caiu em cima de onde nós estávamos, na porta. Quando nós saímos vimos a padiola, que tínhamos levado, que ficou encostada na parede, esmigalhada. Agora, tem uma coisa: depois, com o passar dos dias, nós quatro chegamos a uma conclusão. Não foi um soldado que passou, foi Deus. Até hoje eu acho que Deus passou ali. Sabe por que? Nós não vimos ninguém chegar e não vimos para aonde ele foi! Ele não entrou junto com a gente, ele ficou. Então falamos: “não, isso foi Deus”. Inclusive, depois que falamos com o nosso comandante, que era o Capitão de nossa companhia, sobre este assunto, ele disse: “exatamente isso que vocês estão pensando. Foi Deus quem salvou vocês, não foi soldado nenhum”. Porque nós não vimos chegar ninguém e não vimos para onde ele foi. Mas ele salvou nossas vidas! Éramos quatro, e aquela bomba não tinha perdão. Isso sempre eu conto, e inclusive deve estar no livro.

E: Como é que o senhor se sentiu nesse acontecimento?

V: Olha, eu vou te falar uma coisa. Se eu disser que não tinha medo estou mentindo. Ninguém diz: “eu vou lá porque não tenho medo!”. Não, ele está mentindo. Porque todo mundo tem medo. Depois do acontecido, nós saímos dali e fomos para (...), uma cidade lá no norte da Itália, bem lá em cima. Nós fomos para lá, e comentávamos isso, inclusive com nosso comandante. Ele até vinha perguntar para nós, porque ele gostava de saber

como é que aconteceu. Então nós contávamos para ele. Isso é coisa de Deus. Não foi soldado nenhum. Isso na minha opinião, que eu carreguei comigo até hoje, depois de sessenta e tantos anos, e tenho esta convicção. Deus foi quem nos salvou! Impossível pensar em um soldado ali, debaixo de um tiroteio daquele jeito, e mandar a gente sair dali.

(fim de um dos lados da fita)

E: Refazendo a pergunta: Como foi o momento, em que o senhor trocou de lugar com o outro padioleiro?

V: O problema é o seguinte: no momento você não pensa, você faz. Não é verdade? Você faz! É obrigado a fazer! Então, o companheiro estava assustado, porque ele não viu a perna do rapaz. Como é que ele ia pegar para por na padiola? Então eu falei: “troca! Troca!”. Mas eu não sabia, quando eu cheguei lá, e vi assim, de noite, sabe como é... Eu fiquei... Não tinha o que pensar. Tinha que pegar! Inclusive o meu capote, nós tínhamos aquele capote grande, ficou cheio, manchado de sangue da perna do rapaz. Depois eu mandei lavar. Entregamos ele no posto médico e nunca mais soubemos que fim levou. Nós nunca soubemos, eu nunca soube, de todos que nós socorremos, que fim eles levaram. Mas eu sei perfeitamente que muitos voltaram para o Brasil. Feridos, voltaram para o Brasil.

E: E o que o senhor acha de não saber que fim eles levaram, o que aconteceu depois?

V: Não, nunca mais eu soube. Também, nós não procurávamos, porque eles iam para o hospital, que era muito longe. Iam para cidades longe do front, então não existia esse... Você era obrigado a esquecer o companheiro que foi atendido.

E: Então o senhor era obrigado a esquecer?

V: Ah, sim! Sem dúvida. Você atendia, e nunca ia perguntar o nome dele, nem nada.

E: O senhor viu muitos momentos violentos na guerra?

V: Não, muito violentos não. Porque a guerra já estava no fim. A nossa sorte é que a guerra estava no fim. E o alemão, ele procurava era se defender. Ele quase não atacava, mais se defendia, porque eles já estavam esgotados. Era uma coisa lógica.

Quer dizer, a nossa cooperação foi uma coisa muito boa, foi uma boa cooperação. A gente recebeu muitos elogios. Até hoje. Mas graças a Deus, aqueles que voltaram... Muitos voltaram com qualquer problema mental, mas muito poucos! Quase não conheci ninguém que voltasse assim. Mas voltaram, muitos companheiros voltaram.

Hoje em dia, praticamente já não tem companheiro nenhum. Aqui mesmo, em nossa associação, vem pouca gente, já. Nós já estamos numa extensão, no fim de nossa... Graças a Deus ainda dá para viver!

E: O senhor criou amizades, vínculos, durante a guerra?

V: Mas amizade, que você diz que existe, é muito grande. O brasileiro é muito amado. Você no Exército não encontra quase inimigos. No meu tempo você encontrava amigos. Quando o sujeito sai do Exército, ele sai chorando. Porque nunca mais ele vai ter a amizade que ele consegue dentro do Exército. Há muito caso de briga, isso sempre existiu e sempre vai existir. Mas em compensação a amizade do soldado é muito grande, muito boa.

E: O senhor fez muitas amizades?

V: Centenas, principalmente na minha companhia. Muitos anos depois eu ainda me encontrava com muito companheiro que morava aqui em São Paulo.

E: Então o senhor manteve contato com algumas destas pessoas que você conheceu na guerra?

V: Depois da guerra? Ah sim, até hoje a gente tem amizade! Você pode ver essa turma que está aí, todos eles são ex-combatentes. Todos nós somos ex-combatentes. Cada um tem sua história para contar, e suas mentirinhas também (risos).

E: O senhor sentiu falta de alguém depois da guerra?

V: Ah sim, depois a gente foi perdendo contato, muitos moravam no Rio, outros em Minas. Essa gente nunca mais eu vi. Só os que eram de São Paulo, nós sempre tivemos aquela amizade. Até hoje eu tenho companheiros aí que foram comigo para a Itália. Tenho vários companheiros. Por exemplo, um praça, grande amigo meu, que mora em São Paulo. Depois tem o Sargento, esqueci agora, depois eu me lembro, Renato Misk, ainda estão vivos. No começo do ano eu perdi dois companheiros. Grandes amigos meus, mas grandes amigos mesmo, companheiro que... Chamado Joaquim Fernandes Amaro e o outro foi o meu companheiro que também morreu, também em janeiro deste ano. Que vai fazer? É a vida, né? Até a pouco tempo nós víamos os dois aqui, junto, com esses três companheiros que morreram. Íamos quase sempre juntos. Tanto aqui na associação como fora. Nos encontrávamos muitas vezes, depois foram embora.

E: Como é que foi para o senhor o fim da guerra? O que o senhor achou do fim da guerra?

V: Foi ótimo. Foi, porque... Como a gente costumava dizer na Itália, nossa vida valia menos que uma ponta de cigarro. Você tá vivo agora e morre logo ali adiante. É uma

coisa lógica. Quer dizer, a guerra terminou e a gente se livrou desse problema. Quer dizer, foi gratificante.

E: O senhor gostava do companheirismo dos colegas, mas ao mesmo tempo tinha essa questão da vida valer pouco.

V: Ah, valia pouco. Até hoje! Hoje eu tenho muita amizade, ainda, com as famílias dos meus companheiros. De vez em quando a gente liga um para o outro, conversa.

E: Então, no fim das contas o fim da guerra foi melhor mesmo...

V: Ah, sem dúvida! Até, depois que nós chegamos no Brasil, nós todos fomos licenciados. Agora, uma coisa que vocês talvez não saibam, que é bom que fiquem sabendo, que quase toda FEB, quando chegou no Brasil, eles eram paisanos. Não eram mais militares. Eles deram baixa na Itália. Quando eles chegaram no Brasil já não pertenciam ao Exército.

E: Foi desmontada, não é?

V: É, lá na Itália! Eu não! Eu, como vim no 1º Escalão, recebi baixa no Rio. Recebi, assinei, tudo direitinho. Recebi minha medalha, tudo no Rio de Janeiro. Vim embora para São Paulo depois da guerra.

E: O senhor sentia falta de alguma coisa durante a guerra?

V: Senti muita falta de muita coisa. Principalmente da família, não é verdade?

E: Foi o que o senhor mais sentiu?

V: A família era tudo viu?! (risos) É tudo! Eu sabia que minha mãe me esperava. E eu pensava sempre assim: “puxa vida, se eu morrer aqui, como é que a minha mãe vai se sentir?” Triste, né? Pensava muito nisso lá na Itália. Se eu morresse lá, minha mãe, como é que ela se sentiria? Meu pai, meus irmãos, mas mais é mãe. A mãe da gente, a gente tem mais carinho.

E: E depois da guerra, o senhor sentia falta de alguma coisa que tinha na guerra?

V: Nunca senti não. Aquilo foi começando a esquecer, foi se diluindo, tudo. Depois que nós chegamos aqui e nós entramos para a vida civil, aí cada um procurou a sua vida particular. Eu me casei, o outro casou... A vida depois continuou, sempre assim, não é?

E: Como é que foi a volta da guerra?

V: A volta foi muito boa. Eu vim no 1º Escalão porque eu fui no 1º e voltei no 1º. Cheguei primeiro aqui no Brasil. Mas a volta da guerra foi muito boa também. Aí já não havia mais perigo, não havia nada. A turma já estava mais liberada. Até que nós chegamos. Logo depois que nós chegamos, todo mundo foi licenciado. Muitos, poucos ficaram no Exército, alguns ficaram. Mesmo nosso comandante, o Capitão, que chamava-se Paula Chavez,

Doutor Paula Chavez, ele pediu para nós ficarmos. Falou: “você ficam no Exército! Porque, com a experiência que vocês tem vão conseguir ir adiante”. Mas como eu tinha meu emprego garantido, tinha minha namorada que também ficou no Brasil. Mas não foi com essa que eu casei! Mas eu preferi sair do Exército. Tocar na vida civil.

E: E as pessoas, perguntavam para o senhor sobre a guerra? Como é que foi?

V: No começo muita gente perguntava. Muita gente queria saber, gostava. A gente gostava de falar alguma coisa.

E: O senhor gostava de falar?

V: Ah, adorava, a gente, sabe como é, é uma coisa lógica.

E: E o senhor falava sobre tudo?

V: Mais era sobre a campanha nossa. Sobre o que nós fizemos, tínhamos de bom, tudo. Nós não passamos muito... Agora vou te falar uma coisa: se nós estamos hoje vivos aqui é porque os americanos tomaram conta. Quando chegou o inverno, se eles não dessem as roupas que deram, morria todo mundo de frio lá. Se fosse dado pelo Exército Brasileiro, ah... Não sobrava um.

E: Quer dizer que o Brasil não estava preparado para o inverno?

V: Não estava, de jeito nenhum! O que nós recebemos, foi tudo praticamente americano. O capote, bota, polaina, grande, viu, chegava até aqui, tudo de borracha, própria para enfrentar o inverno, gorrinho, luvas. Coisa que no Brasil, meu amigo, você nunca viu nada. Você só via uma farda de brim muito vagabunda, que não tinha nem passadeira aqui, para a gente por a cinta. Infelizmente, o Brasil naquela época era muito atrasado, o Exército principalmente. Que não era preparado para guerra nenhuma.

E: O que o senhor acha do Exército Brasileiro não estar preparado para o inverno?

V: É porque nós nunca sentimos nenhuma ameaça de qualquer país que fosse. Teve a Guerra do Paraguai, foi coisa de anos atrás. Mas depois o Brasil formou Exército, mas o Exército era só para isso, só para fazer o sujeito cumprir um ano de caserna (risos). Aprender ser homem, como de fato. Porque eu sempre digo que nenhum brasileiro endireitou o Exército, foi o Exército que endireitou o soldado. Antigamente, a gente costumava dizer que o sujeito era valentão. “Ah, porque eu vou pra lá. Eu faço”. Quando ele chegou lá foi ver que era muito diferente! Ou ele se adaptava ao que era o Exército, ou então ele caia fora.

E: O senhor falou que continuou sua vida civil após o Exército, receber a licença, a baixa. Houve muitas mudanças em sua vida depois da guerra, de como era antes?

V: Não. Eu continuei com a minha vida normal. Voltei pro meu emprego, trabalhei na firma

trinta e poucos anos e me aposentei no INPS. Hoje eu tenho duas aposentadorias, tenho a do Exército e a do INPS.

E: E o senhor se sentia muito diferente depois da guerra?

V: Não, nunca! Não me sentia nada, nada. Não me afetou nada! Nada, nada. Alguns companheiros sim, alguns companheiros afetavam, ficavam doentes. Mas muito poucos. A pessoa ainda não tem aquela maturidade. Apesar da gente ter vinte e três, vinte e quatro anos, mas quando você voltou da Itália, você já era mais maduro do que... Não é verdade?

E: Então foi uma experiência de amadurecimento para o senhor?

V: Ah foi, a experiência toda.

E: O senhor gostaria de destacar mais alguma vivência marcante vivida em combate?

V: Sabe o que acontece? Muita coisa já se passou, já esqueci! Muita coisa! Passou muito tempo de que nós estávamos na Itália. Acontecia muita coisa e aquilo foi se perdendo com o tempo, hoje a gente tem poucas lembranças. Ainda tem bastante, assim mesmo são poucas.

E: O senhor gostaria de falar mais alguma coisa, acrescentar mais alguma coisa?

V: O que eu podia falar para você é que, hoje, o que nós estamos recebendo do Exército é o que está nos sustentando, ganhamos razoavelmente bem, todos nós. Foi um reconhecimento do Exército que outros países quase não tem. Acabou o exército, acabou! vai para a rua e cada um que se vire! Nós tivemos depois de muitos anos, não foi de pouco tempo, só começamos a receber mesmo depois, depois de já... Oficialmente em 1988 com a nova constituição. Na constituição estão os nossos vencimentos em tudo, e nós hoje recebemos o mesmo que recebe um Segundo Tenente na ativa.

E: Então o senhor foi reconhecido pela sua participação?

V: Nesse caso nós fomos bem reconhecidos! Se não fosse isso, toda essa turma que está aí não dava pra viver. O que que você pode ganhar no INPS? Mil e quinhentos, mil e seiscentos no máximo. Se não fosse o Exército, meu filho, muita gente nossa já tinha até morrido. E no entanto, graças a Deus, nós ainda recebemos uma parcelinha razoável, pra poder viver. Pra poder viver!

E: Tem mais alguma coisa?

V: De momento, assim, é o que eu tenho para comentar.

3ª ENTREVISTA (sr. Jorge)

Entrevistador: Começando a gravação. Primeiro eu gostaria que o senhor me contasse a sua idade e sua profissão.

Veterano: Eu sou de Pirassununga, no estado de São Paulo, e sou atualmente aposentado, mas eu fui professor de inglês do curso secundário, na época, do colegial. E também sou bacharel em direito.

E: E qual é a idade do senhor?

V: Oitenta e oito anos.

E: O senhor combateu na Segunda Guerra Mundial, junto à FEB, certo? Qual foi a sua participação nesta guerra?

V: Eu cheguei para a Itália como convocado. Antes de ir para a Itália fui ao Rio de Janeiro fazer um curso de comunicação. Naquela época fomos convocados 150 estudantes, de diversas áreas. Tinha estudante de engenharia, estudante de medicina, estudante de direito, de várias faculdades, porque eles precisavam justamente de Sargentos de Comunicação, e o Exército naquela época não tinha número suficiente para cobrir as baixas da divisão. Então, terminado o curso, nós fomos designados para cada unidade, e eu fui designado para o 3º Grupo de Artilharia, que era sediado em Quitaúna. Atualmente este grupo está sediado em Barueri. Eu pertencia à bateria de comando, e justamente a turma de comunicação era dividida em turma de rádio e turma de telefonia. E eu era o chefe da sessão, eu era Segundo Sargento, responsável pelas duas sessões (breve interrupção).

Então, após o treinamento aqui no Brasil, foi quando começamos a receber no final algum material, pouco material, americano, que veio a ser usado lá na Itália. Nós embarcamos em setembro, 22 de setembro, nos chamados 2º e 3º Escalão, que embarcaram em dois navios, cada um com 5.000 pessoas, num total, mais ou menos, de 11.000 pessoas. Lá, desembarcamos em Nápoles, no começo de outubro... Não me lembro exatamente a data, se foi 6 ou 8 de outubro que desembarcamos. E depois disso ficamos em Nápoles, ainda a bordo de um navio, durante dois dias. No terceiro dia nós fomos transferidos para barcas, barcas de transporte que os americanos usavam, com capacidade para 200 pessoas. Dali nós subimos, em uma viagem de trinta e seis horas, até Livorno. Em Livorno, aí foi uma viagem péssima, porque o mar era revolto, houve umas duas trombas d'água, e ninguém agüentava nem comer. Chegamos lá em Livorno, e fomos para um alojamento perto de Pisa, que era justamente para receber as

tropas, tanto americanas quanto outras que iam combater na Itália, que passavam lá e depois eram distribuídas. E nós fomos então distribuídos para um terreno que era chamado (...), que era um campo de caça dos reis da Itália. Nós ficamos lá, agüentando lá, em barracas que montamos, barracas pequenas, para duas pessoas, mas que praticamente não dava nem para uma pessoa; em baixo de chuva, sempre chovendo, e então começamos a receber algum material americano, já melhor, porque nossos uniformes daqui eram vagabundos, a não ser um que era melhor, de flanela, uma flanela boa, mas que tinha o defeito de ser mais ou menos da mesma cor que os uniformes dos soldados alemães. Houve até confusão em alguns lugares por causa disto.

Bom, nós ficamos lá, e dali eu fui designado para fazer um curso de minas e demolições, em Caserta, perto de Nápoles. Então eu, mais um capitão e um Sargento, que também era Sargento de comunicação, descemos até Nápoles, e até Caserta para fazer este curso. Lá fizemos o curso, que era mantido por oficiais americanos e ingleses. Eu não tive problema nenhum, porque como eu falava inglês não tinha problema. Aliás eu fui até muitas vezes aproveitado para traduzir manuais para oficiais do meu grupo de artilharia. No curso foi tudo muito bem, fizemos uma parte prática, uma parte teórica, e na última prova, no último dia, em que tínhamos que atravessar um campo minado, realmente minado... Porque às vezes não eram minados, às vezes a carga era de meia carga, ou sem carga, só com o detonador, e não havia muitos problemas. Mas desta vez havia problema. E aí, infelizmente, não dei... Esbarrei em uma destas minas, só que eu tive sorte, porque a mina alemã que eu encostei era uma desta minas que subia até dois metros de altura, presa por um fio de aço, e explodia em cima. Então explodiu... Quando ela subiu, bateu e me jogou para trás, e quando ela explodiu, explodiu no ar; assim mesmo o meu maxilar saiu fora, saiu fora do lugar, e eu tive também alguns ferimentos no corpo, de alguns pequenos estilhaços, aqui no pescoço também.

E daí fui para um hospital americano, eu fui levado para um hospital americano. E lá também não tive problemas por causa do inglês; me dava muito bem com os americanos, porque eu era o único brasileiro naquele hospital. Fiquei lá fazendo o tratamento, durante dois meses, fazendo intervenções, etc. até eu poder comer, porque eu não podia comer, era só líquido que eu tomava. Então, quando tive alta do hospital, eu voltei para minha unidade, já reassumi minha funções. Mas aí, por exemplo, o Morro Castelo já tinha caído, então já estávamos em um lugar para descansar a tropa, para ficar mais uns quinze dias na posição, porque estávamos mais ou menos abrigados. Abrigados

do fogo inimigo é modo de dizer, também, porque onde nós estávamos fomos bombardeados umas três ou quatro vezes, ali na vilazinha em que estávamos.

Dali subimos, largamos ali, e fomos para Montese, a unidade foi para Montese. E aí, como antes já fazia, às vezes eu ia com a turma de telefonia para consertar fios. Os bombardeios dos alemães caíam em fios, que arreventavam, e a gente tinha que consertar. Então, lá por Montese, eu tive que, umas duas ou três vezes, ir lá para Montese levar fios para oficiais de nossa unidade. Depois, Montese caiu, não houve nada, mais nada, terminou, e depois nós continuamos subindo para o norte da Itália, houve Forno, a batalha de Collecchio; em Forno aquela divisão alemã acabou se entregando porque ficou cercada pelas tropas brasileiras.

Dai terminou, e nós continuamos subindo; quando nós estávamos bem mais para o norte, no dia 2 de maio, foi declarado que cessou a guerra na Itália. E dia 8 já estávamos alocados na vila em que iríamos ficar, que nossa unidade iria ficar, e terminou a guerra da Itália. Aí nos ficamos como tropa de ocupação. Terminou a ocupação, em um prazo de um mês e meio, quase dois meses, e correu o boato, a notícia de que os italianos queriam que nós ficássemos como tropa de ocupação lá na Itália. Mas os americanos foram contra. E também o nosso governo, o Getúlio Vargas, tinha interesse justamente em trazer a FEB de volta, e não ficar lá. Então, também correu a notícia de que talvez nós fôssemos para o Japão, mas foram apenas rumores, boatos. Acabamos voltando, descemos até Nápoles novamente, ficamos lá em uma área destinada para isto, aguardando o embarque, e voltamos para cá em setembro, em setembro já estávamos desembarcados no Rio.

Então nós fomos desmobilizados, porque eu não era de carreira, e também nem tinha a intenção de continuar (risos). Perguntaram-me, porque eu era Sargento, se eu queria continuar, e tal, fazer cursos lá na academia, para ser oficial. Eu falei: “não, não quero, eu quero voltar para vida civil”. Voltei, e aí foi a minha luta para conseguir emprego de professor. Embora houvesse uma lei que dizia que o ex-combatente tinha preferência nas nomeações, todas as vezes que eu me dirigia a Secretaria da Educação do Estado, que eu sabia que tinha uma vaga em tal lugar, quando eu chegava lá já tinham colocado outra pessoa, por política ou por sei lá o que. Então eu não consegui, não consegui.

E: Então foi difícil o senhor se restabelecer após a guerra?

V: Foi difícil, difícil, difícil. Somente em março, sendo que eu já estava desmobilizado em setembro, só em março que eu consegui lecionar em um colégio particular, comecei a lecionar em um colégio particular. Isto porque um antigo colega da faculdade lecionava lá

e ele ia deixar, então ele me avisou: “olha, eu vou deixar, se você quiser ir lá”. Então eu consegui, e fui me ajeitando dando aula em colégio particular, depois prestei concurso para professor universitário, e fiquei lecionando no estado. Posteriormente eu fui designado para trabalhar no MEC, como inspetor de faculdades, até chegar aos setenta anos, com setenta anos me aposentei. Mas a dificuldade foi no início, de conseguir local; porque todo mundo dizia: “muito bem! Parabéns! Não sei o que”, mas não arrumava.

Aliás, estava acontecendo não só comigo mas com quase todos os combatentes. E quanto a aqueles coitados que mal sabiam escrever, eles então ficaram abandonados. Tanto é assim que aqui na associação nós tivemos que fazer o que? Comprávamos, às vezes, roupa para eles, para família; alimentos.

Depois veio a concessão de oitenta e seis, e mudou, veio aquela pensão especial para todo ex-combatente, e a situação melhorou, mas até esta data os ex-combatentes só tinham dificuldades. Tinham dificuldades porque? A primeira coisa era: “ah, o senhor esteve na guerra? Então o senhor deve estar meio louco!”. A impressão que eles tinham era de que quem esteve lá tinha problemas psicológicos. E realmente muitos tiveram mesmo. Alguns ficaram completamente, mesmo, malucos. Tinha um rapaz, um soldado do meu grupo de artilharia; ele ficou, tanto que ele andava pela rua gritando: “Ah! Eu sou um ex-combatente! Não tenho onde morar! Não tenho nada!”. Ele acabou morrendo na rua.

Quer dizer, não houve, realmente, apoio governamental para o ex-combatente. Nenhum. As associações, que ainda naquela época tinham o auxílio do governo estadual, então conseguíamos fazer isso: o sujeito vinha aqui, e se estava com dificuldades, dávamos uma autorização para ele gastar até tanto, e ele ia lá em algum empório aqui por perto e comprava mantimentos, vinha, mostrava que tinha comprado.

Agora, eu acho o seguinte: que no nosso caso, de comunicação, a maioria dos Sargentos (estou falando só dos Sargentos) que tinham feito o curso lá vinham de faculdades. Alguns estavam no terceiro, quarto ano. Do quinto ano de medicina foi um convocado, para servir em comunicação! Um médico! Do quinto ano, imagine! É verdade que quando ele chegou lá o Serviço de Saúde chamou-o, como também chamou outro que estava no terceiro ano. Mas veja: este pessoal, a gente tinha uma defesa, tinha uma defesa. Mas o coitado, que estava lá, o pracinha, na maior parte nem sabia porque tinha ido para lá. Então eles não tinham defesa nenhuma, não tinham proteção nenhuma. A gente tinha, porque a gente conversava, brincava. Embora a correspondência aqui para o Brasil não fosse muito boa, pois era tudo recortado, a censura daqui era uma coisa

horrível, qualquer coisa que você dizia eles achavam que você estava querendo indicar posição que estávamos... Então as cartas que escrevíamos de lá eram cartas, vamos dizer assim, sem... Leves, sem coisa nenhuma: “estou bem, não sei o que, e tal. Como vocês estão indo aí?”. Porque eles chegavam aqui no Brasil e cortavam.

E: E além deste aspecto financeiro, profissional, como foi a sua volta da guerra? Como foi a sua vida após a guerra?

V: Depois da guerra, depois que eu comecei a lecionar, etc... Aliás, eu logo me casei, porque eu era noivo quando fui para lá. Então em janeiro me casei, porque eu tinha uma reserva de dinheiro que eles faziam lá. Uma parte do que a gente recebia, recebíamos lá, outra parte ficava com a família, e então a gente tinha aquela reserva que estava com a família para poder casar. Mas eu casei desempregado, (risos) não tinha conseguido ainda. Porque eu casei em janeiro, e só comecei a trabalhar em março. Depois não, minha situação mudou, eu lecionava como professor em vários colégios, etc., depois fiz concurso, estive trabalhando no MEC, a minha situação econômica melhorou, e daí nunca tive mais este problema.

Agora, se me perguntar qual foi a influência da guerra para cá, em nós... Conversando com vários companheiros, aqui, a gente sonhava no começo muito; sonhávamos muito com situações em que estivemos lá, ou então em situações hipotéticas que surgiam. A gente estava, por exemplo, andando em um lugar, de repente começava um bombardeio atrás, a gente corria e as bombas iam caindo atrás. Isto era um sonho comum aqui entre nós. Depois isto foi desaparecendo. Mas alguns colegas não conseguiram, não. Ficaram bem atrapalhados. Teve um companheiro nosso lá que se suicidou, logo que estava aqui. Ele era Terceiro Sargento. Mas ele não agüentou. Lá ele já era meio rebelde.

Tinham alguns companheiros... Nós tínhamos no nosso grupo um soldado que, por exemplo, ele estava no rádio, na escuta do rádio, que era permanente a ligação entre o comando e o comando aéreo. Começava um bombardeio ele largava, ele era tomado de pânico, largava, e se enfiava num lugar. Então nós já sabíamos disto, e deixávamos sempre alguém avisado: “olha, fulano está lá agora, é a hora dele lá, o plantão dele. Fique aqui por perto, porque se ele largar o rádio, você corre lá e pega o rádio”.

Isto aconteceu conosco, e lá na infantaria aconteceu muito disto. Começava aquele bombardeio intensivo em cima, o sujeito perdia a coisa e se enfiava em qualquer buraco. Sempre houve alguns que não estavam preparados mesmo. Agora, os outros não. Tinham alguns que estavam bem preparados, a gente até caçoava quando

começava um bombardeio em cima; como a gente era de artilharia, sabia calcular tiro, então começava: “este tiro aí foi muito longo, tantos metros longo; mais para esquerda, dez metros para esquerda”. A gente ficava controlando, não é? Porque a gente sabia. Mas era só os deste grupo, mas tinham outros que não, que ficavam quietos lá e tratavam de se aferrar ao terreno.

E foi isto, mas eu não tive grandes problemas não.

E: Voltando para o começo da guerra, o senhor não era militar quando foi chamado, certo?

V: Não, eu era estudante.

E: E como é que o senhor reagiu ao saber que iria participar da guerra?

V: Olha, foi uma... Eu vou dizer que foi um choque para mim, antes, porque eu estava... Como eu era do interior, estava morando em pensão, fazendo a Faculdade de Filosofia, e estava no último ano, estava até esperando o registro de professor que vinha lá do Rio de Janeiro. E então tocaram a campainha, e aí veio a dona da pensão e disse: “olha, tem um soldado aí procurando pelo senhor”. Não! Quando tocou a campainha ela disse: “estão te procurando”. Não falou que era um soldado. Eu falei: “ah, vai ver que é o registro que veio!” (risos). E quando eu cheguei lá, era a cartinha de apresentação, que eu tinha que me apresentar.

Eu procurei me acomodar à coisa, porque a gente tinha que fazer o curso, ficar lá naquela vida militar, de treinamento, a maior parte do tempo em Gericinó, fazendo as coisas, longe.

Digamos que o Exército naquela época, há sessenta anos atrás, o que era? Não era nada. Não tinha nada. Mesmo agora, que está bem melhor, ainda tem algumas falhas, mas naquela época não tinha nada. O soldado era tratado como bicho; e os quartéis não recebiam... A coisa era essa, a vida dos oficiais era espartana, era diferente do que deve. Por exemplo, quando nós chegamos lá na Itália, e começamos a ter contato com americanos, ingleses, principalmente eu, que tinha muito contato, quando podia conversava com eles; a gente via que eles estranhavam, falavam: “pôxa, mas vocês não têm isto, vocês não fazem isto, não sei o quê?”. A disciplina nossa era ainda a disciplina francesa, aquele negócio rígido, do Exército Francês; daquela época! Porque depois também mudou, depois da guerra. Mas era daquela época, daquele tipo de coisa. Então a gente se ressentia muito com isso. A comida não era boa; tanto era assim que, quando íamos almoçar, eu levava pimenta (risos). Eu levava um vidrinho de pimenta, aí ficava todo mundo pedindo: “dá uma pimenta!” (risos). Então decidi que ia começar a levar uma

pimenta só. Levei uma pimenta, e lá veio um rapaz: “você não quer cortar um pedaço da pimenta para mim?” (risos). Quer dizer, a comida era horrível, um negócio que não tinha higiene, não tinha nada. As privadas eram aquelas privadas no chão, ainda. Buracos no chão com aquele negócio de cimento. Quer dizer, não havia... Quanto a isto foi horrível, no Exército.

No começo eu ficava chateado, não é, ficava chateado, porque, pombas! A gente estava terminando a faculdade aqui, e to aqui igual a um bicho do mato, como a maior parte era de sitiantes, de sitiantes não, de trabalhadores de campo, esta coisa toda. Embora que, na artilharia, o pessoal fosse mais selecionado, por ter o emprego de maquinário, ter que mexer com canhão, tinha que fazer conta. Era uma tropa melhor. Mas mesmo quando, antes, fui mandado para o Rio de Janeiro, eu estive dois meses num regimento de infantaria. Então eu vi como era o pessoal lá. O pessoal era tratado deste jeito, sem higiene, sem nada. Era uma coisa bárbara.

Então, a reação inicial foi de revolta.

E: O senhor sentiu revolta?

V: Foi de revolta. Falei: “pombas, logo eu?! Estou terminando agora a faculdade, estou pensando ainda em começar a lecionar. Tinha que estar aqui?”. Mas depois, não tinha outro jeito, não tinha outro jeito, tive que me apresentar no quartel, fazer o exame médico, voltar dali a um mês para ser designado para ir lá para o Rio de Janeiro. Então fomos em um trem, de segunda classe, todo mundo de segunda classe. Os trens naquela época era um tal de avançava, parava para deixar um outro passar, era aquele negócio. Quer dizer que nós embarcamos às seis horas e fomos chegar lá no Rio de Janeiro às duas horas da tarde. Estas coisas foram aborrecendo, foram revoltando, quando nós estávamos lá, porque cada um... E depois tinham uns rapazes ali que eram de famílias ricas aqui em São Paulo, então eles é que (risos) reclamaram. Eu, como já estava acostumado em pensão, não estava estranhando tanto assim. Mas o pessoal que saiu de casa, que teve que largar a casa mesmo e ir para lá...

E outra coisa também: a gente embarcou sem saber exatamente o que era uma guerra.

E: O senhor diz isto em relação ao treinamento?

V: É. A gente não sabia. Treinava, não sei o que, está coisa toda, mas era treino, isto daí. Às vezes viam filmes não é, que apareciam aqui e a gente assistia, mas o que seria realmente a guerra, a situação real na Itália, nós não sabíamos. Nós só começamos a perceber isto quando nós desembarcamos em Nápoles; vimos o porto totalmente

arrasado, aqueles aviões, os *Blimps*, que eles chamavam, os dirigíveis pequenos para proteger o porto, a cidade praticamente arrasada, aquela população pedindo comida, pedindo roupa, principalmente crianças; então foi aí que a gente começou realmente a sentir a guerra. Mas a verdade é esta: nós não fomos preparados psicologicamente para uma guerra.

E: O senhor poderia me contar mais como é que foi este seu treinamento para a guerra?

V: Aqui?

E: Sim.

V: Olha, aqui... Quando eu terminei o curso eu vim aqui para São Paulo e fui designado para o grupo de artilharia sediado em (...). Muito bem, eles já estavam em fase de receber... Antes os canhões eram puxados a burros, cavalos. Agora quando eu cheguei já estavam melhorando, já estavam recebendo canhões novos, e também jipes, este tipo de coisa. Pouca coisa, mas estavam. Aí ficamos aqui em treinamento, mas o treinamento aqui também era mais dentro do quartel, transmissão de um lado para o outro, não era treinamento de guerra, não. Mesmo porque nós ainda tínhamos muito material francês, que não funcionava direito. Então quando nós fomos para o Rio, fizeram-nos aguardar lá. Aliás estavam recebendo mais material lá, e íamos fazer um treinamento mais próximo a isso, inclusive subir e descer em navio, com aquelas cordas, tudo, aquelas redes enormes, todo o armamento completo; a gente subia, e depois descia do outro lado. Também tínhamos que, no campo de treinamento, ficar no meio do mato, então estávamos acostumando com isto. Mas ainda não chegou o ponto de estarmos bem treinados, em termos de manobras. Isto só foi acontecer mesmo na Itália. E foi lá também que o infante mesmo aprendeu.

Tanto que quando eu estava no hospital eles... Nunca que eles iam falar Jorge, não é? Tinha um deles lá, do lado da minha cama, que chegava perto. Mas os outros me chamavam pelo sobrenome, igual a uma cidade dos Estados Unidos, no Novo México. Alguns me chamavam de (abreviação do sobrenome), mania de americanos. Eles estranhavam, no começo, o meu comportamento, porque eu não tinha aquele comportamento largado do americano, ainda. Eu estava dentro daquele sistema. Aí eu fui aprendendo muita coisa deles. Eu (antes) fazia uma certa reserva aos americanos, gostava mais dos ingleses. Também tive um professor de inglês que freqüentava aqui em São Paulo... Naquela época a gente ia a círculos de americanos, círculos de ingleses, para treinar a língua. Mas aí eu fui aprendendo que não.

Depois, eu me lembro que, quando eu cheguei no hospital, eu fiquei três dias vomitando sangue. Eu me mexia na cama e era pá!(gesticula com a mão em frente à boca). E meus vales do hospital, como todos tinham, estavam pendurados na grade da cama. Um deles veio assim e perguntou: “escuta, você vai comprar alguma coisa?”. Eu falei: “não”. Ele: “não vai querer nada?”. Eu: “não”. Ele: “então me empresta?” (risos). Então ele pegou meus vales, juntou com os dele e comprou mais coisas.

Mas aí a gente foi vendo que eles, volta e meia, vinham perguntar como é que eu estava; quando eu comecei a levantar eles vinham me ajudar. E também tinha outra coisa: a enfermeira, quando chegava, a primeira coisa que eles faziam quando entrava um ferido, no meu caso eu me lembro, era dizer: “olha, este aqui está bem ferido; ele não pode falar, não pode falar nada. Façam o favor de não falar alto (veja só como é), e ajudarem”. E falou para um deles, o Willham, que estava ao meu lado: “Você, que está ao lado dele, fica olhando, porque quando ele quiser se levantar ele vai estar fraco, você vai levá-lo, levá-lo para os lugares”. (O prédio) Era um grupo escolar que eles aproveitaram para fazer... Porque tinha quatro andares, era em uma praça; eles transformaram aquilo em hospital. Então, ali na enfermaria, havia quase vinte, até sargentos, porque os oficiais tinham uma outra enfermaria.

Aí, eles foram mudando, mudando, e eu fui vendo como é que eles eram; eles tratavam a gente como igual, procuravam ajudar, até brincavam, esta coisa toda. Eles recebiam muita coisa de casa, doces, etc. Quando um ganhava um bolo, todos vinham, e ele dava um pedaço de bolo. Eu não podia ficar comendo aquilo. Mas era a mesma coisa, eles recebiam.

No hospital, eu escrevi duas cartas que não chegaram aqui no Brasil.

E: Não chegaram?

V: Não. Só a última carta, que eu ainda tenho. Eu dizia: “acho que agora vou sair do hospital, etc. Em dois dias, está tudo bem, e tal”. Esta carta veio, mas eu enviei do hospital, eu escrevi do hospital, e não sei como é que ela passou. Acho que por causa do timbre que tinha lá, da Cruz Vermelha americana, passou aqui e chegou. Foi a única carta que não veio recortada. As outras não receberam.

E: Como o senhor se sentiu em relação a este ferimento? Como foi para o senhor esta experiência desde que o senhor foi ferido, até ir para o hospital, voltar para guerra?

V: Ah! Eu vou dizer, viu. Quando eu fui ferido, que eu cai atrás, o Sargento que estava na minha frente, o Hanna, me falou: “espere aí que eu vou te botar no ombro!”. Então o

Tenente americano que estava lá falou: “suba nos ombros dele! Eu vou orienta-lo para que ele saia do campo minado”. Eles me levaram até a ambulância. Eu queria falar, mas não... O queixo estava balançando. Eu falei: “bom, será que eu vou falar? (risos). Será que eu vou conseguir falar de novo?”. É horrível, é horrível. A gente... Agora no hospital, eu cheguei lá no hospital também, e já cheguei... O Tenente já tinha falado que eu falava inglês, que eu entendia inglês. Então quando eu cheguei lá no hospital, etc. eu já ia falando, escrevendo o que eu tinha que escrever, porque falar eu não falava.

Neste hospital, um Tenente-Coronel médico estava me observando, e falou para um enfermeiro do lado: “Puxa, este teve uma sorte danada! Um estilhaço pegou pertinho da carótida; se baixa um pouquinho mais, ele estaria perdido”. Ele falou para mim: “pode ficar sossegado que você vai voltar para o Brasil”. Eu pensei que, se ia voltar para o Brasil, então eu estava bombardeado mesmo, não é? (risos). Mas graças a Deus depois eu fui.

E: Como foi voltar para a guerra depois de ter ficado neste hospital?

V: Não, foi bem.

E: O senhor esperava que fosse voltar para o combate?

V: Quase todos aqueles feridos americanos voltavam para as unidades. Então eu sabia. Quando saí do hospital fui para um centro, que tinha um Tenente, com algumas camas lá, etc., para o pessoal que saísse de hospital passar por lá. Depois de lá tínhamos que ir para um centro de triagem, mais acima. Quando eu passei no centro de triagem fui encaminhado. Dormi lá, e no dia seguinte um caminhão me levou, e mais um outro Sargento, que era de um outro grupo de artilharia. Ele tinha pisado em uma mina, e estava com o corpo todo furado de estilhaços.

Depois voltei para minha unidade; me apresentei em minha unidade, recebi ordens de me apresentar em minha bateria, que era a bateria de comando. Recebi novo fardamento, porque eu não tinha, tudo que eu tinha desapareceu; capacete, um capacete de fibra, porque tinha o de fibra e o de aço. Este de fibra era de um Sargento que tinha morrido, lá do nosso grupo (risos), logo no começo. Um caminhão virou, e ele caiu. Estava no grupo quando chegamos lá na Itália. Ainda estava com sangue e tudo.

Aí recebi uma sub-metralhadora, que era a arma de Sargentos, de chefe da sessão, e fiquei lá. E quando precisava a gente ia fazer a limpeza, eu e o Hanna, fazer a limpeza do terreno, ver se tinha mina. Mas não houve grandes problemas nisto, porque geralmente quando chegávamos em uma posição, tomávamos uma posição, já haviam feito a limpeza; o serviço de levantadores de mina, os sapeiros, já tinham ido lá. Mas às

vezes a gente chegava em um lugar que não deu tempo, que a coisa estava avançando demais, então a gente chegava lá, naquele lugarzinho ali estava livre, mas mais adiante não estava, então eu e o Hanna íamos fazer levantamento lá, ver se tinha minas, e retirávamos, mas aí já tinha pouca mina, a gente retirava algumas. As ante pessoais quase não tinha mais, retirávamos mais a *tele mine*, que é contra veículos, que é mais fácil, até, de tirar. A ante pessoal é problemática, é perigosa, já a outra era mais fácil. Então foi isso que deu.

Fomos até chegar lá no norte. Quando chegamos em uma cidade, nós estávamos em um prédio grande, acho que devia ser depósito de alimento, qualquer coisa assim, um prédio todo cimentado. Quando nós estávamos lá, cessou a guerra na Itália. Então foi aquela festa, aquele negócio todo.

Mas aí já não havia grandes problemas, porque os alemães que estavam para cima do Rio Pó, estavam daquele lado do Vale do Pó, da estrada, que naquela época as estradas já eram boas. Eram boas, todas asfaltadas, a não ser as vicinais, etc., que ainda não. Por exemplo, quando a gente saía daquela, pegávamos terra. Mas ali já mudou, porque os alemães que estavam lá para cima começaram a subir de uma vez. Aliás, foi esta divisão dos alemães que se entregou, porque eles estavam fugindo, eles estavam subindo. Estavam subindo para escapar, mas o 6º R.I. (Regimento de Infantaria) brecou-os.

E: Que momentos foram mais marcantes, mais significativos em sua participação na guerra?

V: Olha, acho que não houve, assim, grandes coisas. Eu achei, para mim, que o único... Às vezes em que fui estender fio com companheiros, não éramos tão visados assim, a gente ia por lá e consertava os fios. Agora, quando fomos para Montese sim; para Montese tivemos que estender várias linhas, inclusive uma de quase um quilometro de fio, para chegar lá perto. Aí então, quando a gente estava indo para lá, estava sendo bombardeada, e a gente estava ao lado do batalhão do 6º R.I., que estava avançando para lá, então... Eles geralmente é que eram mais atingidos do que nós, mas a coisa estava feia. Montese foi a que eu tive mais... Que a coisa foi mais perigosa, o resto foi mais ou menos.

E: O senhor presenciou momentos violentos?

V: Não, só mesmo em Montese não é? Em Montese sim. Porque era aquele fogo de artilharia, eles estavam bombardeando. Assim mesmo, eles estavam bombardeando a própria cidade, os alemães, porque os brasileiros já estavam lá dentro. Então estavam

bombardeando lá. Eu não cheguei a entrar na cidade, mas fiquei nos arredores; nos arredores eles também atiravam, agora o problema era o seguinte: a gente tinha que ter cuidado com minas.

E: Certo. Era o maior perigo?

V: Era, o maior perigo eram minas.

E: E o senhor presenciou companheiros sendo atingidos, sendo feridos?

V: Ah, não, isso não.

E: O senhor criou amizades, vínculos, durante a guerra? Com seus colegas?

V: Ah, sim, com os colegas de meu grupo de treinamento... De comunicação... Nós éramos muito amigos, brincando, sempre um ajudando o outro.

E: Certo. O senhor já tinha conhecido eles no treinamento aqui, ou foi formada uma nova...?

V: Não, já tinha aqui no treinamento, sido reunido.

E: E o senhor manteve contato com estas pessoas que conheceu durante a guerra?

V: Eu mantenho contato com vários e vários, desde logo que eu vim para aqui. Inclusive, fui padrinho do filho de um deles lá, de um Sargento, que era repórter da Gazeta. E, nós fazíamos o seguinte: reuniões, uma vez por mês, um reunia a turma na casa, nós fazíamos isto. E aqui também nós tivemos novos conhecimentos, com quem não conhecia, que fiquei conhecendo aqui, porque eu estou aqui na associação há muito tempo, de maneira que conheci muita gente. Mas mantive; só que, da minha turma de comunicação, eu sou o único Sargento vivo, todos os outros morreram. Eram oito, eles foram morrendo, já morreram; agora sou o último. E também logo mais vou morrer, porque estou com oitenta e oito anos, não é? (risos) Não vou ficar para semente.

E: O senhor sentiu falta de alguém após a guerra? Alguém que o senhor tinha lá?

V: Não, não. Porque, até quando nós estávamos já aguardando o embarque para o Brasil, na véspera do embarque, à noite, nossos Sargentos tinham uma barraca só. Então nós estávamos lá, e estávamos reunidos, e alguém apareceu lá com uma garrafa de vinho. Um vinho vagabundo, todo mundo punha aqui (aponta para os lábios) e passava para o outro, ninguém tomava, ninguém engolia o vinho (risos). Porque aquela região ali não tinha vinho que prestasse; ao contrário lá do norte, que o vinho lá era bom. Mas, então, um falava, outro falava, e eu falei: “bom, está tudo muito bem aqui, nós estamos falando muito bem, conversando, e tal. Mas, será que quando nós chegarmos no Brasil nós vamos manter esta relação que nós temos aqui, agora?”. Eu mesmo fiz esta pergunta para eles. Depois, já passado muito tempo, um dos Sargentos lá, que já faleceu, e

morava em Osasco, teve um dia que ele veio aqui e falou: “você lembra que você falou isso? É verdade viu, porque cada um, a turma se espalhou”. E é claro não é? Quem era do interior foi para o interior. Mas agora, é verdade que desta turma nossa, da bateria de comando, nós ficamos aqui na capital. Mas aqueles soldados, praças, quase todos foram para o interior, eram do interior.

E: O senhor perdeu algum companheiro na guerra?

V: Este que eu falei...

E: Durante a guerra?

V: É, durante a guerra. Ele estava no caminhão transportando não sei o que, e o caminhão virou, então ele bateu com a cabeça em uma pedra, e tal. Porque lá, os terrenos, as estradas eram todas estreitinhas, e era uma região montanhosa, tinha muita pedra, muita coisa.

E: Ah, então o senhor conhecia este homem que faleceu.

V: Sim, conhecia... Não me lembro o nome dele, a gente esquece. Era Terceiro Sargento. E foi o capacete de fibra dele que me deram, depois, quando eu voltei lá para a frente.

E: Então o senhor usou o capacete do seu companheiro...

V: Não me lembro se era Oliveira. Parece que o sobrenome dele era Oliveira. Mas assim de estar junto, e tal, não presenciei.

E: Como é que foi a experiência do final da guerra para o senhor?

V: Bom... Lá na Itália?

E: Lá na Itália.

V: Ah, foi uma satisfação muito grande. Eu digo, quando já terminou a guerra na Itália, que nós estávamos perto de (...), foi um alívio. Falei: “pronto, acabou! Agora, e tal”. Aí veio aquela notícia, que ou nós íamos ficar como tropa de ocupação, ou íamos para o Japão. E este negócio correu inclusive entre os americanos, viu, que nós íamos para o Japão. Mas aí estava todo mundo alegre, aquele negócio; nós fomos subindo, e aí não tinha mais problema, os poucos... A resistência alemã era de grupos, que fugiam também, e a infantaria aprisionava. Mas não houve combates, mais, depois. Terminou a guerra na Itália, parou tudo. Então, quando nós chegamos lá, que acabou a guerra lá na Itália, foi uma alegria. Mas os italianos foram mais efusivos.

E: Como assim?

V: Alegres, a alegria deles, por ter terminado a guerra...

E: Ah! Os civis, o senhor diz?

V: É. Não os prisioneiros, o pessoal da população mesmo, civil. Porque eles tinham

restrições, de comida, de gás, de eletricidade, de coisa de higiene, não tinham quase nada. Roupas. É verdade também que naquela época só tinha mulher e criança, ou idoso, porque os rapazes...

E: Estavam no Exército.

V: É, tinham sido... Estavam no Exército. Mas, eles ficaram em uma alegria louca. A gente ficou também, claro, pensamos que íamos embarcar. Mas aí começou aquela história: passa uma semana, passa duas semanas, a gente lá; quando é que vai embora? Não sabe quando é que vai, esta coisa toda. Mas aí a gente não conseguia...

Quando terminou a guerra, aí já foi cansaço, viu? A gente tava enjoado e queria voltar.

E: Muito cansaço?

V: É. Todo mundo só pensava em voltar. “Quando é que a gente vai voltar? Quando é que a gente vai embora? Quando é que a gente vai embora?”. E também, quando nós voltamos para perto de Nápoles, para embarcar, no acampamento de lá, ficamos lá um mês, quase dois meses, aguardando. A gente já estava saturado: “Estamos aqui, sempre a mesma coisa, quando é que a gente vai? Quando é que a gente não vai?”. Terminou a guerra, o pensamento único era de voltar, de ir embora.

E: Aproveitando isto, o senhor sentia falta de alguma coisa durante a guerra?

V: Não, falta não. Porque a alimentação não faltava; isto foi geral, tanto para a artilharia quanto para a infantaria. A alimentação era à base americana. Mas passava pela intendência nossa. Então, quando chegava na unidade, ela já abasileirava a comida.

A comida não, esta questão, especialmente nós, da artilharia, nunca tivemos falta de nada. Só tivemos falta, em uma ocasião, de sabão, sabonete, mas isso foi geral. Não sei por que cargas d’água ficou faltando sabonete, para chegar lá. Então nós tínhamos que usar este sabão de pedra, que chama, não é? Sabão de lavar roupa.

E: O senhor sentia falta de alguém, durante a guerra?

V: Bom, eu era noivo. Minha noiva era professora primária, e ela estava lecionando no sul do estado, lá em Pariqüera Sul. Então eu mandava correspondência para casa, para o pessoal de casa, minha irmã, minha mãe, que mandavam para ela. Porque ficava mais fácil. Se eu mandasse de lá, a coisa poderia complicar. Então eu sentia falta. E por mais que esteja, tem hora que a gente ficava parado, pensando um pouco, e aí dava saudades do Brasil, da coisa toda. E preocupação, não é? De, como é que vai ser lá?

E: Preocupação, a respeito da volta? É isto?

V: É, da volta. Porque, realmente, nós fomos abandonados. Chegamos lá no Rio,

desembarcamos, fomos para um quartel, já estávamos proibidos de usar farda da FEB; mas a gente usava, porque não tinha outra. Mas aí já era proibida. Porque a FEB foi dissolvida na Itália mesmo.

E: Sei, antes da volta.

V: É. A questão política aqui... Então, lá a gente... Eu tinha alguns conhecidos, lá no Rio, então eu ainda procurava um pouquinho lá, conversava lá com um casal com o qual eu me dava, fui uma ou duas vezes. Eu até levei alguns companheiros lá, porque eles não tinham ninguém lá no Rio. Mas eu estava querendo era vir embora. Aí, a hora que nós fomos desligados mesmo... Porque, aí, na unidade, o Tenente oficial que estava distribuindo a medalha de campanha, falou: “os sargentos que querem continuar no Exército e tal e tal, podem fazer o curso para oficiais”. Dali, da bateria de comando, só um. Os outros todos foram embora.

E: E depois da guerra, o senhor sentia falta de algo que tinha na guerra?

V: Não, não tive. Engraçado, que a gente tinha muito relacionamento, eu tive muito relacionamento, lá, depois que terminou a guerra, nesta vila. E a turma toda, a gente procurava fazer *ballet*, que dançava, esta coisa toda lá com as moças. Com as crianças a gente fazia... A própria unidade dava chocolate, fazia chocolatada para as crianças, esta coisa toda.

Até que nós, na véspera da viagem, recebemos de um grupo de crianças, que nos entregou um papelzinho escrito assim: “aos orgulhosos heróis brasileiros”. Entregaram para cada um. A criançada... A gente dava mesmo. Cuidava muito de criança. Aquilo que a gente podia fazer por criança, a gente fazia.

Em uma ocasião em que eu estive na Itália, estava até com minha mulher, nós fomos até Pistoia. Lá tinha um Sargento, Pereira, ele era encarregado do monumento lá. Ele ia lá todo dia. Ele e o sogro, que foi veterano da Primeira Guerra, lá na Itália; eles iam lá estender a bandeira, abaixar a bandeira. Então, todo mundo que passava por lá ia procura-lo. Eu falei par ele: “olha, eu teria vontade de voltar lá para aquela vila para ver, só para ver aquele pessoal lá; como é que a vila ficou, se ficou daquele mesmo jeito, se progrediu, esta coisa toda”. E ver também aquele pessoal que a gente se relacionava, aquelas moças que a gente conheceu, aquelas senhoras de casa, também. Aí o Pereira falou: “em primeiro lugar, você sabe que chega agora, cinco horas da tarde, está escuro”. E escurecia mesmo, no inverno. Chegava quatro e meia, ficava escuro, escuro, com as lâmpadas acesas. “Em segundo lugar, você vai chegar lá, você vai encontrar, por exemplo, uma moça que você conheceu lá, você vai encontrar uma *vetusta* senhora”

(risos). Depois deste tempo. Quem tinha lá, vamos supor, trinta anos, estaria com sessenta e poucos, ou setenta anos. Ele falou: “Vale a pena?”. Eu falei: “você está disposto a ir?”. Ele disse: “não, não estou”. Porque ele tinha carro, então nós combinávamos de ir para um lugar, e pagávamos a gasolina, comida. Até visitamos locais pelos quais passamos na guerra. Mas a minha mulher falou: “Não Pereira, eu faço questão de ir lá, eu quero ver o que que ele andou fazendo, o que ele aprontou lá!” (risos).

Foi interessante. Sabe que eu tenho um álbum, mas pouca coisa, porque a gente não podia tirar fotografia. Mas quando eu voltei do hospital, não sei quem arranjou uma máquina lá, então nós tiramos alguns filmes. Então o que eu consegui de filme lá, de outra coisa, eu fiz um álbum pequeno. E tem uma fotografia lá, da Lucía, Lucía o nome dela. Aí eu botei embaixo, assim: como é que eu pus? “Típico morador campestre” (risos)

(Fim da gravação devido à falta de fita. Continuação através de registros manuais)

O veterano afirma ter ido para a Europa, após a guerra, cinco vezes, sendo três delas acompanhado de sua esposa. Comenta que uma delas foi uma viagem de veteranos, em que reconstituíram o trajeto realizado por eles quando atuaram pela FEB. Conta que os brasileiros são vistos pelos italianos como heróis, como libertadores, e que existem seis monumentos na Itália em homenagem aos soldados brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial.

O entrevistador inquire se as pessoas perguntavam sobre o combate, após a atuação do veterano na guerra; este responde que nem todos perguntavam, embora alguns sim, principalmente estudantes. Já os adultos, geralmente não perguntavam. Algumas vezes conversava sobre isto quando almoçava, por exemplo, com seus alunos de escola particular. Em seguida diz que nunca falava espontaneamente sobre o assunto, a não ser uma vez, em que estava dando uma aula no Dia da Bandeira, e que os alunos faziam pouco caso acerca do evento. Então o veterano disse que nunca havia sentido tanta emoção quanto quando viu, em um monumento, as bandeiras dos EUA, Inglaterra e Brasil juntas. Os alunos teriam se silenciado após esta afirmação.

Continuando, ele afirma que, os veteranos, de um modo geral, não gostam de falar sobre a guerra. Isto, por causa das “celebres” perguntas, como o próprio entrevistador chegou a fazer: “você viu gente morrer? Matou alguém?”. Eles geralmente não gostam de falar, e ficam na defensiva; alguns inventam histórias, para compensar isto.

Fala de uma vez em que encontrou um conhecido em uma biblioteca, e que este estava acompanhado. Ao cumprimentar o veterano, apresentou-o para seu amigo dizendo: “Este matou muitos alemães!”. O veterano diz ter ficado absolutamente espantado com a afirmação, sem saber o que fazer. Este conhecido logo falou que era uma brincadeira, mas o veterano considerou esta uma “brincadeira besta”.

Em continuação, afirma que a guerra na Itália foi diferente do resto da guerra, como por exemplo, o famoso desembarque na Normandia. Isto porque a região era montanhosa, propiciando combates duros, difíceis, demorados, sem contato direto com o inimigo, sendo travados principalmente através de artilharia e posições defensivas. Portanto, a guerra na Itália não tinha o mesmo aspecto da guerra em outras regiões, mais abertas e com confrontos mais diretos. Por isso, ele só viu alemães prisioneiros, nunca frente a frente durante os combates.

Por fim, diz que a diferença na educação fazia muita diferença no impacto da guerra sobre o combatente. Alguns estavam mais preparados, conseguiam agüentar melhor. Já outros, mais simples, tinham maiores dificuldades de adaptação. Fala que alguns não se conformavam em ter que participar da guerra, e que inclusive houve deserções no Brasil, assim como em outros países. Afirma que alguns só foram para guerra por conformismo, por falta de opção, em uma forma de pensar: “já estou aqui mesmo, então eu vou”.